



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Antônio Trevisan

**A METAPSIKOLOGIA DA PULSÃO DE APODERAMENTO E SEU
ESTATUTO ORIGINÁRIO**

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso

Coorientador: Prof. Dr. Jean-Michel Vivès

Brasília

2024

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Antônio Trevisan

A METAPSIKOLOGIA DA PULSÃO DE APODERAMENTO E SEU ESTATUTO
ORIGINÁRIO

Banca de defesa de tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do
Departamento de Psicologia Clínica da Universidade

de Brasília, como requisito para a

obtenção do título de Doutor em Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso

Coorientador: Prof. Dr. Jean-Michel Vivès

Brasília

2024

A Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento e Seu Estatuto Originário

Banca Examinadora

Membro Interno: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso

Universidade de Brasília (UnB)

Membro Interno: Prof. Dr. Jean-Michel Vivès

Universidade de Brasília (UnB)

Membro Externo: Prof. Dr. Mario Eduardo Costa Pereira

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Membro Externo: Prof. Dr. Gustavo Henrique Dionisio

Universidade Estadual de São Paulo (Unesp)

Convidada: Prof.^a Dra. Denise Maurano Mello

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Suplente: Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman Chatelard

Universidade de Brasília (UnB)

Agradecimentos

A minha família, especialmente a minha mãe Vera Lucia Assis, que me apoiou e se presentificou em minhas ausências mais distantes.

Ao meu amigo e orientador Dr Jean Michel Vivès, a gratidão que jamais poderá ser descrita, especialmente por seu apoio e pela nobreza da parceria diante das adversidades.

A minha orientadora Dra. Marcia Cristina Maesso, pela paciência e acolhimento ao longo do processo, e principalmente por permitir a caminhada na subjetividade do meu tempo.

Aos amigos queridos, Eduardo Santos, pelo suporte e palavras de amparo, a Gislaine Benites de Matos por toda escuta e encorajamento, e Denise Lira pela doçura da companhia, e do incentivo a ousadia.

Aos amigos Cleber do Nascimento e George Lima, pelo companheirismo, favor e todo o trabalho dedicado com carinho inenarrável ao meu percurso pessoal e profissional

A Rosilene Caramalac pela presença, apoio e encorajamento nos momentos mais sensíveis da criação.

Ao grupo de estudos *Poiésis* por toda paciência, escuta incansável, e leitura atenta de toda a produção e percurso, que jamais teria chegado tão longe sem o apoio e presença.

A escola de Psicanálise do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro e Núcleo de Dourados, instituição a qual iniciei minha formação de psicanalista, e serviu me como inspiração, proporcionando encontros fundamentais para o percurso.

A fundação de apoio de Brasília – FAP -DF pelo apoio pela bolsa de estudos que tornou possível a efetivação do doutorado.

*Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra,
Que ocultaste estas coisas aos sábios
e instruídos e as revelaste aos pequeninos.*

Mat: 17.11

Resumo

Nesta tese retomo a investigação do termo alemão *Bemächtigungstrieb*, utilizado por Sigmund Freud para referir-se à ideia da pulsão de apoderamento. O objetivo desta pesquisa é a reavaliação tradutória e histórica desse tema no campo da psicanálise, principalmente pelo fato de que, no Brasil, tradicionalmente, seu uso é feito na forma de pulsão de dominação. Para sustentar as articulações, retorno à obra de Freud sobre a pulsão de apoderamento, empregando as provocações de Jacques Lacan, Piera Aulagnier e outros teóricos para destacar sua importância na constituição psíquica e nas manifestações psicopatológicas. A construção foi realizada em dois eixos centrais que resultam na construção da metapsicologia até as psicopatologias da pulsão de apoderamento, a qual reúne as características dessa força em instrumentos conceituais, que permitem defender uma nova posição conceitual. Nesta releitura, a pulsão de apoderamento é ilustrada nas manifestações da subjetividade, como pegar, apegar, dominar e apoderar. No primeiro eixo, apresento a discussão predominantemente histórica, abordando a tradução, as diferentes abordagens e as problemáticas em torno delas. O resultado desse primeiro eixo é a construção de uma perspectiva que, ao invés de pulsão de dominação, defende a tradução de *Bemächtigungstrieb* na versão de pulsão de apoderamento, e a define da seguinte forma: é a força empenhada para apoderar o psiquismo em sua relação com o mundo, isto é, potência para fazer o trabalho da criação no advir do sujeito psíquico. A partir dessa posição proponho uma instrumentação dessa força nos termos de sua operacionalidade, em que apresento os três tempos da pulsão de apoderamento: no primeiro tempo, o fazer pegar; no segundo, o fazer pegado, e no terceiro e último, o se fazer pegar. Num refinamento da dinâmica pulsional emprego a noção de apassivação imanente da criação do terceiro tempo do apoderamento para esclarecer a especificidade do apoderar. Já no segundo eixo concentro as demonstrações da hipótese, utilizando a clínica do autismo para revelar a pulsão de apoderamento em sua manifestação patológica. Como apoio metodológico emprego a lógica da patoanálise dada por Schotte, para dar visibilidade à patogenia do apoderamento, efeito das complicações da temporalidade pulsional. O apontamento central da pulsão de apoderamento no autismo reside no seguinte: no funcionamento autístico é possível observar com clareza o primeiro tempo do apoderamento, o fazer pegar, assim como o segundo tempo, o fazer pegado, mas, sobretudo, evidencia a inexistência da dimensão terceira da pulsão de apoderamento, que, como efeito originário, não constrói o ponto que

permite a passagem da criança do fazer pegado ao se fazer pegar pelo outro. A demonstração de cada elemento temporal é realizada em dois casos, sendo o primeiro o do garoto Naoki Higashida, de 13 anos, por meio da análise de sua obra “*O que me faz pular*”, traduzido para o português em 2014, e o outro, o do menino Léo, de 4 anos, exposto na obra “*Autismo e Mediação: Bricolar uma solução para cada um*”, de Vivès e Orrado (2021). Assim, a conclusão expõe um novo fundamento para a pulsão, expressado no bloco da psicopatologia do apoderamento, fornecendo elementos para examinar a patogenia em questão. Em suma, é a apresentação de uma abordagem dos mecanismos adocidos em decorrência do estado dessa pulsão, permitindo ampliar as intervenções no tratamento dessa manifestação.

Palavras-Chave: apoderamento, *bemächtigungstrieb*, dominação, psicopatologia

Résumé

Dans cette thèse je reviens sur l’investigation du terme allemand *Bemächtigungstrieb* utilisé par Sigmund Freud pour désigner l’idée de pulsion d’emprise. L’objectif de cette recherche est la réévaluation translationnelle et historique dans le domaine de la psychanalyse, principalement en raison du fait qu’au Brésil, son utilisation se fait traditionnellement sous forme de domination. Pour étayer ces articulations, je reviens aux travaux de Freud sur la pulsion de saisie, en utilisant les provocations de Jacques Lacan, Piera Aulagnier et d’autres théoriciens pour souligner son importance dans la constitution psychique et dans les manifestations psychopathologiques. La construction s’est réalisée selon deux axes centraux qui aboutissent à la construction de la métapsychologie jusqu’aux psychopathologies de la pulsion d’emprise, qui rassemble les caractéristiques de cette force dans des instruments conceptuels, qui permettent de défendre une nouvelle position conceptuelle. Dans cette réinterprétation, la pulsion d’emprise est illustrée dans les manifestations de la subjectivité, telles que prendre, s’accrocher, dominer et s’approprier. Dans le premier axe, je présente la discussion à prédominance historique, abordant la traduction, les différentes approches et les enjeux qui les entourent. Le résultat de ce premier axe est la construction d’une perspective qui, au lieu de la pulsion de domination, défend la traduction du *Bemächtigungstrieb* dans la version de la pulsion d’emprise, et la définit ainsi: c’est la force engagée à prendre le contrôle du pouvoir. le psychisme dans sa relation avec le monde, c’est-à-dire le pouvoir de faire l’œuvre de création dans la venue du sujet psychique. De ce point de vue, je propose une

instrumentation de cette force, dans son opérationnalité, où je présente les trois étapes de la pulsion d'emprise : dans la première étape, la faire une prise; dans le deuxième, se faire tenir, et dans le troisième et dernier, se faire tenir. Dans un raffinement de la dynamique pulsionnelle, j'utilise la notion de passivation immanente dans la création de la troisième étape d'emprise pour clarifier la spécificité de la prise en charge. Dans le deuxième axe, je me concentre sur la démonstration de l'hypothèse en utilisant la clinique de l'autisme pour révéler la pulsion d'emprise dans sa manifestation pathologique. Comme support méthodologique j'utilise la logique de pathoanalyse donnée par Schotte, pour donner de la visibilité à la pathogenèse de l'emprise, effet des complications de la temporalité de la pulsion. Le point central de la pulsion d'emprise en charge dans l'autisme réside dans le suivant: dans le fonctionnement autistique, il est possible d'observer clairement la première étape de faire une prise, qui consiste à réaliser la capture, ainsi que la deuxième étape, qui consiste à réaliser la capture, mais, surtout, elle met en évidence l'inexistence de la dimension tiers de la pulsion d'emprise en charge, qui, comme effet original, ne construit pas le point qui permet à l'enfant de passer d'être attrapé à être attrapé par l'autre. La démonstration de chaque élément temporel est réalisée dans deux cas, le premier étant celui du garçon de 13 ans Naoki Higashida, à travers l'analyse de son œuvre « Ce qui me fait sauter », et l'autre, du garçon de 4 ans. -le vieux Léo exposé dans l'ouvrage «Médiation et autisme: Bricoler une solution pour chacun », de Vivès et Orrado (2021). Ainsi, la conclusion expose un nouveau fondement de la pulsion, exprimé dans la psychopathologie des crises, fournissant des éléments pour examiner la pathogenèse en question. En bref, c'est la présentation d'une approche des mécanismes qui deviennent malades à cause de l'état de cette pulsion, permettant l'expansion des interventions dans le traitement de cette manifestation.

Mots-clés : Empowerment, bemächtigungstrieb, domination, psychopathologie

Abstract

In this thesis I return to the investigation of the German term Bemächtigungstrieb used by Sigmund Freud to refer to the idea of Master the drive to take over. The objective of this research is the translational and historical reevaluation in the field of psychoanalysis, mainly due to the fact that in Brazil, its use is traditionally done in the form of domination. To support the articulations, I return to Freud's work on the drive to seize, employing the provocations of Jacques Lacan, Piera Aulagnier, and other theorists to highlight its

importance in the psychic constitution, and in psychopathological manifestations. The construction was carried out along two central axes that result in the construction of metapsychology up to the psychopathologies of the drive for empowerment, which brings together the characteristics of this force in conceptual instruments, which allow defending a new conceptual position. In this reinterpretation, the drive to seize is illustrated in the manifestations of subjectivity, such as taking, clinging, dominating and appropriating. In the first axis, I present the predominantly historical discussion, addressing translation, the different approaches, and the issues surrounding them. The result of this first axis is the construction of a perspective that, instead of the drive for domination, defends the translation of *Bemächtigungstrieb* into the version of the drive for empowerment, and defines it as follows: it is the force committed to taking over the psyche in its relationship with the world, that is, the power to do the work of creation in the coming of the psychic subject. From this position, I propose an instrumentation of this force, in terms of its operability, where I present the three stages of the drive to seize: in the first stage, making it stick; in the second, getting caught, and the third, and last, getting caught. In a refinement of the drive dynamics, I use the notion of immanent passivation in the creation of the third stage of empowerment to clarify the specificity of taking over. In the second axis, I focus on demonstrating the hypothesis using the autism clinic to reveal the drive for empowerment in its pathological manifestation. With the support methodological I use the logic of pathoanalysis given by Schotte, to give visibility to the pathogenesis of empowerment, the effect of the complications of the temporality of the drive. The central point of the takeover drive in autism lies in the following: in autistic functioning it is possible to clearly observe the first stage of takeover, making the catch, as well as the second stage, making the catch, but, above all, it highlights the non-existence of the dimension third of the drive to take over, which, as an original effect, does not build the point that allows the child to move from being caught to being caught by the other. The demonstration of each temporal element is carried out in two cases, the first being that of the 13-year-old boy Naoki Higashida, through the analysis of his work “What makes me jump”, and the other, of the 4-year-old boy Léo exposed in the work “Mediação and Autism: Bricolating a solution for each one”, by Vivès and Orrado (2021). Thus, the conclusion exposes a new foundation for drive, expressed in the psychopathology of seizure, providing elements to examine the pathogenesis in question. In short, it is the presentation of an approach to the mechanisms that become ill as a result of the state of

this drive, allowing for the expansion of interventions in the treatment of this manifestation.

Keywords: empowerment, bemächtigungstrieb, domination, psychopathology

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 – O Cenário das Traduções e Seus Impasses	15
1.1. Das traduções e torções interpretativas.....	15
1.2. O termo <i>Bemächtigungstrieb</i> e a desmontagem da dominação	26
1.3. A diferenciação da crueldade e da agressividade.....	36
1.4. A introdução do apoderamento em Freud	44
Capítulo 2 – A Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento e Seu Estatuto	
Originário	47
2.1. A metapsicologia do apoderamento nas origens do psiquismo.....	47
2.2. A incorporação: pré-face do apoderar-se.....	53
2.3. Os dispositivos originários: o ódio e o amor.....	62
2.4. A distinção do apoderamento e da pulsão de morte	68
Capítulo 3 - O Estatuto Originário	84
3.1. Sobre a destruição e a criação.....	84
3.2 Os três tempos da pulsão de apoderamento.....	95
3.2.1 – O primeiro: fazer pegar.....	100
3.2.2 – O segundo: fazer pegado.....	104
3.2.3 – O terceiro: se fazer pegar.....	110
Capítulo 4 – As Demonstrações Clínicas	117
4.1 O isolamento do apego: A travessia da teoria à clínica.....	121
4.2. – A psicopatologia da pulsão de apoderamento no autismo.....	139
Capítulo 5 - Os Casos Clínicos	150
5.1 -Caso Leo.....	150
5.1.1 – A estereotipia de Leo: dispositivo de apoderamento.....	161
5.2 – Caso Naoki.....	166

5.2.1 - O objeto voz: do fazer pegar ao se fazer pegar.....	167
5.2.2 - O aparelho corpóreo do apoderamento.....	178
Capítulo 6 – Conclusão.....	183
Referências Bibliográficas	187

Introdução:

A pesquisa tem como objetivo a investigação sobre a pulsão de apoderamento, noção desenvolvida pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud, ainda pouco explorada por seus intérpretes. A construção desta tese foi elaborada em dois eixos: o primeiro trata da exploração da história gramatical e conceitual do termo, revisando os impasses semânticos do alemão. Ainda nesse bloco, o protagonismo é em torno das palavras *Bemächtigungstrieb*, *Bewältigungstrieb* e suas variações, que justificam o uso da forma de pulsão de apoderamento, e não dominação.

No primeiro capítulo, apresento a história das traduções e seu contexto, revelando a desmontagem gramática e conceitual da noção de dominação. Feitos os esclarecimentos dessa parte, passo ao segundo capítulo, que concentra a exposição da Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento e reúne considerações epistêmicas e teóricas na releitura distintiva daquelas apresentadas. No terceiro capítulo, retomo a posição conceitual e os elementos que sustentam seu desenvolvimento, expondo essencialmente a condição originária da pulsão anterior à vetorização de *Eros* e *Thanatos*.

Na elaboração, sublinho ponto a ponto o trabalho do apoderamento na atividade de criação e destruição, principalmente na constituição do próprio psiquismo. Ainda no terceiro capítulo, acrescento as subseções, para apresentar os três tempos da pulsão de apoderamento, assinalando a relevância da apassivação, sobretudo por expor a diferença da forma com que Freud (1915/2021) se refere à “volta a si”. A partir dos esclarecimentos e dados seus argumentos, passo ao eixo das demonstrações clínicas.

No campo metodológico, proponho utilizar a clínica do autismo para demonstrar a manifestação da pulsão de apoderamento. Os dados foram extraídos de dois casos clínicos expostos publicamente na literatura, sendo o primeiro: o caso Léo, de 04 anos, tratado no livro “*Autismo e mediação: bricolagem uma solução para cada um*”, de Vivès e

Orrado, publicado no Brasil pela Editora Aller, em 2021, e o segundo: o caso autobiográfico de Naoki, 13 anos, no livro “*O que me faz pular*”, de 2014. A razão para tal escolha é atravessar com menos entraves o crivo do diagnóstico, da transferência e os complexos dispositivos envolvidos no tratamento, contexto que permitiu debruçar-me diretamente nos apontamentos da tese sobre os casos.

A escolha da psicopatologia do autismo se deve ao fato de que nessa clínica a aparição do apoderamento é mais nítida, justamente por se tratar de uma condição arcaica do psiquismo. A escolha também foi inspirada na lógica da patoanálise elaborada por Schotte (1982/1990), psicanalista belga da década de 1980, pois segundo ele existem certos fenômenos do aparelho psíquico que só podem ser notados claramente na manifestação patológica, caso contrário, no desenvolvimento comum não seria possível observá-los. Considero, assim, que no autismo se torna possível revelar o modo adoecido da pulsão de apoderamento, tanto na forma quanto na temporalidade pulsional.

Do contato com o trabalho de Schotte (1959) elaboramos um recorte sobre a pulsão de apoderamento que é a patogenia, isto é, um bloco que aborda mais precisamente os mecanismos dessa força, em que estão as seguintes expressões: fazer pegar, fazer pegado e se fazer pegar. Sobretudo, convém sublinhar que não se trata de uma tese sobre o autismo, mas sim de usar as manifestações clínicas para apresentar a novidade da posição. Esclareço, a tempo, que utilizar a lógica da patoanálise não significa recortar a patologia num esforço adaptativo; embora na psicanálise parece ser óbvio não se tratar disso, é imprescindível que o óbvio também seja dito, ou melhor, escrito.

O capítulo 4 abre o bloco clínico, referindo-se à atividade do apego como centro do exame, e aborda o estudo da Teoria do Apego de Bowlby (1969) numa articulação derradeira da história à clínica, discutindo o traço do apego para redistribuí-lo num

argumento sobre a pulsão. Em síntese, o apego é compreendido numa manifestação isolada do apoderamento.

O capítulo 5 trata da análise da pulsão de apoderamento na clínica do autismo, expondo as correspondências de suas ações na forma patológica. O capítulo é composto por duas subseções que detalham a psicopatologia do apoderamento, bem como as consequências dessa condição na vida das crianças.

Por fim, o capítulo 6, Conclusão, indica, sobretudo, a especificidade dessa pulsão numa categoria própria no rol das psicopatologias.

Capítulo 1 – O Cenário das Traduções e Seus Impasses

1.1. Das traduções e torções interpretativas

A retomada do tema da pulsão de apoderamento é, em si, um trabalho sensível e complexo por diversos motivos, como, por exemplo, a questão da tradução, a relevância do conceito a outros saberes e a escassa produção no universo da psicanálise. Ao investigar a pulsão de apoderamento, encontramos a brevidade do assunto na literatura e, quando referenciada, permanece relegada a outros conceitos, principalmente na produção brasileira, em que o assunto, quando aparece, é sob a esfera da pulsão de morte.

Diante das constatações, formulamos, inicialmente, dois blocos: um do estado da arte, para indicar uma posição conceitual da pulsão de apoderamento, e o outro, das considerações clínicas e demonstrações da hipótese. Durante a construção da tese, marcamos os problemas em torno da questão, desde posições, interpretações e definições dos autores ao longo da história até as próprias dificuldades do pensamento de Freud.

A tese foi organizada da seguinte maneira: primeiramente, o núcleo da interpretação histórica advinda das releituras e análises da obra de Freud, cujo campo se

torna ainda mais crítico e raso; por isso, exploramos dicionários, vocabulários, indexadores em alguns idiomas que abordam o assunto. Dentre eles, obras originalmente em francês, espanhol, inglês e as versões em português, em sua maioria traduzidas secundariamente, portanto, com as digressões do viés tradutório, como do francês, do inglês e do alemão para o português.

Bem, no segundo momento, dissecamos a centralidade do termo *Bemächtigungstrieb*, no exame original de Freud. Cabe de imediato sinalizar dois fatos: o termo foi empregado por Freud em 1905, nos *Três Ensaio da Teoria da Sexualidade*, e tomaremos como tradução a versão pulsão de apoderamento, e as razões dessa posição serão retomadas adiante. De modo introdutório, listamos as traduções de *Bemächtigungstrieb* que se encontram nas formas de *instinct for mastery* ou *drive to master*, no inglês; *pulsion d'emprise* ou *pulsion de pouvoir*, no francês; *pulsion de apoderamiento*, no espanhol; *pulsione d'impossessamento*, no italiano e, por fim, instinto de dominação, impulso ou pulsão de apoderamento, no português.

Para situar mais precisamente os embaraços tradutórios, agrupamos por idioma as nuances. Inicialmente, no inglês, a versão clássica é *instinct for mastery* ou *instinct for drive*, que cravou marcas indeléveis à própria obra freudiana. O assunto ganhou um pouco mais de expressão no desenvolvimento do psicanalista Ives Hendrick, em seu famoso artigo “*The discussion of the Instinct to master*”, que, apesar de sua longa correspondência com Freud nos anos 1930, quando estava em Boston, nada acrescentou ao assunto (Roazen, 1979).

O responsável da Editora *Imago*, Strachey (1966), preservou a tradução de *Trieb* por instinto, o que, por sua vez, introduz uma problemática irreparável e ainda persistente para a psicanálise. O mesmo ocorreu ao termo *Bemächtigungstrieb*, que passou a ser interpretado como *instinct for mastery*, e que infelizmente, no Brasil, foi traduzido como

pulsão de dominação. A respeito de tal feito, White (2010) criticou severamente a posição de Strachey, por sua inobservância à composição da palavra e das particularidades do alemão, e por consequência marcou o termo com certo reducionismo.

Seguindo a tradição americana, Hendrick (1943), que foi um dos pioneiros na abordagem do tema, deu a noção outra amplitude, tornando-o parte das tramas pulsionais envolvidas na sublimação. Segundo Hendrick (1943), tratava-se do impulso do controle como uma sublimação do desejo de conhecer. Sua contribuição apontou o traço da pulsão em relação ao saber, a fim de explicar a aprendizagem. Porém, o ponto de vista ainda não nos parece satisfatório mediante a amplitude da presença contida na obra freudiana (Roazen, 1979, 1982).

O desenvolvimento do eixo histórico busca dados sobre a pulsão de apoderamento e passa fundamentalmente a explorar a produção teórica na Europa, principalmente entre os grupos francófonos de psicanálise. Para começo de conversa, é fundamental destacar que o tema ganhou força e notoriedade a partir dos trabalhos de Grunberger (1959), na França, precursor da tradução de *Bemächtigungstrieb* para o francês, na forma *pulsion d'emprise*. O autor empregou de modo inaugural a expressão *pulsion d'emprise* em decorrência de sua compreensão sobre o caráter sádico-anal, que daria as coordenadas para a ação pulsional de apoderar-se.

Na concepção de Grunberger, a atividade *d'emprise* revela “uma posição fundamental que não é somente um meio submetido a uma finalidade que o supera, mas um fim em si, que a fase genital deverá integrar mais tarde” (Grunberger, 1959, pp. 146-147). Os apontamentos do autor versam sobre a potência dessa pulsão na formação do Eu e suas ressonâncias no narcisismo.

A *pulsion d'emprise* pode ser encontrada com mais frequência, e num retrato ampliado, nos verbetes de dicionários franceses, como Laplanche e Pontalis (1967/2022),

Roudinesco e Plon (1998), Delrieu (2002), Le Guen (2005) e Mijolla (2005), trabalho que infelizmente não acontece no Brasil. Os franceses notaram a importância de *L'émprise* e desenvolveram significativamente a problemática de que tal assunto trata, dentre eles Grunberger (1959, 1960), Gantheret (1981), Bergeret (1981, 1984/2005), Gillibert (1981, 1984, 1990), Anzieu (1981) e Dorey (1986).

No diverso bloco de instituições e escolas de psicanálise, e de distintas atuações, estão os trabalhos de Assoun (1989/1991, 2002, 2009), Denis (1997), Sédat (2009, 2012), registrando observações no campo da metapsicologia, enquanto outros, como Hermann (1972), Barbier (1992) e Ferrant (1991, 2001), revisitaram a concepção aplicada aos estudos da agressividade e da psicomotricidade.

Além desses autores, destacamos com particularidade o trabalho do psicanalista húngaro Imre Hermann, parceiro de Ferenczi na pesquisa psicanalítica. Postulando uma noção mais original, ou seja, a noção de "*instinct filial*", ofertou um caminho para a *pulsion d'agrippement*, uma derivação da pulsão de apoderamento, que seria a forma pulsão de agarrar. As indicações de Hendrick na década de 1940 influenciaram os psicanalistas como Spitz, Winnicott e Bowlby e integram certa epistemologia do tema, por tratar especificamente da noção de agarrar e de apego numa compreensão pulsional.

Em relação à história da temática, especialmente sobre a noção de Hermann (1972), encontramos uma abordagem mais elaborada sobre o impulso de agarrar, que segundo ele está presente no desenvolvimento da teoria freudiana sobre as pulsões. Hermann (1972) realizou seus estudos sobre a ação da criança de pegar, tocar, apropriar-se como uma modalidade pulsional que se situa ao lado de Eros, numa fundação do psiquismo. Embora discorde do postulado de Hermann, passarei adiante a integrar a análise do agarrar e do pegar, para firmar a reavaliação do apoderamento.

A noção da pulsão como uma força para ligação/tomada do mundo margeia diversas noções e pesquisas, e presentifica-se sob vários nomes, a constar: a *pulsion d'emprise*, *pulsion de pouvoir*, *pulsion d'agrippement*, *pulsion d'attachement*, que são consideradas tentativas de elucidar as referências de Freud ao tema. Dessas variações, além da amplitude dada por *pulsion d'emprise*, incluo mais detalhamento da *pulsion d'attachement* e da Teoria do Apego de Bowlby, relidas como instrumentos fundamentais, para precisar as diferenças da ideia aqui apresentada.

Ainda no arrolamento histórico, registro o trabalho de Anzieu (1989) sobre a formação do Eu, mencionando a atividade psíquica operada por meio da pele, uma via de apreensão do mundo. Anzieu (1989) referiu-se à *pulsion d'agrippement*, aproximando-a de *d'emprise*, mas sem, contudo, uma exposição robusta dos detalhes. A posição da pulsão de apoderamento em relação à *pulsion d'emprise*, tal como a entendo, se diferencia da maneira posta por Anzieu, que enfatizou nela o caráter do domínio.

O motivo de expor as variações interpretativas não é apenas marcar diferenças, mas esclarecer a posição construída, sobre cujo assunto o trabalho dos autores constitui a introdução. No arrolamento do quadro teórico pós-freudiano, sublinho as contribuições da psicanalista Aulagnier, dissidente do movimento lacaniano, e que empreendeu pesquisas fundamentais sobre a metapsicologia. Aulagnier (1979), de modo original, marca pontos de alusão à atividade pulsional numa perspectiva valiosa, que constitui a consistência da hipótese construída, servindo como um sólido terreno para apoiar a noção sobre o apoderamento, como impulso para criar/registrar as experiências mais primitivas do aparelho psíquico (Aulagnier, 1979).

No vasto postulado de Aulagnier (1979), extraímos mecanismos que iluminam o desenvolvimento em torno da pulsão, imprescindivelmente na noção de metabolização.

A formulação da atividade metabolizadora é relida nesta tese como uma maneira muito precisa de descrever a ação do apoderamento.

Segundo Aulagnier (1979) e o que entende Mijolla (2005), a metabolização é um processo pelo qual o corpo como aparelho funciona na função de informante das experiências do bebê. Assim, o corpo/aparelho é uma maneira análoga ao modo de Freud se referir ao aparelho da pulsão de apoderamento, o muscular, *Bemächtigungsapparat* (Freud, 1905/2016).

Vale considerar que foi do campo teórico de Aulagnier (1979) que extraí condições para alicerçar a nova posição da pulsão de apoderamento e as articulações de seu pensamento. A exemplo disso, expomos a construção de um bloco conceitual que reúne diversos elementos teóricos da ideia da autora, no artigo “*A metapsicologia da pulsão de apoderamento: considerações sobre as origens do psiquismo*”, no qual o trabalho do apoderamento é mais claro, na função de apoderar o corpo na criação do pictograma, conceito dado por Aulagnier ao se referir à constituição subjetiva (Trevisan & Bertoche, 2023).

Ainda no cenário francês dos anos 1990 surgiram outras pesquisas sobre o tema, dentre elas, a produção de Denis (1997), que formula uma posição sobre a questão em seu livro “*Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion d’emprise*”. Nele, o autor articulou dois modos operacionalizáveis da pulsão: o domínio e a satisfação, expondo sua análise das palavras *Bemächtigungstrieb* e *Bewältigungstrieb*.

Ainda que o autor sugira que há na pulsão dois elementos essenciais, o de dominação e o de satisfação, não compreendo a ação dessa pulsão no mesmo sentido e, portanto, preservo a oposição sobre sua descrição. O ponto de apoio para isso é encontrado em Freud, que situa o termo *Bemächtigungstrieb* como força não sexual e organizativa. Além disso, a retomada em 1920, por meio do jogo do Fort-da, indica a

presença da potência para criação, que não é integrada no desenvolvimento proposto por Denis, sendo assim, sua posição é incompatível coma releitura construída neste tese

Incluímos a compreensão de Dorey (1981, 1986) sobre o assunto, que, embora tenha construído uma análise rigorosa da questão, ainda não mostra suficientemente amplitude conceitual do tema. Dorey (1986) denunciou que a forma *instinct for mastery* desconsidera a semântica das observações freudianas. E em contraposição Dorey (1986) aborda a noção de *l'emprise* no sentido de dominação, controle, apoderamento – posição herdada de Grunberger (1959), ressaltando a inexplicável dimensão da pulsão mencionada por Freud.

O fundamento de Dorey (1981, 1986) atribui à *pulsion d'emprise* um sentido mais específico. Para ele, a noção seria a atuação da força relacional que se estabelece entre o Eu e o mundo, com o objetivo fundamental de dominar e anular qualquer diferença que o outro possa manifestar. Sua concepção faz alusão a um tipo de força para ligar e explorar os elementos do mundo, evidenciando em sua ação o traço da natureza originária aparecendo na forma epistemofílica.

Na construção das diferenças da pulsão de apoderamento tal como propomos, notamos muito cedo nesta pesquisa a propensão do traço epistemofílico para manifestar o apoderamento, que foi retomada em nosso artigo “*Sobre a justificativa em separar a crueldade do traço epistemofílico da pulsão de apoderamento*” (Trevisan et al, 2022). O artigo foi um dos primeiros desta tese, justamente por expor a diferenciação conceitual, sobretudo, numa via de introdução para fortalecer a noção dada a essa força pulsional.

Destaco um marco importante sobre o tema na França, que, diga-se de passagem, é bem mais popular do que no Brasil. É a tese de doutorado de Ferrant (1991), realizada na Universidade de Lyon, intitulada “*Les destins psychiques de l'emprise*”, que abordou a noção da *pulsion d'emprise* para indicar a aderência pulsional para se ligar, inclinada à

ação da violência. O autor sustentou, ainda, como demonstração, as manifestações da tirania pulsional, assim como foi descrito em seu artigo “*Emprise et lien tyrannique*” (Ferrant, 2001). Entretanto, um ponto curioso sobre a posição de Ferrant é o fato de que, em sua tese, não há referências ao trabalho de Grunberger, nem à discussão de suas ideias.

No Brasil, a esteira tradutória e interpretativa se passa num trabalho mais estreito e um tanto quanto inóspito, seja nas divergências tradutórias, seja na confusão interpretativa, cuja consequência é o enfraquecimento do avanço de pesquisa, permanecendo a exposição reduzida e derivada dos postulados dos autores franceses. Na língua portuguesa, a escolha dos tradutores predominou sob os termos pulsão de dominação e/ou instinto de dominação. A condição retratada é consequência da posição de Strachey e perpetuada na produção de Cardoso (2002), Caropreso (2010), Efken (2017) e Jorge (2023). Para eles, estaria evidente a ação da dominação na referência de Freud sobre o tema.

Ainda que a tradição seja bastante sedimentada no Brasil, é salutar destacar que existem outras posições tradutórias, das quais, inclusive, nos valem como apoio para sustentar a forma de apoderamento. A exemplo disso, expomos a edição da Companhia das Letras do livro “*Os instintos e seus destinos*” (Freud, 1915/2010), de Paulo César de Souza, que traduziu “impulso de apoderamento”, e o trabalho de Pedro Heliodoro Tavares, *A pulsão e seus destinos* (Freud, 1915/2021), que contém uma passagem direto do alemão para o português, na qual escreve a expressão “ímpeto à dominação”.

Além das referências destacadas, podemos ler em português um mesmo texto de Freud com as variações de tradução. O objeto textual utilizado é de 1920, no original *Jenseits des Lustprinzips*. Temos a versão clássica de James Strachey, nomeando como “instinto de dominação” e *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/1996); na versão da Editora L&PM, traduzida por Renato Zwick, se utiliza “impulso de posse” (Freud,

1920/2021); a edição da Companhia das Letras, traduzida por Paulo César de Sousa, escolhe “impulso de apoderamento”, juntamente com o nome *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010); e, por fim, a versão crítica bilíngue que adotamos nesta pesquisa, a tradução de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares, da Editora Autêntica, assumindo a escrita de “pulsão de apoderamento” e o título *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2020).

Ainda no cenário do estado da arte, não foram encontradas teses, dissertações e/ou artigos com o título da pulsão, seja de dominação ou mesmo de apoderamento. Encontramos notas e breves comentários nos dicionários Laplanche e Pontalis (1967/2022), Chemama (1995), Kaufmann (1996), Roudinesco e Plon (1998), Dylan (1998/2007), Mijolla (2005), Zimmerman (2008), sempre nomeada como pulsão de dominação. A exemplo disso, vejamos a exposição de Roudinesco e Plon (1998), traduzida por Vera Ribeiro:

Se há uma diversificação das zonas erógenas, isso significa que a pulsão sexual (cuja manifestação é a libido) divide-se em pulsões parciais: duas delas estão ligadas a regiões do corpo (pulsão oral e pulsão anal), enquanto as outras se definem por seu alvo (a pulsão de dominação, por exemplo). (p. 473).

O assunto segue anexado ao sadismo: “O sadismo não é explicitamente inscrito na categoria das pulsões sexuais, mas sob a epígrafe da pulsão de dominação” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 682). O trabalho de Kaufmann (1996), traduzido por Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, também opta por pulsão de dominação, referenciando a noção nos moldes de atividade-passividade ligada à destruição. Ele afirma:

O destino de uma pressão pulsional depende, portanto, dos investimentos respectivos do sujeito e do objeto. É assim que, quando a atividade é atribuída ao Outro, a uma instância separada ou a uma pessoa no mundo externo, o sujeito pode se ver reduzido ao eu-objeto.

Ou ainda, é segundo a posição do objeto que uma pulsão de destruição assume forma de pulsão de morte voltada contra a própria pessoa ou de pulsão de dominação e de agressividade derivada para o exterior (Kaufmann, 1996, p. 54).

Evidenciamos o vocabulário de Laplanche e Pontalis originalmente publicado em 1967 na França, traduzido por Pedro Tamen, que designa uma ação processual no termo pulsão de dominação:

Denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que seu emprego possa ser codificado com precisão. Freud entende por ela uma pulsão não sexual, que só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força (Laplanche & Pontalis, 1967/2022, p. 398).

Em continuidade ao levantamento histórico, algumas consequências vão se tornando inevitáveis; uma delas é a desmontagem da abordagem que define a pulsão, como a nomeação de dominação. Por outro lado, a exposição de Le Guen (2005) sobre o verbete da *pulsion d'emprise* é mais generosa, expõe a questão, é jogo sobre o enigma que permanece sobre a questão e expõe a referência do tema até o final da obra de Freud.

Mesmo com tais esforços, tanto Delrieu (2002) como Le Guen (2005) enquadram a pulsão como uma dimensão parcial, o que para nós parece cabível, desde que a compreenda desde as origens. Le Guen (2005, p. 1230) encerra sua explanação com um questionamento que nos interessa: “Se Freud não retomou isso na compulsão e repetição, será que é dada a dificuldade em situar a especificidade dessa pulsão?”. A questão ilumina o caminho e encontra, tanto no percurso como ao final da tese, a construção de uma resposta.

A questão de Le Guen nos precede e pode ser examinada nas ressonâncias do postulado freudiano sobre *Bemächtigungstrieb* em sua relação com o sadismo: “Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. Uma

parte desse instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito” (Freud, 1924/2011, p. 191).

Kaufmann (1996) descreve a relação da atividade-passividade, também referenciando essa pulsão, esclarecendo o seguinte:

O destino de uma pressão pulsional depende, portanto, dos investimentos respectivos do sujeito e do objeto. É assim que, quando a atividade é atribuída ao Outro, a uma instância separada ou a uma pessoa no mundo externo, o sujeito pode se ver reduzido ao eu-objeto. Ou ainda, é segundo a posição do objeto que uma pulsão de destruição assume forma de pulsão de morte voltada contra a própria pessoa ou de pulsão de dominação e de agressão derivada para o exterior (Kaufmann 1996. p. 72).

A referência de Kaufmann (1996) emprega a pulsão de apoderamento como sinônimo da pulsão de destruição, inobservado o status do apoderar-se como o terceiro tempo da pulsão. Por fim, o autor entendeu que o jogo infantil mostrou a Freud que: “Ela tenta fazer ela própria o que antes foi feito a ela ou com ela” (Freud, 1931/2023, p. 299), e essa repetição com inversão pela passividade em atividade constitui também uma *busca do novo* (p. 178). A citação refere-se a duas consequências que não são exploradas, e que, para nós, são a manifestação do apoderamento, seja no terceiro tempo pulsional, a reação ativa, ou na forma ativa, diretamente implicada na busca ao novo.

Freud (1905/2016) afirmou que: “A atividade é produzida pelo instinto de apoderamento, através da musculatura do corpo, e é sobretudo a mucosa intestinal erógena que se apresenta como órgão, como meta sexual passiva” (Freud, 1905/2016, p. 109), e, ainda:

Como é sabido, ainda não se logrou fazer uma análise psicológica profunda desse instinto; podemos supor que o impulso cruel vem do instinto de apoderamento e surge na vida sexual num período em que os genitais ainda não assumiram o seu papel posterior. Assim,

ele domina uma fase da vida sexual que depois descrevemos como organização pré-genital (Freud, 1905/2016, p. 101).

A honesta perspicácia de Freud apresenta uma dobradiça importante para nos fazer interrogar quais caminhos estão presentes aí, entre o sadismo e o masoquismo, ora na crueldade servindo o polo sexual e, por último, certa potência transformadora, aquela do traço ativo endereçado para fazer um trabalho específico, que mais adiante será detalhado nos três tempos do apoderamento.

1.2. O termo *Bemächtigungstrieb* e a desmontagem da dominação

A exploração histórico-conceitual resulta numa desconstrução não apenas no âmbito epistemológico, mas propõe a reavaliação de sua nomeação e, indissociavelmente, de sua definição. Nesse ponto, marcamos cronologicamente a dimensão embaraçosa da questão, o pano de fundo e as divergências que ultrapassam décadas de pesquisa.

Trata-se das tramas políticas e institucionais do círculo vienense a partir de 1910. Pois bem, é na esfera da dominação, de um tipo de força que organiza, controla o funcionamento psíquico, que o termo é utilizado por Freud em 1905, com a descrição de não sexual e organizativa. E a confusão política sobre a teoria se passa no mesmo cenário da dominação, da ordem e da novidade de ideias. Refiro-me aqui à dissensão entre Adler e Freud, logo depois da cisão com Jung.

Não é sem argumentos que diversos teóricos, desde Viena a Budapeste, dentre eles Stekel Adler, Ferenczi e Abraham, notaram o impulso para o controle, expressado na violência e na agressão, no uso da força corporal para tomar o objeto à força. Nessa direção, inicialmente, apontamos o nível semântico de dois termos fundamentais, entre os encontrados no texto freudiano; são a prevalência de *Bemächtigungstrieb* e de *Bewältigungstrieb*, adicionados por Freud em outros momentos de sua escrita (Rexand, 2001).

A avaliação da questão nos permite afirmar que o uso do termo dominação, adotado no Brasil, revela o modo indiscriminado como foram importadas as variações de *Bemächtigungstrieb*, o que acabou mantendo a complexidade de sua dinâmica nas sombras. Por outro lado, advirto que a função do domínio não se exclui totalmente do arrolamento das ações do apoderamento, mas não é o suficiente para sintetizar sua importância. O domínio é no mínimo uma face de sua ação, isto é, tomá-la como dominação reduz sua funcionalidade na subjetivação, bem como a observação freudiana.

No exame de Hanns (1996) sobre a gramática, observado à luz da tradução do alemão para a língua portuguesa, elevamos o ponto sustentador das diferenças que ela comporta para alargar a discussão. O assunto se desdobra na análise dos termos *Bemächtigungstrieb* e *Bewältigungstrieb*, em que o primeiro é tomado no sentido de força para organizar sua relação com o mundo, já o segundo designa a força voltada ao controle e se relacionam diretamente as nuances do prazer.

Sobretudo, vale localizar que o emprego de *Bemächtigungstrieb* ocorre primeiramente em 1905, em sua primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O termo é seguido da indicação de Freud, após empregar o *Bemächtigungsapparat*, um aparelho de apoderamento, que visa atender às necessidades ontologicamente mais antigas. Em seguida, em 1913, no texto *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2012) e em *A predisposição à neurose obsessiva* (Freud, 1913/2010). Somente depois, em 1914, 1915 e 1920, inseriu o termo *Bewältigungstrieb* em similaridade.

Ao nos atentar à obra original, encontramos um dado importante e ainda não abordado pelos poucos examinadores da pulsão de apoderamento. Trata-se do uso feito por Freud do verbo *mach*, introduzido em 1897, ainda em seus escritos pré-psicanalíticos, numa breve correspondência com Fliess, em que conjugado na forma *machen* (fazer)

concentra muitas ações no psiquismo, e que a palavra é um ganho dado pelo idioma alemão. A carta de Freud a Fliess sobre o assunto contém o seguinte:

A palavra “*machen*” [que significa “fazer”] possibilitou juntar a situação posterior e a situação infantil. As ideias obsessivas, muitas vezes, revestem-se de uma extraordinária imprecisão verbal, a fim de permitir esse emprego múltiplo. A própria palavra “*machen*” passou por uma transformação análoga ao seu significado. Uma antiga fantasia minha, que eu gostaria de recomendar à sua sagacidade linguística, ocupa-se da derivação de nossos verbos de termos originalmente copro-eróticos como este (Freud, 1897/1996, pp. 323-324).

Na correspondência datada de 22 de dezembro de 1897, Freud (1897/1996) enfatizou a possibilidade de reunir diversos significados da prática do psicanalista. A sutileza desse detalhe nos permitirá incluí-lo na posição conceitual, como elemento compositor para a pulsão de apoderamento, que inclui apoderar, dominar, agarrar, tomar para si, uma força para “se fazer”. Freud sublinhou que a palavra “fazer” permite unir a situação posterior com a infantil: “As ideias obsessivas são muitas vezes, revestem-se de uma extraordinária imprecisão verbal, a fim de permitir esse emprego múltiplo” (Freud, 1897/1996, pp. 323-324).

Diante de detalhes tão importantes, retomemos a análise de *Bemächtigungstrieb*, composta por três elementos: (a) a partícula *macht*, que o torna substantivo; (b) *Bemächtigung*, o derivado do verbo, *sich bemächtigen*, um verbo reflexivo que inclui a torção daquele que sofre a ação, no caso, aqui, de apoderar-se; (c) e, por último, *Trieb*, que designa a pulsão. Outro ponto a ser destacado são as palavras *Bewältigungstrieb* (que Freud utiliza apenas num segundo momento conceitual, de 1915 em diante), um substantivo, e *Bewältigen*, um verbo.

Ambos podem ser entendidos como a ação de dominar, mas contêm diferenças de emprego contextual. Convém esclarecer que Freud mantém o uso de *Bemächtigungstrieb*,

e não de *Bewältigungstrieb*, no texto de 1920, não havendo nem referências posteriores a este último.

Segundo Sédot (2009), apenas na terceira edição dos *Três ensaios...*, em 1915, Freud usa *Bewältigungstrieb*, pois para ele era claro o domínio do Eu, explanado em “*Sobre o narcisismo: Uma introdução*” (Freud, 1914/2010). Notamos a indiferenciação dos termos nas formulações teóricas sobre a pulsão de apoderamento. Um testemunho disso é o uso de Cardoso (2002) replicando a posição de Dorey (1981), acentuando apenas três sentidos de *Bemächtigungstrieb*: “a ideia de captura, de domínio, apropriação e domínio” (Cardoso, 2002, p. 162), sem apontar as diferenças originais do texto freudiano.

Esse fato revela, em parte, o motivo da rápida associação às características da destruição e outros adjetivos correlatos. Ainda na observação do tema de *machen*, Dunker (2022, p. 162) ressalta que sua tradução é simplesmente fazer, ao passo que *macht* é poder, ao comentar um de nossos primeiros artigos propostos na distinção conceitual, nomeado de “*Por que precisamos diferenciar a pulsão de apoderamento da pulsão de morte*” (Trevisan et. al, 2022b). Por fim, Dunker (2022, p. 7) afirma que “poder e fazer não são as mesmas coisas”, o que nos parece um reforço na tentativa de abordagem das diferenças.

Em continuidade ao exame da obra de Freud, sustentamos a forma de pulsão de apoderamento, assim como a interpretação tradutória de Iannini, na versão do texto de 1920, após a revisão contextual de aparecimento na obra freudiana. Para consolidação dos argumentos, façamos notar a primeira escolha de Freud, em 1905, assinalando que não há, originalmente, na formulação do texto, o uso de *Bewältigungstrieb*, mas sim de *Bemächtigungstrieb*.

Destaco do texto de Freud algumas expressões semânticas em defesa do sentido do apoderamento; o próprio Freud utiliza o termo *Beherrschft* para indicar a ação da pulsão com a ênfase de dominar e não emprega, ainda, nem *Bemächtigungstrieb* nem

Bewältigungstrieb. No índice descritivo da relação com o objeto, Freud (1905/2016) utiliza *überwätigung*, derivado do substantivo *Berwältigen*, com a ideia de dominar. Entretanto, é somente na finalização da teoria da sexualidade que Freud assinala uma intrigante pista sobre a pulsão de apoderamento.

A segunda fase pré-genital é a da organização sádico-anal. Nela já se encontra desenvolvido o antagonismo que permeia a vida sexual, mas os opostos ainda não devem ser designados como masculino e feminino, e sim como ativo e passivo. "A atividade é produzida pela pulsão de apoderamento, através da musculatura do corpo, e é sobretudo a mucosa intestinal erógena que se apresenta como órgão, com objetivo sexual passiva. As duas tendências têm objetos, mas eles não coincidem." (Freud, 1905/2016, pp. 108-109 [ênfase adicionada]).

Podemos compreender nessas linhas duas coisas fundamentais: de um lado a atividade produzida pelo corpo/músculo, instrumentalizando não apenas o objeto na forma passiva, mas o trabalho da transformação em lugar erógeno, isto é, um exercício da pulsão compreende em parte a libidinização das bordas/objetos. Por outro lado, a parte em que há presença para ambas as aspirações, ativo e passivo, então presentes nos objetos, mas são diferentes e integram nosso argumento para diferenciar a pulsão de apoderamento de outras formas.

Nas últimas dissecações sobre o termo *Bemächtigungstrieb*, segundo Hanns (1996): "refere-se a tomar um objeto externo para si à força (apossar-se)", e ele decompõe as particularidades do termo da seguinte maneira:

be-: Como prefixo verbal, indica uma ação que promove a concretização da qualidade do substantivo (*Macht*/Poder) e o transforma em verbo. Em alguns casos indica uma aproximação, um contato ou o ato de tomar (pegar). *macht-*: Corresponde ao mesmo radical do substantivo *Macht*, "poder", "domínio". O verbo reflexivo *sich bemächtigen* significa "apoderar-se". *-ig-*: Sufixo de adjetivação (como, por exemplo, o sufixo "-

oso(a)" em português); quando ligado à terminação *-en (-igen)* tem a função de verbalização. *-ung-*: Sufixo de substantivação que corresponde aproximadamente a "-ção" em português (p. 170).

O trabalho de Hanns (1996) é um dos únicos no Brasil a retratar as diferenças entre *bemächtigung e bewältigung*. No nível da diferenciação também estão os trabalhos de Dorey (1981, 1986) e Denis (1997), que destacam a particularidade do verbo *bewältigung*, evidenciando o significado variável de "dar conta", "resolver" e "superar". A proposta de Hanns (1996) é informar a abordagem de Freud ao utilizar esse verbo, descrevendo algumas ações:

A) *bewältigung* remete ao processo dinâmico de “enfrentar” e “dar conta da tarefa” (atividades ligadas a “processar”, “pôr em ordem”, “levar a cabo”). Evoca, portanto, o aspecto de certa quantidade de trabalho e esforço a ser despendido. B) Implica um resultado bem-sucedido; C) O termo remete à ideia de enfrentamento de algo difícil, grande, que exigirá certo empenho. D) O radical de *bewaltigen* remete ao verbo *walten* (reinar, ser soberano, exercer domínio). O verbo intransitivo *walten* é utilizado para um tipo de “domínio exercido serenamente” (“aqui reina a paz”). No caso do verbo *waltern*, trata-se de “exercer domínio” de forma ampla, global, que consolida e deixa sereno. Uma vez dominada (*bewaltigt*), a situação volta a estar sob controle (Hanns, 1996, pp. 176-177).

Freud (1913/2010) acentuou a experiência de apoderamento vivida pela criança na fase anal, mais precisamente em sua ação muscular, como agente operador de retenção/expulsão. Ele descreve que “a atividade é fornecida pelo ordinário instinto de apoderamento, que chamamos de sadismo, ao encontrá-lo a serviço da função sexual” (Freud, 1913/2010, p. 332). Apresenta-se aí a reafirmação da musculatura e seu papel, outro modo de situá-la, agora na via serviçal. A pulsão foi sublinhada em 1915.

Para uma classificação geral das pulsões sexuais pode-se dizer o seguinte: são numerosas, advêm de múltiplas fontes orgânicas, agem inicialmente de forma independente umas das outras e só depois se reúnem em uma síntese mais ou menos acabada. A meta a que cada uma delas aspira é a obtenção de prazer do órgão (Freud, 1915/2021, p. 33).

Das condições mais arcaicas, cuja musculatura aparece protagonizando a organização no agenciamento pulsional, é referida, mais claramente, na noção do autoerotismo e demais atividades do aparelho psíquico. A exemplo disso citamos o chuchar, a masturbação, a alucinação do objeto. Freud (1905/2016) assegurou: “Nos garotos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição à atividade sexual masculina que o instinto de apoderamento virá a prestar um dia” (Freud, 1905/2016, pp. 94-95). E prosseguiu, indicando algo da natureza das pulsões ligadas à tarefa de dominar:

O sistema nervoso é *um aparelho* cuja função é a de afastar os estímulos que o atingem, reduzi-los ao mais baixo nível ou, *se fosse possível*, manter-se completamente livre de qualquer estímulo. Sem nos surpreendermos com a *imprecisão da ideia*, atribuímos de modo geral ao sistema nervoso a seguinte tarefa: o domínio dos estímulos (Freud, 1915/2021, p. 21 [ênfase adicionada]).

Destacamos a parte na qual Freud indicou a função de dominação, justificando parcialmente a hipótese de pulsão quando se encontra na função de dominação. Por outro lado, a revisão revela que a noção é parte daquilo que constitui, no pensamento freudiano, diversos apontamentos. Nesse resgate, sublinhamos dois fatos importantes: o primeiro, a condição de “um aparelho que se fosse possível”; aí apresenta-se a tarefa da psique e sua exigência de trabalho, cuja meta seria encontrar formas de controlar a excitação.

Em outros termos, trata-se de uma engrenagem para lidar com o impossível e, em torno deste, faz um trabalho bem específico, que se situa no nível de potência da criação, já que uma das saídas para amortecer aquilo que é, por origem, inevitável e impossível de

evitar encontra na atividade de criação um largo caminho. Talvez seja uma das lições deixadas por Freud, ao se referir aos poderes da pulsão e sua influência na psicopatologia cotidiana.

Já o segundo fato se passa na “imprecisão dessa ideia”, a de “atribuir ao sistema nervoso, em termos bem gerais, a tarefa de dominar”; isso materializa a imprecisão teórica e a insistência de investigação a partir da natureza de controle. Sobre essa articulação recai a função do órgão muscular, a função de dominar/empossar, ou seja, seu caráter predominantemente ativo.

Depois de estabelecer uma pulsão não sexual, e num tipo de alvo específico, Freud (1920/2020) também a descreveu na independência do princípio do prazer, o qual seria uma das condições problemáticas para os estudiosos do tema, principalmente na visibilidade de sua ação, o que, até então, além de resistência à ideia, constitui certo “*Calcanhar de Aquiles*” no que diz respeito à face clínica da pulsão de apoderamento. A problematização dessa condição assexual será tomada ao longo da história, numa conexão além do princípio do prazer, pois se estabelece anterior a qualquer princípio e, conseqüentemente, próxima à pulsão de morte. O exame de Gillibert (1981, p. 1223) parece preciso na diferenciação do apoderamento do tema da pulsão de morte. O autor refere-se aos termos de Freud:

O limite entre psique e soma, a zona limite, antes de ser representação, ou afeto, mesmo inconsciente, é bem chamado de *Beherrschung* (dominação), *Bewältigung* (domínio), *Bemächtigung* (apoderamento) - termos constantemente usados por Freud como que com inocência (Gillibert, 1981, p. 1223).

Gantheret (1981), outro estudioso dessa pulsão, situa a função da pulsão de apoderamento, propondo que “ela assume uma função vital, de manter, dominar o objeto e poder descartá-lo, função que pode ser colocada a serviço sexual” (p. 105). Nesse exame, há uma posição sobre a fundação de uma instância psíquica, que concebe a

operação decorrente do trabalho pulsional no movimento de ordenar as excitações, sendo operacionalizadas por um suposto Eu, ainda muito rudimentar:

Isso ocorreu na extremidade sensorial do aparelho psíquico, nas percepções dos sentidos. De acordo com nossa hipótese, a percepção *não é um processo puramente passivo; o Eu envia periodicamente pequenas quantidades de investimento ao sistema perceptivo*, mediante as quais prova os estímulos externos, retraindo-se novamente após cada um dos avanços tateantes (Freud, 1925/2011, pp. 280-281 [ênfase adicionada]).

A passagem freudiana faz menção, mesmo que indiretamente, à posição ativa da pulsão, que será tratada como o trabalho preservado nos três tempos do apoderamento. Assim, passamos ao outro capítulo, uma extensão do rol das distinções, agora sobre a crueldade. Esta análise não versa apenas o tratamento das lacunas, mas, sobretudo, a construção de outra posição, isto é, uma tese para o que chamamos de Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento, numa ancoragem dos pontos principais da pesquisa.

Bem, a imprecisão e as reticências de Freud sobre o apoderamento, demonstradas até aqui, foram tomadas como estímulo à pesquisa da relação entre a função muscular e o aparelho psíquico, o que nos conduziu, primeiro, à desmontagem da dominação, não para eliminá-la, mas, ao contrário, para ampliá-la. Assim, não se objetiva anular o traço da dominação, muito menos desqualificar sua importância, mas, sobretudo, utilizá-la como destaque de uma de suas ações. A dominação nesta tese passa a ser uma ação da Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento, incapaz de abarcar sua complexa categoria.

Dentre um grupo bem específico de psicanalistas franceses da década de 1980, como Grunberger (1960), Gantheret (1981), Gillibert (1981, 1984) e Dorey (1981), é visível a unanimidade do exame gramatical de Freud para interrogar a problemática. Entretanto, Dorey (1981, p. 138), em sua compreensão da presença do domínio na formulação freudiana, admite que:

Minha sensação é que a noção de *Bemächtigungstrieb* expressa como tal é muito delicada e que no final é difícil de usar. Em vez de relacionar o domínio à atividade de tendência, pelo contrário, parece-me mais fecundo, como tentei tê-lo, considerar que este tipo muito específico de relação com o objeto pode resultar de ação predominante tanto de um quanto de outra categoria do impulso (Dorey, 1981, p. 138).

A reunião do pensamento destes autores tem como objetivo um convite para interrogar a posição construída, sem ausentar as oposições dadas, ou ainda, outras formas, mas intenta transversalmente permitir que as leituras feitas, até então, sejam elementos para compor o critério conceitual.

Certo e incontestável é que de *Bemächtigungstrieb* emanam diversos enigmas e espaços que ainda exigem investigação. Como bem nos lembra Gantheret (1981, p. 116), “a teoria procura dominar o sexo pela razão, a pulsão de apoderamento é este movimento da teoria que procura o domínio sobre o impulso”, o que pode esclarecer, em parte, a resistência dos teóricos quanto à noção que permanece senão nas sombras, nas entrelinhas de outros conceitos. Mas, por outro lado, o termo provoca a insistência no movimento ao qual podemos nos referir como o pulsar, que mantém a própria prática psicanalítica, segundo Gantheret (1981, p. 116):

O impulso de apoderamento vem tentar, em seu lugar e em seu fundo, reatar os laços do sexual ao vital. Dobre o sexual a autopreservação, que descanso! Não nos surpreenderá que a pulsão de apoderamento encontre sua filiação, por meio do sadismo-masiquismo, a pulsão de morte. Mas na maioria das vezes, e felizmente para nós, contra os nossos esforços, o sexual ri, para sempre se afastar.

Ainda no quadro europeu, a questão é retomada por Assoun (1989/1991), Denis (1997), Ferrant (2001) e Sédat (2009), aquecendo a investigação sobre outra perspectiva. Apesar de ser um grupo muito produtivo e de intensa riqueza teórica, destacam-se dois aspectos. Inicialmente, o grupo pelo qual encontramos maiores bases são Gantheret

(1981), Gillibert (1981, 1984), Sédat (2009, 2012), e o segundo se trata de um fato: é a dificuldade de revelar clinicamente a manifestação da questão, ou seja, demonstrar mais isoladamente o que diz respeito ao apoderamento.

Nesse sentido, minha hipótese é uma posição justamente enfatizada na produção da evidência, assim como na marcação da manifestação da pulsão, que acredita ser possível ver na clínica do autismo claramente sua aparição, margeando a face da psicopatologia da pulsão de apoderamento.

1.3. A diferenciação da crueldade e da agressividade

A retomada da pulsão e do apoderamento cruza diretamente a referência da crueldade, agressividade, destruição e violência; entretanto, marcamos os momentos históricos e decisivos para o surgimento do debate. A visitação do contexto político da psicanálise oferece condições mais aquecidas sobre o assunto, mais precisamente o movimento da sociedade psicanalítica de Viena, de 1909 a 1912, protagonizado pelas tensões entre Adler, Stekel e Freud.

Handlbauer (2005) não economizou palavras ao expor as divergências entre Freud e Adler, em particular sobre o tema “instinto agressivo”. Para Adler, o instinto (pulsão) agressivo estaria ligado mais às condições da inferioridade orgânica e ao desempenho do órgão do que propriamente uma atividade de energia. Segundo ele, “o instinto agressivo geralmente corresponde aos instintos mais fortes, ou seja, uma compensação à inferioridade orgânica” (Adler, 1908, p. 577).

Em torno das questões do orgânico e do psíquico, da inferioridade e da vaidade, das divergências de ideias, entre verdade e poder, produziu-se o pivô das dissoluções não só de instituições, mas da própria fundação teórica sobre o movimento, causando danos irreparáveis ao movimento psicanalítico. Adler (1908) tentou inúmeras vezes propor uma explicação sobre a pulsão de agressividade que repousava numa articulação fisiológica, e

chegou a incluir o termo *Machtrieb*, pulsão de poder, que não foi adotado por Freud. A respeito disso, Freud (1914/2010) suportou e tolerou temporariamente as ideias de Adler, concebendo-as como formas de nomear a libido (Handlbauer, 2005).

Diante de tal contexto, a situação não perdurou por muito tempo, ainda mais associada às pressões políticas institucionais que a psicanálise enfrentava no início de sua consolidação como disciplina. Mesmo com o apoio de Stekel, Adler não encontrou, segundo Freud, argumentos válidos para sustentar seu contraponto, o que produziu uma distância inconciliável entre eles. Sobretudo, as diferenças impulsionaram Freud em sua interrogação exploratória no tema da agressividade e da libido, o que pode ser encontrado principalmente na noção de narcisismo (Gay, 1988/1995; Mannoni, 1990).

Ainda hoje persistem os restos desses entraves sobre a pulsão de apoderamento, tomada, na maioria das situações, na via da violência para exercer domínio, um substrato da destruição, da agressão, à margem das derivações da pulsão de morte.

Roazen (1979) descreveu o problema da agressividade advindo em parte dessa crise da psicanálise, e situa as marcas dessas experiências nos escritos de Freud, como um efeito das rupturas com Jung, Adler e Stekel. Os dispositivos que carregam as querelas dessas dissensões se encontram nos apontamentos da libido não sexual, num ensaio permanente para elucidar os processos da agressão e da ideia do protesto masculino de Adler. Por tais razões, o termo *Bemächtigungstrieb* é marcado pela brevidade conceitual e pouco acervo bibliográfico, embora continue, em raras abordagens pós-freudianas, na versão do sadismo, da destruição, da agressividade – uma via que provoca certa fusão apressada com a pulsão de morte.

Sobre a dimensão histórica, outros dados foram reunidos num artigo que publicamos sob o título “*Do (in) passe da tradução ao problema da nomeação: A insistência de bemächtigungstrieb*” para demonstrar os impactos e desvios que o campo

político deixou como herança na definição do apoderamento, soterrado na dominação (Trevisan et al., 2023).

O rol teórico da agressividade, violência e destruição foi amplamente estudado por Bergeret (1984/2005), que emprega com clareza a noção freudiana, mas, para firmar suas ideias, quando da relação da pulsão nesses processos,

Encontramos a hipótese freudiana da existência da pulsão de dominação (*Bemächtigungstrieb*) destinada a controlar o outro para nunca mais o temer. No pensamento de Freud seria possível reconhecer três níveis de dinamismo visando ao ataque do outro. Um primeiro nível corresponde aos instintos muito elementares de conservação (sem libidinização), depois o segundo nível, comportando uma satisfação libidinal de registro narcísico corresponderia à pulsão de dominação; o terceiro nível seria o da libidinização, de registro agora sexual, que corresponderia à pulsão de agressão (Bergeret, 1984/2005, p. 1519).

O ponto de vista de Bergeret (1984/2005) é tomado como apoio para diferenciar as funções pulsionais, embora não concordemos totalmente com sua distribuição, já que, em sua interpretação, defende uma lógica psíquica para compreender a violência. Para nós, o primeiro e o segundo níveis que Bergeret descreve seriam apenas um, que nos parece evidenciar a função de apoderar-se e, assim, encontrar condições para constituir-se.

Nos termos de Freud (1905/2016), estariam aí argumentos para defender a natureza da pulsão como não sexual. Para o terceiro nível, coadunamos com a localização de Bergeret (1984/2005), pois se refere ao traço sexual, do qual a crueldade e a destruição podem se servir.

Convém, ao longo da discussão, marcar as diferenças conceituais, a fim de que a progressão do exame se mantenha clara. Assim, enfatizamos que a pulsão de apoderamento não é sinônimo de pulsão de destruição e nem de agressividade, muito

embora se mantenha aproximada e, por diversas vezes, expressa nessas forças, já que uma não exclui a outra.

A respeito das diferenças em relação à direção pulsional ativa e suas ações, por exemplo, Lagache (1960) observou que “à primeira vista, a atividade surge como um conceito muito mais extenso do que a agressividade; todos os processos biológicos ou psicológicos são formas de atividade” (p. 99). Agressividade, portanto, não conota, em princípio, mais do que certas formas de atividade, e por essa razão pode ser uma operação do apoderamento, mas não sua condição primeira.

Certamente, o apoderamento requer força, mas não necessariamente a destruição: eis a linha tênue que pode conter alguns desvios. Ainda no esforço das distinções, Laplanche e Pontalis (1967/2022) estabelecem especificidades para pulsão de destruição e pulsão de agressão; embora as mantenham associadas/interligadas/relacionadas, é interessante destacar que na proposta dos autores o apoderamento compõe, sucintamente, um resquício por meio da dominação, e a crueldade, como serviço da pulsão sexual.

Acompanhando o desenvolvimento do pensamento de Freud, notamos um importante dispositivo utilizado por ele para abordar as versões das pulsões, encontrado no ódio. Nele, Freud entrevê as forças da destruição, da agressão e da hostilidade. A observação de Freud o fez postular dois mecanismos: a *mischung* (mistura, miscigenação), um tipo de composição que reúne os elementos, e o outro a *Entmischung*, que seria o contrário - a separação das pulsões em duas; de um lado, algo que visa ao movimento, à ação, vida e preservação, e, de outro lado, o seu oposto, a destruição, a cessação do movimento, a morte (Freud, 1933/2010).

Freud asseverou sua posição quanto às pulsões, indicando que: “Não favorecemos a hipótese de um instinto especial de agressão e destruição devido aos ensinamentos da história e da vida; isso sucede com base em reflexões gerais, a que somos levados pela

consideração dos fenômenos do sadismo e do masoquismo” (Freud, 1933/2010, p. 253). Nesse ponto, Freud é muito preciso, e atrela a pulsão, mais uma vez, às origens do sadismo e do masoquismo, reaparecendo, portanto, a ideia freudiana de 1905.

O dispositivo conceitual de conexão ao longo da obra de Freud, de 1905 a 1933, em relação à pulsão de apoderamento, é o sadismo, que de certa maneira chamou a atenção de diversos autores, mas manteve *Bemächtigungstrieb* intacto, ainda que Freud o tenha indicado diretamente como origem. A consideração mais ampla nessa leitura é que as produções sobre a pulsão de apoderamento foram tomadas de observação em seu estado de uma parte em diante, da metade da história para a frente, e alongadas para outras dimensões, mas não tomadas desde o princípio.

Numa análise panorâmica, poderíamos dizer que Freud (1905/2016) parte do sadismo-masoquismo como instrumentos que permitem uma aproximação da potência da pulsão em seu movimento, polarizando entre ativo e passivo. À medida que progride na compreensão sobre as pulsões, atrela um trabalho específico, registrado em 1915, como uma volta a si, essa volta de 360°, reiterando sua hipótese inicial de 1905, exposta com robustez na análise da brincadeira do carretel de seu neto, nomeada de Fort-da.

Nesse raciocínio, tomamos o *Bemächtigungstrieb* numa dimensão que transporta o postulado de 1905 a 1920, tendo imutavelmente o mesmo ponto, os poderes pulsionais, os quais são o combustível que sustenta cada retorno da vida. Nesse trânsito, o sexual divide a direção com seu fiel copiloto, o Eu, que aparece nas voltas sobre essa dupla sadismo-masoquismo.

De modo mais direto, no texto “*Bate-se numa criança*”, Freud (1919) expõe os tempos e posições quanto ao sadismo, o mesmo ponto que fora alertado por Adler (1910), anteriormente. O tema do prazer e suas variações tomara forma precisa apenas alguns anos depois, quando Freud afirma que: “Ambos, sadismo e masoquismo, são fenômenos

enigmáticos para a teoria da libido, particularmente o masoquismo, e é natural que o que foi a pedra de escândalo de uma teoria seja a pedra angular daquela que a sucede” (Freud, 1933/2010, p. 253).

Freud utiliza essa montagem para ilustrar o trabalho destrutivo e a sua relação com a libido. Atentemo-nos:

Se também para o instinto de destruição é verdadeiro que o Eu - mas aqui nos referimos mais ao Isso, à pessoa inteira - inclui originalmente todos os impulsos instintuais, disso resulta que o masoquismo é mais velho que o sadismo, mas o sadismo é instinto de destruição voltado para fora, que nesse modo adquire o caráter de agressividade (Freud, 1933/2010, pp. 254-255).

A definição posta por Freud é a seguinte: “Na linguagem corrente, o conceito de sadismo vai de uma atitude simplesmente ativa, depois violenta ante o objeto sexual, até o vínculo exclusivo da satisfação com a subjugação e o mau tratamento desse objeto” (Freud, 1905/2016, p. 52). Nisso consiste o retrato de um fazer em que o outro experimenta a dor e, assim, variações do prazer. Já do lado do masoquismo, a lógica é outra: o sujeito está no lugar daquele que recebe a ação, numa posição passiva em relação ao outro.

Em ambos se coloque um circuito, que transita num “se fazer” ou fazer de si, ativo, de um lado e, de outro, passivo. A dinâmica sadismo-masoquismo é um ponto potente que ilumina a questão do apoderamento, precisamente nos aspectos do trabalho de transformação.

Podemos localizar o apontamento de Freud quanto ao sadismo e ao masoquismo em 1905, momento em que expõe as definições, assinalando que “frequentemente é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual” (Freud,

1905/2016, pp. 52-53), e que o segundo é uma extensão, uma reviravolta, do primeiro, isto é, na construção da sexualidade é algo da pulsão que retorna ao próprio corpo, concepção que toma um refinamento em 1915.

A conexão entre o par citado e a pulsão é dada pelo próprio Freud ao afirmar que o apoderamento é a raiz dessas manifestações, isto é, uma posição de poder fazer sobre o outro, uma posição ativa. Isso parece mais claro, porém Freud continua:

Por outro lado, uma consideração apenas psicológica, é preciso reconhecer que o Eu não se sente bem quando é sacrificado desse modo às necessidades da sociedade, quando tem de sujeitar-se às tendências destrutivas da agressividade, que de bom grado ele dirigiria contra os outros. Isso é como um prosseguimento, no âmbito psíquico, do dilema “*devorar ou ser devorado*”, que prevalece no mundo orgânico. Felizmente os instintos agressivos nunca estão sós, mas sempre amalgamados com os eróticos” (Freud, 1933/2010, p. 262 [ênfase adicionada]).

Relembramos que Freud utilizou os verbos comer e ser comido, tomando como referência a oralidade. Nisso reside uma potente conexão com o apoderamento, expressado no sadismo, que foi assinalado com rigor por Abraham (1924) com o dinamismo sádico-oral. A intenção de mencionar essa concepção de Freud, elaborada em 1933 e com poucas retificações, é chamar a atenção sobre esses alvos pulsionais, visto que nela consta a posição de se fazer comido.

Essas referências elucidam, em parte, a presença da agressividade na pulsão de apoderamento, uma vez que sua ação integra os meios em direção ao alvo, isto é, uma atividade, assim como a dominação para construir a si e a relação com o outro. A partir da exposição de Freud (1905/2016), sobre a crueldade e a pulsão de apoderamento, podemos estender alguns elementos cruciais.

A história da cultura humana ensina, para além de qualquer dúvida, que a crueldade e o instinto sexual estão intimamente relacionados, mas na explicação desse nexos não se fez

mais que enfatizar o elemento agressivo da libido. Conforme alguns autores, essa agressividade mesclada ao instinto sexual é *um vestígio de apetites canibalescos, ou seja, uma contribuição do aparelho de apoderamento que serve à satisfação da outra grande necessidade, ontogeneticamente mais antiga* (Freud, 1905/2016, pp. 53-54 [ênfase adicionada]).

Contudo, o que nos interessa está em “*vestígios de apetites canibalescos*” e “*uma contribuição do aparelho de apoderamento*”, pelo fato de que constituem objeto de análise para a diferenciação entre *Bemächtigungstrieb* e *Bewältigungstrieb*, entre *l'emprise* e *maîtrise*, respectivamente correspondentes no trabalho de Dorey (1986) e Denis (1997). É salutar esclarecer os processos correspondentes a essas diferenças: primeiro, os desejos canibalescos e, segundo a coparticipação do aparelho de apoderamento.

Em termos de acréscimo, vale considerar que apresentei no artigo “*A retomada da pulsão d'emprise*” (Trevisan, 2022) as contribuições da nomeação francesa, e apresento as diferentes versões de *l'emprise* e *maîtrise*, que são, sobretudo, um marco introdutório para o início da reavaliação da questão.

A proposição de Gantheret (1981) e as contribuições de Gillibert (1981, 1984), sobre a pulsão de apoderamento são as que mais se aproximam da minha hipótese conceitual. O alinhamento se dá primordialmente na distinção da pulsão de morte e seu valor não sexual. A exemplo disso, Gantheret (1981, p. 111) afirma que “a pulsão sexual é propriamente dita a liga de dois componentes, e a pulsão de apoderamento é o instrumento dessa liga, marcada por um parâmetro ativo”.

O autor utiliza a função do neto de Freud em 1920, que era passivo à ausência da mãe, mas que depois se tornou ativo na cena. A transformação é operada por meio da

potência da pulsão de apoderamento, o que se constitui como base para sustentar a posição apassivada como uma criação.

Assim como a tomada do carretel, alinhamos o desejo canibalesco como expressão para abordar formas de introjetar, de tomar uma operação que visa a um fazer específico, que é construir uma relação com o mundo, a partir da captura daquilo que se experimenta do outro, seja na experiência do aleitamento ou nos traços de outras culturas, em que de fato se comia o corpo do outro como meio de pertencer, ou de se fazer parte.

Freud nos ensina:

Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode-se tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto. É sabido que o canibal permanece nesse ponto; tem uma afeição devoradora por seus inimigos, e não devora aqueles de quem não pode gostar de algum modo (Freud, 1921/2011, pp. 61-62).

Partindo dessa posição, notamos a qualidade do bom e do ruim, colocada ao lado do princípio do prazer, do qual se pode aproximar ou afastar, a fim de preservar o caráter homeostático. Em seguida, apontamos a fase oral como o que aparece sutilmente do aparelho de dominação para orientar os afetos, em que devorar é uma forma de ligação, portanto também faces de amor e ódio, numa modalidade de incorporação.

1.4. A introdução do apoderamento em Freud

Mediante o exposto, centralizamos a noção do apoderamento e passaremos a explorar as origens dessa noção no pensamento de Freud em sua obra e em outros documentos, cartas e entrevistas. A travessia à dominação como modalidade pulsional conduziu a pesquisa ao encontro de um traço inerente a toda pulsão; é sua ação mais abrangente, se fazer realizável, que é uma retomada de Freud ao defini-la como a

constante exigência de trabalho. Nesse percurso ressalta-se, sobretudo, que a dimensão do se fazer é um dos pilares que será retomado nos capítulos 2 e 3.

Segundo Roazen (1979), assim como para Roudinesco e Plon (1998), o tema do poder, do controle e da dominação tornou-se um eixo sensível tanto na obra quanto na vida de Freud, principalmente no contexto da guerra, sua posição quanto à medicina, à ciência e aos manejos políticos-institucionais da própria psicanálise. Na teoria freudiana, o assunto sobre o desejo de poder no homem, ou as formas para realizá-lo, é tratado indiretamente por Freud, o que dificulta um pouco mais as definições a respeito do assunto.

Ainda assim, torna-se possível rastrear seus apontamentos. Freud (1905/2016) assinalou sua manifestação na infância, observando que a criança desejava ser grande/adulto, pois assim teria poder (Freud, 1905/2016). Noutro momento, expõe que a criança não deseja o dinheiro, mas sim, de modo geral, poder, que está intrinsecamente relacionado ao tema da pulsão.

As noções sobre o desejo de poder também foram registradas nas cartas com Fliess e as endereçadas a Einstein. Na investigação da relação de Freud com o tema do desejo de poder, em que se apresenta a pulsão de apoderamento, encontra-se inspiração no trabalho de Nietzsche, filósofo que aborda claramente a vontade de poder no homem. Encontramos passagens importantes nas considerações a Einstein (1933/1996), Salomé (1970), Fliess (Freud & Meng, 2009), demonstrando que tais aspectos são sensíveis e delicados à própria psicanálise. De tal exame nota-se que Freud interliga indiretamente a vontade de poder, sob a face do desejo, conceito bastante longo e complexo e que se torna centro das interpretações de sonhos e da teoria das pulsões na cultura.

A linha tênue entre pulsão e desejo é sempre um caminho profícuo em sua investigação; no entanto, destaco que o caminho metodológico não acomoda a discussão

do desejo, apenas assinala que, para Freud, no que foi possível notar, o traço do desejo com expressão da vontade de poder circulava em seus escritos de forma muito presente. No que diz respeito às demonstrações da natureza do apoderamento em sua relação com o trabalho psíquico, Freud (1893-95/2016) observou os indícios no corpo das mulheres histéricas, numa espécie de análise da patologia, e destaca a função da musculatura na doença, a manifestação pulsional.

Longe de uma concepção biologista, ou de supor uma posição de Freud a respeito disso, entendemos que a fascinação de Freud pela anatomia é incontestável. Desde os estudos sobre as enguias, utilizou abundantemente as noções da fisiologia, não apenas para sustentar suas afirmações, mas para interrogar seus limites. No início das elaborações, Freud recorreu a isso e notou o trabalho muscular, a dinâmica das relações entre órgãos, como a vesícula, a mucosa do intestino, o ânus e demais aspectos do corpo humano.

Retomando a construção da teoria das pulsões, no primeiro tempo, aquela de 1905, Freud compreendeu que o órgão passa a representar a dimensão ativa, passiva e reflexiva dos destinos pulsionais, como por exemplo a referência de Freud (1905/2016) à meta sexual passiva, exemplificada na mucosa intestinal erógena, isso no caso da experiência da fase anal.

A partir daí enfatizamos o apoderamento especificamente na formação do aparelho psíquico e condição para o advir do sujeito, o que, por sua vez, extrapola a noção de dominação, ou empoderamento, pois não se trata apenas de obter, conter em si o poder para operar. Mas, sobretudo, a noção da pulsão de apoderamento implica um campo maior, é só uma abordagem de potência para criação de si, a que acrescento os três tempos de sua operação subjetivante. Assim, apresento num bloco o que chamo de Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento, e por consequência a extensão clínica,

concentrada na psicopatologia, que comporta os esclarecimentos da temporalidade do apoderamento.

Capítulo 2 – A Metapsicologia da Pulsão de Apoderamento e Seu Estatuto Originário

2.1. A Metapsicologia do apoderamento nas origens do psiquismo

No desenrolar das articulações, nos perguntamos por que seria útil uma proposta da metapsicologia para a pulsão de apoderamento, e se, não seria, mais uma das tentativas diferentes de renomear o já dito, já escrito por Freud. A resposta é não, a formulação do bloco metapsicológico é uma proposta que investiga as ações pulsionais ligadas à face do apoderamento, como a dominação, a incorporação, já descrita por Freud.

Do percurso de Freud e suas dificuldades quanto aos elementos que extrapolam a psicologia, as formações do inconsciente, compreendemos que a metapsicologia foi sua maneira de agrupar e organizar a lógica dos conceitos. De modo mais direto, o bloco da metapsicologia do apoderamento, definitivamente não é uma Psicologia do poder, nem tem pouco, o sentido dado ao poder em versões filosóficas, ou sociológicas. Muito pelo contrário, a elaboração é essencialmente o agrupamento dos instrumentos conceituais para uma abordagem investigativa.

Dorey (1981), percebeu que, no campo da psicanálise, o tema da pulsão, do apoderamento e do domínio, constitui um grave débito em relação à noção freudiana desta questão, o qual permaneceu espalhado num conjunto frouxo de ideias. Considerando tal estado, o autor registra uma importante advertência: “Se devemos dar um status metapsicológico mais firme ao número do controle, não é, portanto, tornando-o o atributo de uma tendência particular, colocando-a no contexto de uma oposição rigorosa com o conceito de domínio” (Dorey, 1981, p. 138).

Como se pode observar ao longo desta releitura, é justamente tomando um diálogo mais amistoso que preservamos a relação da dominação e do apoderamento, sem que a presença de um seja uma ofensa ao outro. Sobretudo, porque tal abordagem instrumentaliza as interrogações e possíveis avanços, tanto na especulação dos processos constitutivos do tornar-se humano, consequência de sua relação com o desconhecido, como daquilo que podemos apreender, sobre uma maneira específica mostrada na psicopatologia do apoderamento, na vitrine do autismo.

Partimos do início, expondo os conceitos utilizados para sustentar a condição originária do apoderamento, onde estão arrolados, a criação, as noções de apropriação/rejeição, a noção de metabolização. Apresentamos a ideia dos elementos da metapsicologia em dois artigos, em que cada um, com o seu objetivo, articula precisamente os apontamentos das ideias.

No primeiro trabalho, nomeado “*A metapsicologia da pulsão de apoderamento: considerações sobre a constituição psíquica*”, enfatizamos a função da metabolização, tal como dado por Aulagnier, o que permitiu precisar a ação do aparelho muscular (Trevisan & Bertoche, 2023). Já no outro manuscrito, “*Considerações sobre a destruição e a criação a partir da pulsão de apoderamento*”, articula-se o traço da dominação, e delimita o trabalho do apoderamento, enfatizando a concepção da destruição e da criação inerente ao impulso para dar lugar ao advir do sujeito. (Trevisan et al, *no prelo*)

A referência aos artigos é uma maneira efetiva de construir um lugar sólido para a questão, disseminando a ideia a fim de novas provocações e avanços. O testemunho dado ao longo da pesquisa, na admissão da ideia pelos pares, vai solidificando a proposta desta Metapsicologia como uma continuidade das interrogações de Freud. Assoun nos lembra com precisão que, “a Metapsicologia vive de seu inacabamento, simultaneamente formal, não existe exposição metapsicológica completa” (Assoun, 1989/1991, p 39).

A noção da metapsicologia da pulsão de apoderamento é o ponto alto da organização teórica, e constitui uma espécie de acomodação aos restos que permanecem eminentemente sob os escombros da história, e habitando os enigmas da clínica. A proposição do apoderamento partilha, sobretudo, o que é próprio da natureza da pulsão, isto é, sua exigência de trabalho, e, sobre esta modalidade, Assoun (1989/1991) afirmou que:

Na ideia da exigência (*Anjorderung*) deve se apenas um requisito econômico, funcional e impessoal. A pressão é chamada para preencher uma falta. Ativa de todo modo (enquanto instância motriz) ela é, num outro sentido, fundamentalmente passiva, já que deixa sua intervenção ser determinada por um acontecimento negativo que afeta o sistema econômico. (.p 39)

A reunião de elementos conceituais integra, indissociavelmente, seus aspectos clínicos e passa a ganhar força a partir de Lacan e seus interlocutores. A partir do apoio que tomamos do ensino de Lacan, onde a pulsão assume um estado ampliado, e passa a revelar sua dinâmica na relação com o outro, torna-se possível estabelecer os fundamentos. Das condições ofertadas por Lacan, pinçamos o acabamento da diferença do apoderamento, situando-o como instrumento conceitual para uma abordagem aproximativa dos mistérios mais longínquos da psique, ou mais precisamente, os princípios de seu poder.

Deste modo, a vertente metapsicológica, é, sobretudo, uma proposta de continuidade da questão epistemológica das pulsões. A aproximação permitirá compreender tanto os traços das origens do psiquismo, quanto na psicopatologia da vida cotidiana, e suas ressonâncias nas versões mais arcaicas do adoecimento.

A elaboração visa ir além da nomeação e implica a exploração de sua dinâmica, principalmente no trabalho da apassivação. Cabe, a princípio, destacar que no desenvolvimento que se segue, a apassivação assume uma definição crucial, e que se

difere do retorno a si dado por Freud, será tomada como: uma posição produzida no corpo pela pulsão de apoderamento com o objetivo de se fazer.

As observações da apassivação não são novas, e já se apresentam na concepção de outros pensadores, numa modalidade distinta, daquilo que poderíamos dizer de um puro passivo. A base para o princípio encontra-se na elaboração de Penot (2001, p. 19), que aborda diretamente o problema freudiano da passividade, destacando a função da *passion*, para ele “a conjunção é reforçada através do exercício reiterado de se deixar levar, deixar-se ser. Deixar-se levar”.

O ponto sublinhado por Penot (2001), precisamente sob o aspecto de se deixar, ou deixar-se ser, concentra os impasses que ligamos à pulsão de apoderamento, pois é necessário que um ato judicatório para que se estabelece, o “deixar ser” e, por efeito, funda uma posição fundamental, o apassivado. O que nos leva a interrogar, qual seria o critério desta resposta, ou ainda, quais condições seriam favoráveis para que uma resposta de consentimento acontecesse.

Nossa hipótese de trabalho é que, nesse nível, depende de que o lugar experimentado no corpo, tenha lhe sido prazeroso. Decorre disso a inclusão do consentimento de se deixar, circunscrevendo uma marca no aparelho psíquico, ou em termos mais simples, o traço do apassivado. Caso contrário, caso o corpo experimente a contingência, de modo que não lhe seja suportável, a resposta seria de negação, excluindo a possibilidade de se deixar ser para o outro.

A metapsicologia do apoderamento, é a dimensão teórica produzida, essencialmente, das extrações históricas e das revisões teóricas. O bloco abriga a redefinição da pulsão de apoderamento no seguinte: ao invés de uma pulsão de dominação classificada por esta função, a proposta aqui é radicalmente distinta, e se sustenta no termo

de pulsão de apoderamento, cuja força, *a priori* não é sexual, e por isso, empenha-se originariamente na organização do psiquismo

A novidade acrescentada decorre do objetivo mencionado por Freud, o que me permitiu sublinhar o ímpeto criacionista operado por meio do aparelho muscular (*Bemächtigungsapparat*, aparelho de apoderamento). A última consequência disso, reside na elaboração dos três tempos da pulsão de apoderamento, ponto mais elevado que a tese pode chegar, até o momento.

No interior da Metapsicologia da pulsão de apoderamento, situamos a incorporação, a dominação, e a identificação. Além disso, outras posições teóricas foram produzidas para precisar a ideia de metapsicologia, principalmente a partir dos teóricos franceses, que chamo campo da epistemologia da pulsão de apoderamento, como Gillibert (1981, 1984), Gantheret (1981), Dorey (1981, 1986).

A lógica de três são, desde Freud bem conhecidas, seja nos três tempos da pulsão, ou no ensino de Lacan, sob a forma dos três registros do psiquismo, real, simbólico, imaginário, ou mesmo, nos três tempos do Édipo. Na obra de Aulagnier (1979) consta os três eixos da constituição psíquica, de Didier-Weill (1995) “*Os três tempos da Lei*, e por fim os três tempos da subjetivação do fantasma no que propôs Penot (2010). No mesmo percurso, apresento as três modalidades do apoderamento, no fazer pegar, fazer pegado, e se fazer pegar, discutido calorosamente no próximo capítulo.

Diversos autores se lançaram na temática das pulsões, na tentativa de esclarecer a metapsicologia, agrupando suas ações, como Green (2022), na pulsão de morte, de Federn (1952), Weis (1953), na pulsão de destruição. Tais condições não foram sem razão, já que Freud, deixa, de certa maneira, seu campo aberto: “Sugiro chamar toda a descrição do processo psíquico que envolve as relações dinâmicas, tópicas e econômicas de descrição metapsicológica” (Freud, 1915/2006b, p. 33).

Retomo os teóricos franceses, de onde extraí as bases para a construção da metapsicologia. A começar por Dorey (1981), que refere o apoderamento e a metapsicologia com mais frequência, articulando a expressão da pulsão de apoderamento de modo robusto. O autor a compreendeu como uma força de influência entre os sujeitos, que exige apropriação, dominação e inscrição. Entretanto, adverte dois pontos basilares, e os incluímos em nossa proposta, diz ele que:

É essencialmente importante que na perspectiva metapsicológica, os mecanismos e processos que estão em jogo nessa relação possam ser identificados, e que, no plano psicogenético, sejam identificados os principais determinantes que presidem seu estabelecimento. (Dorey, 1981, p 118).

Minha hipótese é uma resposta aos dois aspectos, primeiro, identificamos os processos, apontando para a incorporação, apropriação, e do segundo, a exploração do aparelho de apoderamento, e seu trabalho operado na dimensão muscular. A intenção de retomar a Metapsicologia e seus impasses, nos adverte de alguns perigos, e ensina a valiosa lição, para contornar os reducionismos, que, por hora, são mantidos em nome de certa precisão. Mas, por outro lado, se mantermos o campo muito aberto e descritivo, não fazemos mais que assumir o inóspito lugar de “papagaio de pirata”. Um caminho de encruzilhada se apresenta aí, mas também um motor para o avanço.

Segundo a elaboração de Dorey (1981), uma das mais enfáticas sobre a questão da “*pulsion d’emprise*”, admitiu que é uma noção muito ampla, retratando um impulso não sexual, uma posição interessante, mas não precisa. Ainda assim, para ele, o termo “só pode encontrar verdadeira fecundidade se considerarmos o domínio como um modo muito singular de interação entre dois sujeitos, que corresponde a um arranjo complexo da relação com o outro” (Dorey, 1981, p. 120).

A luz desta constatação, defendo ampliar o sentido da observação, sem, contudo, inclinar-se à generalização. O objetivo tem como pano de fundo levantar não apenas uma posição quanto ao que não se explorou, mas interrogar os poderes da pulsão que transitam da psicologia à metafísica, isto é, o pilar da Metapsicologia.

Torna-se importante assinalar a que nos referimos quando mencionamos o poder. A referência é uma maneira análoga à de Freud quando se referiu à Metapsicologia da Feiticeira, não no sentido literal, e sim, numa maneira de extrair a potência de um fazer desconhecido, tal como as feiticeiras. (Freud 1920/2020)

Nessa direção, estão os elementos formadores da Metapsicologia do apoderamento, partindo das observações que Freud propôs, e são interligados com o apoderamento. Trata-se da relação entre a pulsionalidade e a incorporação, é a ação que noticia o movimento do dentro e fora. Em outros termos, a incorporação revela com nitidez o processo operatório da apropriação/rejeição do mundo, dimensão inicial do apoderamento.

2.2 A incorporação pre-face do apoderar

À medida que vamos afirmando as bases do apoderamento e suas variações, torna-se imprescindível assinalar sua aparição dada por Freud. Fizemos um rastreio de duas palavras específicas: “incorporação” e “dominação” na edição da Imago, obras completas de Sigmund Freud. Extraímos um quantitativo expressivo delas: no total, encontramos a palavra incorporação e seus derivados mais de 60 vezes, expressão significativa com função elementar e que não pode passar despercebida. Também mobilizamos investigações destes termos nas cartas de Freud e a de seus contemporâneos, a fim de precisar historicamente os problemas que apareceram para o autor.

Desde os estágios de Freud no Hospital da *Salpêtrière*, identificamos algumas expressões fundamentais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Sublinhamos

gradualmente a noção de incorporação, ilustrando nela a força muscular para apropriação, análogo ao trabalho que parece indicar o carácter mais originário e rudimentar da pulsão de apoderamento.

Com base na compreensão dos fenômenos da histeria, podemos situar certa similaridade na constituição do inconsciente, e assim formular uma ilustração mais aproximativa da realidade do humano. Por exemplo, o bebê em sua entrada no mundo submete-se às mais diversas sensações e contingências, e, por isto, a psique opera com o intuito de diminuir a excitação que toda diferença introduz, gerando um tipo de ordem para contenção de excitação, realizado por meio do aparelho muscular, onde a incorporação é um dos elementos do trabalho pulsional psíquica.

A partir daí, podem ou não ocorrer incorporações, apropriações, e, com isso, a existência do objeto/mundo externo ao próprio corpo do bebê. Freud indicou um breve modelo disso:

Na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais - os orais - teríamos: Quero comer, ou quero cuspir isso; e, numa versão mais geral: quero pôr isso dentro de mim e retirar de mim. Ou seja: isso deve estar dentro ou fora de mim. O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha fora, são idênticos inicialmente. (Freud, 1925/2011, p. 278).

Assim, a força produz um processo assimilatório, seu jeito de construir a familiarização. Em outros termos, uma ação que visa transformar tal mundo desconhecido em seu próprio mundo, em seu próprio corpo ou parte dele. Quando Freud (1893-95/2016), abordou os fenômenos da histeria e a lógica de Charcot, elencou em diversos momentos o papel da musculatura expressado na incorporação, ou caminho para

relacionar-se com o mundo externo, o que, mais tarde, se tornou claramente a noção de conversão.

Recordemos que é por volta de 1895 que surgem as primeiras aparições da metapsicologia; numa consulta a Fliess, admitiu o termo em questão, escrevendo-lhe numa carta: “Aliás, vou perguntar-lhe com seriedade se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que vai além da consciência”. (Freud, 1897/1996, p. 325). Em outra ocasião, ele afirmou:

Encontravam-se na massa muscular múltiplos feixes rijos que também pareciam particularmente sensíveis. Assim, havia provavelmente uma alteração orgânica dos músculos no sentido indicado, na qual a neurose se apoiou e cujo significado fazia parecer exageradamente grande. (Freud, 1893-1895/2016, p. 198).

Em termos visíveis, Freud descreveu os aspectos psicopatológicos no corpo das mulheres nos famosos arcos e paralisias histéricas, por meio dos quais suas pacientes forneciam demonstrações para sua análise experimental, é daí que elabora sua descrição de uma atividade muscular:

As ações motoras em que normalmente se descarrega a excitação dos afetos são ordenadas e coordenadas, ainda que amiúde sem propósito. Mas uma excitação exorbitante pode contornar os centros de coordenação ou rompê-los e escoar em movimentos elementares. Nos lactentes, além do ato respiratório de gritar, são efeito e expressão do afeto apenas contrações musculares incoordenadas, o arquear-se e o espernear. Com o desenvolvimento, a musculatura submete-se cada vez mais ao domínio da coordenação e da vontade. (Freud, 1893-1895/2016, p. 289, 290).

Nesta observação, Freud encontrou a ligação entre a atividade psíquica ainda camuflada ao sistema neural no aparelho muscular, no mesmo período, e pela primeira vez, Freud mencionou a função do músculo como um tipo de aparelho. A lição vem dos

desdobramentos do caso de Anna. O: “Aqui, o pensar e idear do Eu, consciente desperto encontra-se ao lado de ideias que, habitualmente na escuridão do inconsciente, alcançaram agora o domínio sobre a musculatura e a fala (Freud, 1893-1895/2016, p. 324)”.

Ainda sob a guarda dos textos pré-psicanalíticos, se apresenta um esboço da noção do aparelho muscular com qualidades e ações integradas à dinâmica do inconsciente. Se a clínica da histeria constitui para Freud um laboratório fundamental da dimensão muscular, nos serve também como vitrine para ilustrar e permitir a releitura das bases da pulsão do apoderamento, no que tange à criação e à patologia.

Hendrick (1943), Herman (1972), Barbier (1992), também concordam que os primórdios do apoderamento podem ser localizados no desenvolvimento motor, remontando as experimentações reguladoras da relação com o mundo, num tipo de força com o intuito de operar sobre ele.

Não fomos os únicos a notar a proximidade da incorporação com o trabalho da pulsão de apoderamento. Simmel, (1943/2022) e Gillibert (1981) entenderam a incorporação ligada ao apoderar como primeira manifestação da potência para a tomada do mundo e destaca uma lista de autores que, segundo ele, fazem referência a isso de maneira indireta:

Introjeção do desejo instintivo, incorporação do objeto no Maria Torok e Nicolas Abraham, na linha Fercziana. Pegada sadico-anal em Béla Grunberger e J. Chasseguet pela captura evolução do pênis do pai, paleo-narcisismo de Grunberger, violência fundamental de Bergeret, o vampirismo estudado por Paulette Wilgowicz, agressividade ligada e desvinculada do sexual em Lebovici e Diatkine. Mas poderíamos ainda citar todos aqueles que refletiram tematicamente sobre a pulsão de morte ou dependência relacional. Já o Sr. Bouvet com a “distância” relacional e muito recentemente o Sr. Fain

no Desejo do intérprete, principalmente quando se trata de habilidades motoras do impulso, “órfão” de vestígios de memória » (sic) (Gillibert 1981, p.1221).

Este panorama permite situar dois tempos da teoria acerca da incorporação: o primeiro abordado por Freud indiretamente nos textos pré-psicanalíticos, observado no trabalho do aparelho muscular, centralizado nos estudos sobre a dominação das excitações e as respostas aos estímulos externos.

E o segundo, onde a incorporação é tratada sob diversas manifestações e amplia sua operação, e passa a integrar outras formas de nomeações. Entretanto, alguns teóricos que abordaram direta ou indiretamente a pulsão de apoderamento, referiram-se à clínica dos transtornos alimentares, como Anzieu (1989), que utilizaram o invólucro corporal como instrumento para compreender a patologia pulsional.

Numa produção mais atual, Penot (2001), situa clinicamente na anorexia a atividade patológica que revela a articulação da pulsão e, em detrimento da apassivação, operacionalizada nos avatares da incorporação. Ainda que Penot (2001) não cite o apoderamento, atravessa os impasses de modo perspicaz, afinando a discussão do terceiro tempo da pulsão, o que constitui a base de avanço conceitual.

Já Gillibert (1981, 1984), toma diretamente a pulsão de apoderamento para explicar a “loucura pelo poder” e fornecer um potente desenvolvimento, afirmando que: a pulsão de poder possessivo, a pulsão da pulsão, essência da pulsão, dirigibilidade, beleza de antemão falado antes de Freud, mas sem ligá-los diretamente à sexualidade e morte, muitos sucessores falarão sobre isso, mas temporariamente, às vezes sem nunca o nomear. (Gillibert, 1981, p. 1221).

Acrescentamos outro elegante argumento do autor sobre os resquícios da pulsão de apoderamento, na forma neurótica:

Impor as soluções da autopreservação a turbulência sexual, os modos de satisfação do primeiro e a instabilidade do segundo. Trate o amor como a fome, que sabemos como acalmar. Podemos ver constantemente essa tentação em ação, e seu fracasso: existem mercearias para fome, então vamos abrir *sexshops* e Eros centers para o sexo. Mas a ironia do sexo - a insatisfação infiltra-se na tentativa assim que é exposta, a mercadoria está desatualizada. É essa a tarefa de dominar o objeto para parar a fonte que é dedicada à pulsão de apoderamento. A mão é a metáfora para o Eu, e o sonho do Eu é ser um punho imóvel fechado no objeto. (Gantheret, 1981, p. 115).

A alusão de Gantheret (1981) sobre a mão é uma referência direta à pulsão de apoderamento na versão clássica dada por Freud em 1905, sobre a masturbação. No nível da apropriação verso rejeição, Gantheret (1981), lembrou que os indícios dados por Abraham na correspondência com Freud em 1924, esclarecem a doença do apoderamento no domínio da melancolia e da neurose obsessiva. São essas outras formas que encontramos situadas direta ou indiretamente na composição da psicopatologia psicanalítica.

Retomando o arrolamento da incorporação como primeira manifestação do apoderamento, desde o escopo freudiano, destaco os autores que apresentam uma abordagem aproximativa daquilo que sustenta minha proposta metapsicológica. Dentre elas, Simmel (1943/2022) com a pulsão de devorar, Spielrein (1912/2021) com a pulsão de procriação, Aulagnier (1979) com os processos de metabolização no originário, Anzieu (1989) com envelope corporal.

Com base nisso, torna-se possível afirmar que a participação da pulsão de apoderamento na incorporação, revela não apenas o início da produção dos objetos, que podem ser bons ou maus, mas também as tramas originais da subjetivação, a qual expressa os caminhos da pulsão, no pegar e não pegar.

Destacamos o texto de Simmel, bastante importante, embora pouco explorado na literatura psicanalítica. Simmel (1943/2022), situou uma organização mais originária, anterior às fases oral e anal, argumentação congruente com nossa posição. Para ele, a função pulsional, em sua origem, é gastrintestinal, pois é neste órgão (no intestino) interno que residiria a plena homeostase. De introdução, ele mencionou o uso indiscriminado de Freud para se referir ao “estágio oral do desenvolvimento da libido” e o “estágio canibalístico”.

Para Simmel (1943/2022), a pulsão de autoconservação objetiva manter em si uma estrutura econômica da pulsão, destruindo aquilo que lhe impede de realizar seu objetivo. O autor atrelou a natureza da autoconservação à destruição e afirmou: “É evidente que Freud considerou o estágio oral da libido e as manifestações das pulsões de autoconservação como idênticas ou, ao menos, coordenadas. Estes três termos estão postos lado a lado, como preparativo para uma nova teoria” (Simmel, 1943/2022 p. 31).

Outro elemento fundamental observado por Simmel, como reforçador de nossa hipótese, é que a pulsão de apoderamento se encarrega de manter dados para a fabricação do Eu:

O objetivo do eu de manter a si mesmo expressa então a sua necessidade de preservar ou restaurar a normalidade do seu equilíbrio narcísico interno, o critério de um eu normal é de que ele não é consciente sobre si mesmo enquanto funciona como agente de controle, de passagem, ou como barragem da contenção das energias pulsionais do Id. (Simmel, 1943/2022 p. 33).

Nisto, considero a presença da potência criativa de estratégias na tarefa de ordenar os impulsos em seus destinos e formas. Na abordagem sobre a devoração, Simmel (1943/2022) colocou o ódio como uma força conservadora: “Assim, o objetivo do ódio é a incorporação do objeto”. Conferindo ainda que, “há uma pulsão de devorar no homem, estreitamente associada à sua necessidade de autoconservação” (Simmel, 1943/2022 p.

57). Sua exposição estende a complexidade das forças pulsionais numa meta específica, aquela de fazer existir condições para o advir do sujeito.

Ainda sobre Simmel, torna-se relevante demonstrar que já havia, entre outros psicanalistas, articulações teóricas sobre o aparelho muscular na função de instrumentalizar a pulsão. O pensamento do autor é indicativo de que há, na pulsão, um traço para instituir-se, o que ele chama de manter um equilíbrio, e que a destruição seria uma guardiã de tal condição. Ele descreveu:

A pulsão de autoconservação procura alcançar sua meta dentro do indivíduo, enquanto a pulsão sexual se estende além da fronteira do individual. A gratificação da pulsão sexual elimina a excitação das fontes orgânicas e preserva o objeto, por sua vez, a gratificação da pulsão de autoconservação remove a excitação gastrointestinal e destrói o objeto (Simmel, 1943/2022, p. 41).

Tal articulação mostra a ligação com um tipo de se fazer psíquico para a constituição do humano. E o se-fazer inclui a atividade de criação, pois a criação é inerente à fundação do sujeito. Para Simmel (1943/2022), isto aconteceria nas origens, com a pulsão de devoração, com o fim de incorporação, que é, sobretudo, uma forma de organizar a relação com o mundo.

Nestes termos, apresento a leitura da “pulsão de devorar” localizando-a no estágio mais primitivo da libido, noutras palavras: “Somente assim, a sucção do leite da mãe se torna a incorporação do objeto materno, ao mesmo tempo que se restabelece uma união psicológica que existia entre o bebê e o objeto materno antes do nascimento” (Simmel, 1943/2022, p. 41).

A contribuição de Simmel ilumina o papel do aparelho muscular, sem atribuir um sentido de determinação biológica: “O ato da alimentação é receptivo, porém não simplesmente passivo. Um conjunto (*syndrome*) de músculos estriados deve entrar em

jogo para fazer o bebê encontrar o seio materno e segurá-lo, até que a satisfação seja alcançada” (p. 51).

A lógica de Simmel, reforça o estatuto metapsicológico da pulsão de apoderamento em sua ação de criação, uma vez que, constitui o processo de tomada do mundo e uma construção a partir de sua experiência.

A defesa de Simmel sobre a pulsão de devorar é interessante e demonstra em partes o efeito da pulsão de apoderamento. Apenas mediante a exploração deste elemento vai se tornando lícita a concepção da pulsão de apoderamento, numa formação metapsicológica. A partir daí, é cabível a defesa de que o apoderamento é um traço inerente à própria natureza das pulsões, cujo princípio subjacente rememoramos com Freud (1937/2022, p. 361): “Para o psíquico, o biológico realmente tem o papel de pano de fundo”.

Na esteira das ações que integram a metapsicologia, estão o devorar, incorporar e dominar como meios de exercer poder como respostas do sujeito ao mundo. Entretanto, no percurso mais refinado desta tese, utilizo a ação do pegar para formular as três formas de ação do apoderamento. Não se pretende com isso sobrepor à função muscular, mas abordá-la como um instrumento para visualizar os entraves existentes no campo das pulsões.

A insistência nesse campo, revive a recomendação de Lacan: “O corpo deveria deslumbrá-los mais” (Lacan 1974/2023, p.35). O que, de pano de fundo, serviu como orientação para encontrar uma ação que pudesse minimamente permitir um exame apurado da pulsão de apoderamento, a qual será feito adiante no trabalho do fazer pegar.

Anterior às concepções de Simmel e Lacan, sobre a discussão pulsional, estão as observações de Spielrein (1912/2021), é fato que a construção da autora recebeu menos atenção de Freud, embora tenha admitido que é “muito brilhante, e tudo o que diz tem

significado, o seu impulso destrutivo não é muito do meu gosto, porque creio ser pessoalmente condicionado” (McGuire, 1993, p. 499).

Segundo Spielrein, (1912/2021) haveria um tipo de pulsão chamada de procriação, ou preservação da espécie, que deveria dissolver o velho e criar o novo, corroborando para a introdução da destruição, num outro nível – aquele que dá lugar à criação (Spielrein, 1912/2021). Nota-se aí que a pulsão para Spielrein tinha uma função mais direta do que pensava a maioria dos pós-freudianos. Tal consideração serve, sobremaneira, para fortalecer o princípio sobre o apoderamento em sua condição de meta parcialmente orientada.

Ambas as considerações, de Simmel e Spielrein, pressupõem na pulsão o trabalho da destruição correlato ao objetivo de criação. O tema foi amplamente discutido principalmente nos congressos de Budapeste nos anos que se seguiram aos fundamentos da Metapsicologia freudiana de 1915, como tentativas de articular mais claramente a natureza da destruição/criação como presença simultâneas no psiquismo humano, e não apenas como antagônicos.

Caropreso (2002), enfatiza que Spielrein considerou o impulso destrutivo indissociável de um impulso da reprodução, sendo eles expressos na tendência à dissolução e assimilação. Sob os mesmos aspectos, alinhamos a ação da pulsão de apoderamento, em sua natureza de empenho da criação, inclusive com força para realizá-lo; enodando a relação entre criação e destruição.

2.3 Os dispositivos originários: o ódio e o amor

Para dar continuidade às articulações da pulsão de apoderamento, retomamos os dispositivos do amor e do ódio, que serão tratados, como representantes das forças em jogo, na experimentação da vida, aspecto imprescindível na investigação freudiana:

Fases preliminares do amar surgem como metas sexuais provisórias enquanto as pulsões sexuais atravessam seu complicado desenvolvimento. Reconhecemos como a primeira dentre essas fases a de *incorporar* ou *devorar*, como uma forma de amor compatível com a suspensão da existência em separado do objeto, podendo, portanto, ser caracterizada como ambivalente. (Freud 1915/2021, p. 61).

Notamos o eminente processo de incorporar, ou seja, de tornar-se parte de si. O interesse é preservar o rigor das definições, assim, se faz necessário indicar que incorporar e introjetar não são as mesmas, o que é claro do ponto de vista freudiano. Entretanto, no nível do apoderamento, expomos os contornos para prevenir embaraço no seguinte: o introjetar corresponde ao apropriar, é o trabalho para tornar próprio, diferentemente do incorporar, que consiste na integração ao corpo, o que se situa na vertente do apoderamento.

Tanto a introjeção-, quanto a incorporação, participam da ambivalência, já que dependem da experimentação, e por isso decorrente da posição judicatória do Eu, ainda que seja o Eu de prazer, mas, isso não significa que sejam sinônimas. Podemos afirmar que ambas são ações reveladoras da dimensão conceitual, com a qual abordamos o amor e o ódio, a integração no caso do amor, e no segundo, um trabalho mais complexo para lidar com a diferença que produz o ódio.

No campo das relações amorosas, talvez isso seja mais claro, pois acionam concomitantemente o amor e ódio num movimento constante de unir e separar. Tais considerações, nos conduzem ao retorno freudiano sobre a questão do apoderamento, num instrumento teórico que constitui certa dobradiça fundamental. Nos referimos ao fato de Freud (1905/2016) introduzir a ligação da referida pulsão à sua abordagem como fonte da ambivalência.

Depois da menção registrada em sua obra, e passados 10 anos até então, Freud (1915/2021), encontra-se às voltas com as pulsões, e inevitavelmente se depara com uma

ação, já vista na fase anal, como “forma do ímpeto pela dominação, ao qual é indiferente o dano ou aniquilação do objeto” (p. 61). Neste impulso é que está a forma agressiva que pode aparecer, visando, por meio da força, obter êxito na apropriação.

Numa extensão da análise freudiana, Aulagnier (1979) nota a presença da potência pulsional, e a utiliza para situar o ódio no processo de metabolização, isto é, um trabalho muscular, que desempenha a capturar as informações da relação com o mundo. Sob esta articulação, situamos a esfera do ódio como primordial nos processos originais do acontecimento da vida psíquica, e dos quais a incorporação, apropriação/rejeição, introjeção e expulsão são substratos operacionais.

Ao ódio, inicialmente, ficaria a intenção de preservar por maior tempo possível a estabilidade e a homogeneidade do estado do corpo, incluindo nisso a dimensão quanti e qualitativa da pulsão. Esta posição é compartilhada pelos demais autores, como Freud (1905/2016), Simmel (1943/2022), Lacan (1959-1960/2008), Aulagnier (1979).

Por tais razões, mantemos a primazia freudiana, onde, num primeiro momento, o ódio tem função de autoconservação, portanto, aliado de *Eros*, ao aniquilar a ameaça vital. Na abordagem de Gantheret (1981, p. 18), “Odeia-se qualquer objeto que se oponha ou se recuse à satisfação, e primeiro no campo da autopreservação”, o autor, assinala ainda, que:

Poderíamos argumentar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio não vêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação. O impulso de apoderamento nos aparece nessas condições como um instrumento que operará uma solda essencial: indica a volúpia autoerótica a caminho dos objetos, do amor de objeto e, ao mesmo tempo, confunde esse amor de objeto com o ódio resultante da autopreservação. (Gantheret, 1981, p. 1110).

Deste modo, encontra-se o trabalho da pulsão de apoderamento na atividade organizativa da vida psíquica, tendo a ambivalência como estratégia e crivo para a realização de seu circuito. Na mesma direção, Lacan (1959-1960/2008) evidenciou o amor e o ódio, fundamentalmente a ambivalência que incorre sobre os efeitos da morte sobre a vida. Observemos:

É um registro em que existe ao mesmo tempo, a boa vontade e a má vontade, esse *no lens volens* que é o verdadeiro sentido dessa ambivalência que se apreende mal quando é abordada no nível do amor e ódio. É no nível da boa e da má vontade, e até mesmo da preferência pela má no nível da reação terapêutica negativa, que Freud, no termo de seu pensamento, reencontra o campo da *das Ding*, e designa-nos o plano para além do princípio do prazer... E que Freud aí nos designa o que na vida pode preferir a morte (Lacan, 1959-1960/2008 p. 17).

Assim, temos o amor como um determinante inconsciente em seu caráter unificador, designado pelo traço, no qual se (re)encontra uma parte de si, e são formuladas as vias pelas quais o aparelho psíquico encontra satisfação na encarnação original. Este é o vetor que gerará mais tarde a ideia fantasmática do sujeito e seu lugar no mundo, ou seja, dá-lhe uma possibilidade de existência.

Com a agudeza conceitual de ódio iniciada por Freud, e enfatizada por Aulagnier, percebe-se, então, a seguinte lógica: o ódio é uma forma de preservar o material homogêneo, ou seja, de exercer domínio e estabilidade, o qual inclui a característica de erradicar qualquer apresentação que obrigue o trabalho de buscar outra coisa.

Assim, o ódio em sua face primordial, segundo Aulagnier (1979), se colocaria como desejo de não desejo, como uma tendência da vida pulsional, isto é, o desejo de retorno ao inorgânico, lugar desertificado de objeto e, portanto, sem representantes de desejo, no qual é possível especular o campo da pulsão de morte.

Mas o par amor e ódio parece operar, sobretudo, em duas variações: de um lado, a variação sexual da vida, manifestação de desejo de desejar, e do outro, a dimensão mortífera propriamente dita, ou no desejo de não desejo. Vejamos a hipótese:

Figura 1

Traço pulsão de apoderamento em Eros e Thanatos



A construção deste quadro demonstrativo é uma articulação apresentada no artigo “*Considerações sobre as origens da vida psíquica: Uma releitura contemporânea da pulsão de apoderamento*” preconizando, de sobremaneira, impulso em seus dois vetores, o sexual e o de morte, além de suas respectivas polaridades de amor e ódio” (Trevisan & Vivês, *no prelo*). Um bom exemplo disso é a modalidade do amor-paixão que, segundo Ferreira (2016), visa incorporar, devorar o outro – tal é a inclinação original da pulsão. Por isso, é comum nas relações afetivas o campo mortífero vivificado por sua demanda de insistir, repetir, tentativa de engolir o outro.

Assim, é possível interpretar no amor uma evidência do desejo de posse do outro, ou seja, uma estratégia para organizar as relações. Sobretudo, situamos que tal dimensão é predominantemente multifacetada pelo imaginário, onde se pratica a crença da existência do objeto inalcançável. Nesta perspectiva, o que se almeja é tornar-se sujeito, acoplando a si o ser objetalizado do outro.

Freud (1923/2011) utiliza o amor e ódio para esclarecer a mecânica das oposições pulsionais, dizendo que “a transformação que ocorre por meio de um deslocamento reativo do investimento, quando se subtrai energia do impulso erótico e se introduz energia no impulso hostil” (p. 54). Ao se deparar com a hipótese da oposição pulsional, na noção da pulsão de morte, outra preocupação parece tomar Freud (1920/2020), reside na condição de, ao menos, apontar na fisiologia humana uma pequena demonstração de sua especulação sobre Thanatos.

A solução de Freud (1920/2020), foi recorrer à teoria de E. Hering, no que ele postulou sobre os processos construtivos chamados de anabólicos, e os destrutivos, catabólicos, ilustrado no funcionamento da biologia humana. O médico vienense fez menção a esses processos em 1920, para descrever a ação das pulsões no organismo, sobretudo para enfatizar uma incidência pulsional ativa sobre o próprio órgão.

No desenvolvimento da dualidade pulsional, para cada uma dessas duas espécies de pulsão, estaria associada a um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação, anabolismo e catabolismo, respectivamente), em que cada fragmento da substância viva estariam as duas, mas em mistura desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros.

A tentativa de expor os processos de criação e destruição operando nas células, e que, seriam no decoro freudiano para sustentar Eros e Thanatos, e indica um caminho que, indiscutivelmente, passa pela aparelhagem do apoderamento (Freud, 1923/2011).

Diante dos argumentos expostos, demonstramos o trabalho de Freud, no que diz respeito a pulsão de apoderamento aproximada do caráter de assimilação, como o anseio de unir, portanto, a esfera do amor, e de outro lado, a desassimilação, na operação de ódio – balizas que a pulsão, com sua força, produz para manter em sua possibilidade, o alcance de seu poder como potência.

2.4 A Distinção Entre Pulsão de Apoderamento e Pulsão de Morte

Não foram poucos os leitores de Freud que tiveram a apreciação da pulsão de morte como o ponto central da violência. Por outro lado, não foram muitos, se é que houve algum que se atentasse para a originalidade de Freud em 1920, naquilo que diz respeito a vontade de poder e a pulsão de poderamento.

No percurso desta revisão conceitual, tanto no estado da arte, quanto nas submissões dos artigos referentes as ideias da pulsão de poderamento para as revistas de psicanálise, pairava certa resistência e generalização na discordância da posição apresentada sobre a pulsão de poderamento. A negativa inicial e a discordância, nos obrigou a intensificar o exame entre o poderamento e a pulsão de morte, que resultou num pilar importante desta tese.

Durante o trajeto, encontramos alguns trabalhos como Cardoso (2002), Brühlhart-Donoso (2011), Caropreso (2013) e Efken (2017), que interpretam a pulsão de dominação em função da pulsão de morte, o que nos fez revisitare as origens de ambas para estabelecer as diferenças entre essas noções.

A razão para ligar o poderamento à pulsão de morte, não é aleatória, e muito menos sem razão. O fato mais importante nesta história, encontra-se no modo como Freud (1920/2020) assinalou ambas as noções, e simultaneamente no texto, “*Além do princípio do prazer*”. Este ponto constituiu um passo imprescindível no avanço da pesquisa, e invocou a construção de um percurso para evidenciar suas particularidades.

A partir do exame destas noções, tornaram-se ainda mais claras as diferenças existentes entre elas, o que, quando exposto, soava como anátema à comunidade psicanalítica, revelado na recusa dos periódicos e revistas quanto à proposta de artigos, sem que uma justificativa plausível fosse tecida. Mas, por outro lado, serviu como motor

para fazer andar a produção, já que, diante da resistência, tínhamos apenas a insistência da curiosidade.

No tocante ao campo epistemológico, retornamos não apenas ao texto, mas ao contexto entre o apoderamento e ao tema da morte. Nosso apontamento parte dos fatos ocorridos em 1910, que revelam a precocidade da relação entre pulsão e o tema da morte. A retomada revelou que a história antecede o momento de tensões entre Freud e Adler, e as sequelas do rompimento com Jung. O percurso cronológico, permitiu lembrar que foram as observações de Wilhelm Stekel, médico austríaco, que incitou a ideia da representação da morte presente nos sonhos, ponto que teria, inicialmente, despertado em Freud a atenção para o tema.

Freud (1914/2011), mencionou a perspicácia de Stekel quanto à escuta do inconsciente e as contribuições à teoria psicanalítica, principalmente por assinalar a ligação da teoria das pulsões com a morte. Roazen (1982) retratou com delicadeza o cenário; vejamos:

Desde o início, Stekel sempre colocou em grande destaque o tema da morte. De acordo com o relato feito por ele em 1910, ‘a angústia deve ser encarada como uma reação ao avanço do instinto de morte, motivado pela supressão do instinto sexual’. Stekel foi o responsável pelo primeiro exame do simbolismo da morte na vida onírica, apesar das observações levantadas por Freud. (p. 254)

Deste modo, a história nos revela que foi a partir das elaborações de Stekel (1910) sobre a morte, que se encontram as primeiras conexões teóricas sobre os aspectos simbólico da morte. Freud aludiu à contribuição de Stekel, mesmo que, para ele, houvesse certa resistência em tomar as propostas de seus discípulos de imediato, e que, apenas *a posteriori*, é que poderia se apropriar de suas contribuições; em suas palavras, Freud (1913/2010) admitiu que “este seria talvez o significado de uma frase de Wilhelm Stekel,

que na época pareceu-me incompreensível, segundo a qual o ódio, e não o amor, é a relação emocional primária entre os seres humanos” (p. 336).

Ainda que passados alguns anos, Freud não se esqueceu da importante observação de Stekel, confessando que: “Mas não entendo mais como pudemos ignorar a ubiquidade da agressão e da destruição não eróticas, e deixar de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida” (Freud, 1930/2020, p. 373).

Roazen (1982) nos conta que, embora houvesse divergências insuperáveis entre Freud e Stekel, as marcas deste desfecho acompanharia a ambos, por anos a fio na psicanálise vienense. Para o primeiro, a relevância no tocante à introdução da relação entre morte e a pulsão, para o segundo, o rompimento de uma amizade, pela lutou bravamente, mas sem sucesso

O fato principal é que Stekel foi quem usou primeiramente o termo grego *tânatos* para a noção da morte, razão pela qual, após a abrupta cisão, Freud substituiu a nomenclatura para a forma (*Todestrieb*) de pulsão de morte. Isso nos é útil por precisar a epistemologia da questão, sobretudo por enriquecer nossos elementos, uma vez que a proposta de Stekel (1910) anunciou que a pulsão, assim como a morte, se presentifica na vida por meio de símbolos, de mitos e da história, pluralizando a linhagem da pulsão de morte.

Faremos um breve parêntese aqui para demonstrar que, na história da pulsão de morte, existem pontas soltas não apenas quanto a definição, mas um pouco da história teórica, como prova desse certo recalçamento, o nome de Stekel é quase inexistente. É curioso notar que mesmo num dossiê muito atual publicado em 2020, por Gilson Iannini e Pedro Heliodoro, sobre o nascimento das ideias em torno da pulsão de morte e suas faces, não menciona a participação de Stekel no conjunto de contribuições. A produção

consiste na edição crítica bilíngue *Além do princípio do prazer*, seguida do dossiê “*Para ler Além do princípio do Prazer*”.

A obra é baseada em referências históricas sobre a temática e cita importantes trabalhos de Ferenczi, Spielrein, Starcke, incluídas as influências filosóficas de Platão, Schopenhauer e Nietzsche. Entretanto, a ausência da referência à Stekel nos chama atenção para mostrar a lacuna temporal na observação da construção dos conceitos. Notamos que a maioria das referências sobre a pulsão de morte, sobre a agressividade e sobre a destruição datam de 1911, quando acontece a ruptura de Freud e Adler.

Em continuidade a exposição das diferenças entre a pulsão no que diz respeito ao apoderamento e à morte, grifamos no texto de Freud de 1920, ponto a ponto, a sustentação da pulsão de apoderamento como distinta da força de Thanatos.

De entrada, no texto do “*Além do princípio do prazer*” Freud revisou a noção do princípio do prazer, principalmente em termos econômicos, mencionando o trabalho de Fechner para discutir a ideia de prazer e desprazer. Adentramos o segundo tópico do texto para diferenciar e separar o apoderamento da pulsão de morte, para em seguida, situar o apoderamento num anseio da própria natureza pulsional, uma ação que se dá desde o originário, antes da vetorização da pulsão em vida ou no seu além. A premissa central extraída do texto em questão, é situar o apoderamento como potência anterior à historicização da pulsão de morte.

Em seu texto, Freud (1920/2020), faz outra proposta: “Faço agora a sugestão de abandonar o tema obscuro e nebuloso da neurose traumática e estudar o modo do trabalho do aparelho anímico em uma de suas atividades normais mais precoces. Refiro-me à brincadeira de crianças” (p. 75). O autor observou o comportamento de uma criança de 18 meses, envolvida na invenção de um jogo, sobre o qual localizamos a cartografia da

diferenciação da pulsão de apoderamento da pulsão de morte, o que não só justifica a separação, mas elucida sua natureza.

Freud (1920/2020) forneceu uma visão geral da criança descrevendo-a como bem-comportada, obediente quanto às orientações dos pais e com bom desenvolvimento. Ele observou:

Acontece que essa criança comportada passou a apresentar o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama etc., de modo que reunir os brinquedos com frequência não era nenhuma tarefa fácil. Ao fazê-lo, ela produzia, com uma expressão de interesse e satisfação, um [O O O O O] “o—o—o—o” sonoro e prolongado, que, segundo o julgamento unânime da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava “*fort*” [desapareceu, sumiu]. Percebi finalmente que isso era uma brincadeira e que a criança só utilizava seus brinquedos para brincar de “*fortsein*” [desaparecer] com eles. Então, um dia, fiz a observação que confirmou minha compreensão. A criança tinha um carretel de madeira, no qual estava enrolado por um fio. Nunca lhe ocorria, por exemplo, de arrastá-lo pelo chão através de si para então brincar de carrinho com ele, mas, em vez disso, atirava com grande destreza o carretel amarrado na linha por sobre a beirada de seu berço cortinado, de modo a que ele desaparecesse lá dentro, pronunciava seu [O O O O O] [o—o—o—o] “o—o—o—o” significativo e depois puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama, mas agora saudava seu aparecimento com um alegre “*da*” [eis aqui, achô, chegô]. (Freud, 1920/2020, p. 77).

Freud apresentou duas interpretações sobre este jogo: na primeira, é mais preciso e certo, sublinhando a ação da pulsão de apoderamento, ao passo que na segunda, interroga seus limites, ainda sim, ambas expõem a lógica material de seu caráter originário e criacionista. No que tange à primeira interpretação, Freud relacionou um empenho da pulsão de apoderamento para experimentar, transformar o lugar passivo que era

desprazeroso em um lugar prazeroso, desde que seu exercício possibilitasse uma ação sobre ele. Eis aqui o indício da atividade na passividade, instala-se o trabalho de erogenização do lugar passivo, ponto que retomaremos adiante. Freud descreveu sua modalidade, na qual:

Tem-se a impressão de que o menino transformou a vivência em jogo. Por outro motivo, ele se achava numa posição passiva, foi atingido pela vivência, e ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, assumiu um papel ativo. *Esse esforço poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento que passa a ser independente do fato de a lembrança ter sido em si prazerosa ou não* [ênfase adicionada]. (Freud, 1920/2020, p. 81).

Este ponto evidencia o emprego feito por Freud sobre o nível operacional da pulsão de apoderamento, implicado diretamente na atividade de transformar as posições passivas, independente da recordação. Nesta função, cria-se outra relação com a “Coisa” e sua existência, seja para fazer aparecer, seja para desaparecer. Cabe ressaltar aqui, que tomamos por noção de “Coisa” aquilo que não pode ser representado, o que insiste em extrapolar os limites de qualquer metaforização.

O trabalho da transformação revela a fundação evolutiva de um dado já destacado por Freud em 1905: “A atividade é produzida pelo instinto de apoderamento, através da musculatura do corpo, e é sobretudo a mucosa intestinal erógena que se apresenta como órgão, com meta sexual passiva” (Freud, 1905/2016, p. 109).

Ainda no primeiro modo de reler a brincadeira, interpretou o jogar o carretel, onde a criança produziu um desaparecimento, tendo como efeito suportar a ausência do objeto, que, no caso, seria a mãe, “sem contestar”. Já no segundo destaca a alegria da criança ao “puxar”, momento indicado como a realização do prazer. Nas palavras de Freud: “A brincadeira completa, sumir e retornar, da qual, na maior parte do tempo, só nos era dado a ver o primeiro ato, e este era por si só incansavelmente repetido como brincadeira,

embora o maior prazer estivesse sem dúvida atrelado ao segundo ato” (Freud 1920/2020, p. 77-79).

Para esta posição interpretativa, isolamos dois pontos: o primeiro, a referência direta e explícita à pulsão de apoderamento, e o segundo, um prenúncio do aparecimento introdutório sobre a pulsão de morte. Nesta perspectiva, a pulsão de apoderamento revela sua atribuição específica, materializada pelo impulso de fazer, o desaparecimento e a aparição.

Incluimos no trabalho da pulsão de apoderamento seu aparelho, que Freud chamou de aparelho muscular (*Bemächtigungsapparat*), pois não há criação que não exija, em alguma medida, porção de força corporal, biologicamente falando, seja muscular ou do sistema neural.

O segundo localiza-se numa partícula crucial, constituindo um eixo conectivo com outros conceitos, e está no fato de a criança ter “incansavelmente repetido” (p. 77) (a brincadeira) que produz o prazer, apresentando-se como o embrião da teorização da compulsão à repetição. Numa progressão demonstrativa da articulação, atentemo-nos à interpretação de Freud:

Ela [a brincadeira] estava associada com a grande realização cultural da criança, com a renúncia pulsional levada a cabo por ela (renúncia à satisfação pulsional), ao consentir, sem oposição, que a mãe fosse embora. Ela estava se compensando, por assim dizer, quando ela própria colocava em cena o mesmo desaparecimento e retorno utilizando os objetos ao seu alcance. Para estimar o valor afetivo dessa brincadeira, é naturalmente indiferente saber se a própria criança a tinha inventado ou se havia se apropriado dela como resultado de um incentivo. Nosso interesse será dirigido para outro ponto. É impossível que a partida da mãe tenha sido agradável ou mesmo apenas indiferente para a criança. Como, então, conciliar com o princípio do prazer o fato de ela repetir como brincadeira essa experiência dolorosa para ela? Talvez queiramos responder se o

desaparecimento teria necessariamente de ser encenado com a precondição do reaparecimento reconfortante, e o verdadeiro propósito da brincadeira residiria neste último. Isso seria contestado pela observação de que o primeiro ato, a partida [da mãe], havia sido encenado somente como brincadeira em si e, na verdade, com frequência incomparavelmente maior do que a cena inteira, que levava até o final prazeroso. (Freud, 1920/2020, p. 79).

Na abordagem das partes do jogo, reside o argumento para a recolocação da pulsão de apoderamento, e sua reavaliação até chegar à pulsão de morte. Desde o início da citação, com a conquista da cultura, as negociações de renúncia pulsional e a posição quanto à presença e ausência do objeto, indicam a força e o trabalho da pulsão de apoderamento na construção do aparelho psíquico, e que ainda não tem como referência a pulsão de morte. Façamos notar que Freud não empregou a noção de pulsão de morte antes de ter esclarecido, por meio do jogo, as condições econômicas da pulsão, incluindo a presença do apoderamento.

A astúcia e a sinceridade freudiana permitiram identificar especificamente o momento da travessia de um conceito ao outro. Temos nesses alinhamentos a posição ativa da pulsão ao realizar-se no campo apassivado, o que será tratado adiante na segunda interpretação de Freud, e que, para nós, tem valor de tese sobre o alvo da pulsão de apoderamento.

Persistindo no esquadramento das formulações de 1920, a incidência elucidativa da pulsão de apoderamento, ponderamos a outra interrogação de Freud, entendendo-a como um prolongamento apurado da primeira:

Mas também podemos tentar uma outra interpretação. Atirar para longe o objeto de modo que ele fique desaparecido poderia ser a satisfação de um impulso de vingança contra a mãe reprimido ao longo da vida, por ela ter desaparecido de perto da criança, e teria então o seguinte significado provocador: “Pois desapareça logo, eu não preciso de você, eu

mesmo te mando embora”. Um ano mais tarde, a mesma criança que observei com 1 ano e meio sem sua primeira brincadeira costumava atirar ao chão um brinquedo com o qual tinha se irritado, dizendo: “Vá para a gue(rr)a!”. Na época, haviam lhe contado que seu pai ausente se encontrava na guerra, e ela não sentia a sua falta de forma alguma, mas mostrava, pelos indícios mais evidentes, que não queria ser perturbada em sua posse exclusiva da mãe. Também temos conhecimento de outras crianças que são capazes de dar expressão a moções hostis semelhantes, arremessando para longe objetos no lugar das pessoas. (Freud, 1920/2020, p. 81).

Agora, trata-se da ação de lançar o objeto como modo de descarga, embutindo um tipo de apropriação, mas não só, inclui sobretudo, certo poder sobre o objeto. À medida que lança o objeto, sinaliza modos de posse ou poder sobre ele; como mencionou Freud, o corpo inicialmente vem no lugar de se fazer o objeto, e assim lançar-se, revelando o circuito de pulsão de apoderamento, um tipo de se fazer ser, que difere da lógica da pulsão de morte.

Exaurindo as lições de Freud (1920/2020), destacamos duas notas sobre o apoderamento: a primeira, tomar a existência do objeto para si, criando uma relação com ele, e, em seguida, operar, por meio do objeto investido, uma descarga. Podemos, em outras palavras, encontrar o processo de libidinização do objeto em sua relação com o mundo, nisto consistindo a dimensão instituinte do princípio do prazer.

Lembremos a advertência de Freud (1920/2020), quanto à pulsão de morte, ela é silenciosa, ao passo que, no Fort-Da, a descrição se distingui de tal postulado, à medida que a criança produz um som, o que, por estrutura, nos diz que não são a mesma coisa. O som, o choro e o grito participam como criações, invenções para ordenar-se no mundo e diante do outro.

Dessa maneira, ficamos na dúvida se a pressão para elaborar psiquicamente algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode manifestar-se de maneira

primária e independente do princípio do prazer. No caso aqui discutido, uma impressão desagradável só poderia afinal ser repetida na brincadeira, porque a essa repetição está vinculado um ganho de prazer de outra ordem, porém direto. (Freud, 1920/2020, p. 83).

A compreensão de Freud nos dá uma direção crucial para expor a travessia conceitual do apoderamento e da morte concentrada na noção de repetição. Vale considerar que a repetição, no caso do Fort-da, está ligada a outro prazer, o prazer de exercer poder. No que diz respeito à particularidade da repetição, Vivès e Orrado (2021, p. 53), entendem que “repetir é reproduzir para tentar dominar”. Ou seja, não se trata apenas de reprodução, mas de uma relação em que, na medida cujo domínio escapa, mais o sujeito é levado a reproduzir.

Seguindo o desenvolvimento dos autores, destacamos a diferença na repetição, introduzida a partir de dois pontos: “Um primeiro elemento fixa o sujeito num ponto, o – veremos, depois, que se trata de um ponto de gozo –, que vai se repetir em seguida” (Vivès & Orrado, 2021, p. 36). Com base nisso, a repetição e a iteração, são modos em que o sujeito expressa seu impulso na direção de manter a continuidade de seu estado conhecido. Ponto fundamental, a pulsão de apoderamento está naquilo que será mostrado adiante, ao examinar a patologia do autismo.

Em ambas as ações, repetição e iteração concentram-se no polo do apoderamento que é veiculado tanto na linhagem erótica, isto é, os serviços do apoderamento no polo de Eros, e sua outra face, aquela da ordem tanática, que implica num trabalho de eliminação da continência. Aqui introduzimos o índice do traço patógeno do apoderamento na versão apresentada da iteração, a qual, na análise dos casos clínicos, aparece ligada às estereotípias do autismo, modo como propomos a releitura da pulsão num vértice patológico.

A clínica psicanalítica, para além do autismo, também manifesta as diversas formas patológicas do apoderamento nas neuroses. Neste campo, apresenta-se de modo

mais indireto, mas não menos letal. O *pathos* do apoderamento expressa-se em uma de suas versões na impotência da repetição, na qual o sujeito pode ser levado a um tratamento porque algo acontece, e já não pode repetir como outrora, ou ainda, não pode escolher não repetir, tendo como consequência um dismantelamento das vias de satisfação do sujeito do inconsciente.

O jogo do Fort-da constitui, assim, uma metáfora original do universo pulsional, possibilitando entrever a criação transformadora, e mostra o desempenho da pulsão de apoderamento, compondo um bloco distinto da atividade de pulsão de morte. Outro fato, nem sempre considerado, porém muito relevante, é que no “*Além do princípio do prazer*”, Freud expressou a pulsão de morte apenas na parte IV, nisto revela-se um intervalo grande entre a pulsão de apoderamento e a pulsão de morte.

Mas o que Freud encontra entre o Fort-da e a pulsão de morte? Parece que este encontro o leva à noção de três conceitos: a repetição, a compulsão e o destino. Isso orientará o percurso teórico – da dimensão originária do apoderamento até à pulsão de morte.

No caminho do primeiro ao segundo, revela-se a compulsão à repetição, uma instância construída na psique que utiliza a força para direcionar a satisfação a um ponto já experimentado. Freud (1920/2020), formulou brevemente a noção de complexo de destino, que seria uma ordem, um imperativo na psique, carregado pelo sujeito como se estivesse condenado a viver tal situação repetidamente. Rudge (1998) assinalou que tal o complexo do destino seria as primeiras noções que levariam ao supereu. Freud considerou que:

O mesmo que a psicanálise revela nos fenômenos de transferência dos neuróticos pode ser encontrado também na vida de pessoas não neuróticas. Com elas, temos a impressão de um destino que as persegue, de um traço demoníaco em viver e desde o início a

psicanálise considerou esse destino como sendo em grande parte preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces. (Freud, 1920/2020, p. 95).

Freud (1920/2020) fez, assim, sua caminhada até a pulsão de morte encontrada na parte IV. Um direcionamento claro de suas interrogações, mas nem sempre evidente, por isso, é preciso um trabalho para mostrar suas correlações. Neste sentido, podemos anotar os tópicos que sintetizam a progressão do cenário teórico.

No item I, abriu falando sobre o prazer e desprazer e sua relação com a satisfação pulsional. No tópico II, partiu da observação do ato, relatando a brincadeira do Fort-da e a função da pulsão de apoderamento. Na parte III, Freud definiu a repetição como a atualização de um traço já vivido na infância, e a compulsão decorrente de um imperativo ao sujeito, uma alusão à atividade do supereu. No tópico IV, enfim, redigiu propriamente sobre a pulsão de morte, com a descrição de seus silêncios e seus desígnios de retorno.

Na insistência de delimitar o lugar e a ação da pulsão de apoderamento, reiteramos que não se trata da transformação de uma coisa em outra: o apoderamento não se torna tendência ao retorno, o que caracterizaria a pulsão de morte, ele singularmente a funda. Se há uma inclinação da pulsão de apoderamento, é a de viabilizar Eros, instrumentalizá-lo, com som, corpo e movimento.

Deste modo, opera e trabalha para inaugurar uma atividade sistematizada, é a força contida no carretel da criança como criação negociativa, poder (re)tomá-lo em si, o que produz a descarga e, por resultado, sua erogeneidade.

Para ampliar os argumentos, retomamos o ensino de Lacan (1964/2008, 1959-60/2008), no que diz respeito à forma de compreender a pulsão de morte. Na concepção lacaniana, que atrela a pulsão de morte à criação, centralizamos a justificativa, pois este vetor do impulso de criar não está em equivalência à equação dada à pulsão de morte, há que se esclarecer sua natureza.

Nestes termos, entendemos que a pulsão de apoderamento – desde a conceituação freudiana como força para obter controle, criando domínio sobre o objeto – está também indicada por Lacan, mas sua colocação ampliou a ação ao descrever a criação, e não apenas a dominação.

No exame que Lacan (1964/2008) fez sobre as pulsões, encontramos um termo muito importante, trata-se da atenção dada ao *Bewältigung*, preservando o fio da meada sobre o tema do domínio e do controle. Este termo foi o mesmo utilizado por Freud para destacar o traço de dominação da pulsão, Lacan se refere à noção dizendo que: “É assim que, nesse texto (Freud, 1915), temos a chave, o nó do que fez tanto obstáculo à compreensão do masoquismo. Freud articula da maneira mais firme que, no começo da pulsão sadomasoquista, a dor de modo algum não entra” (Lacan 1964/2008, p.173).

Diante disso, poderíamos interrogar se a chave que Lacan menciona na versão *Bewältigung*, entendida no começo da pulsão sadomasoquista, não seria uma maneira de recolocar a dimensão originária do apoderamento, já que o termo é secundária, e desdobrado do *Bemächtigungstrieb* freudiano? Ao que me parece, a resposta vem a seguir, não tão direta, nem tão clara, mas ao modo *lacanês*, e por isso o empenho desta pesquisa é tornar, ao menos, mais lúcido:

Trata-se de uma *Herrschaft*, de uma *Bewältigung*, de uma violência feita a que? - A algo que tem tão pouco nome que Freud vem, e ao mesmo tempo recuar, a encontrar seu primeiro modelo, conforme a tudo isto que eu lhes anuncio, numa violência que o sujeito faz, com o fito de dominar com mestria, a si mesmo. (Lacan, 1964/2008, p. 173)

Nos interessa na leitura de Lacan o ponto de “tem pouco nome que Freud vem e ao mesmo tempo recuar, a encontrar seu primeiro modelo, conforme a tudo isto que eu lhes anuncio, numa violência que o sujeito faz, com o fito de dominar com mestria”, nele existe uma interpretação de Lacan sobre o pensamento de Freud, que versa sobretudo dos indícios de um trabalho pulsional com o fim de dominação. Nesta proposta tais observações, são

indiretamente compreendidas como uma alusão imprecisa a história de *Bemächtigungstrieb*, que em 1905, foi atrelado a outros termos, dentre eles *Bewältigungstrieb*, *Herrschaft*, *Uverbertrang*. Num contraponto desta exposição, será 1920, que *Bemächtigungstrieb* terá seu lugar consolidado, permanecendo ligado a expressão psíquica do trabalho de fazer algo em si mesmo.

Diante do contexto dado ao tema no ensino de Lacan, nos perguntamos qual a razão de não ter sido mencionado o apoderamento diretamente, nem mesmo a pulsão de dominação, ou o termo original? A resposta hipotética para isso, seria o fato de que talvez Lacan não tenha observado o termo anterior a *Bewältigung*, condição que o levou a indicação que a presença pulsional “não tinha um nome”, isto é, a história da questão passou batida. Contudo, a presença do nome e da definição estava lá, Freud registrou seus apontamentos, mesmo que breve, na versão de *Bemächtigungstrieb*.

Este fato nos mostra que alguns lacanianos parecem repetir o ponto daí em diante, abordando os aspectos da violência e suas variações, sem o exame da anterioridade posta por Freud, índice desviante da original proposta lacaniana do “retorno a Freud”, o que passa a ser, um “retorno a Lacan”. O que queremos dizer com isso é que Lacan notou na pulsão, a dimensão do apoderar, entretanto, apenas numa parte de sua ação, descrita no ímpeto implicado a si mesmo, por isso, o aborda no terceiro tempo, uma vez que se trata de um exercer poder sobre si.

Na apresentação da minha posição freud-lacanianana, é imprescindível guardar dois pontos que irão sustentar a estruturação da hipótese sobre a pulsão de apoderamento, principalmente naquilo que indica sua anterioridade à vetorização de vida e morte e seu caráter criacionista.

A pulsão de morte deve ser continuada no âmbito histórico, uma vez que ela articula num nível que só é definível em função da cadeia de significante, isto é, visto que uma referência, que é uma referência de ordem, pode ser situada em relação ao funcionamento

da natureza. É preciso algo para além dela, de onde ela mesma possa ser apreendida numa lembrança fundamental, de tal maneira que tudo possa ser retomado, não simplesmente no movimento das metamorfoses, mas a partir de uma intenção inicial. (Lacan, 1959-60/2008, p. 253).

Temos: (a) “uma referência de ordem para lembrança fundamental” (Lacan, 1959-60/2008, p. 253). Esta ordem de lembrança reflete o postulado freudiano como um ponto de fundação, anunciado por meio das reproduções, diretas ou não. Trata-se de um jeito parafraseado do ensinamento valioso, já mencionado no jogo do Fort-Da.

A dimensão de fundação do sujeito ligada à pulsão de apoderamento foi notada por Gantheret (1981) e Gillibert (1981, p. 1238), este último assinalou que “não é a pulsão de morte que exclui o sujeito, mas é a pulsão de apoderamento que estabelece o sujeito em qualquer exclusão de outro sujeito”.

Tal perspectiva encontra na repetição uma edição da lembrança, que, por sua vez, é a essência da pulsão, testemunhando as inscrições registradas, coincidindo com a intenção que Lacan menciona. E a segunda referência que Lacan (1959-1960/2008) nos deu: (b) “tudo possa ser retomado, não simplesmente no movimento da metamorfose, mas a partir de uma intenção inicial” (p. 253). Relemos como intenção inicial os modos de experimentar o mundo, a intenção de incorporar ou tomar para si, da qual a atividade alucinatória testemunha, ou o próprio chuchar, como Freud descreveu nesta passagem:

A primeira de tais organizações sexuais pré-genitais é a *oral* ou, se assim preferimos, *canibal*. Nela a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão diferenciadas em seu interior. O objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na *incorporação* do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como *identificação*, um papel psíquico relevante. Um resíduo dessa fase de organização que a patologia nos leva a supor pode ser o ato de chupar dedo,

no qual a atividade sexual, desprendida da atividade da alimentação, trocou o objeto externo por um do próprio corpo. (Freud, 1905/2016, p. 108).

Em seus próximos passos, Lacan expõe as ações do domínio e da criação. Nela, teceu a própria historização da pulsão de morte, a qual será indiciada na cadeia do significante, compondo sua lógica:

Se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe, mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar. (Lacan, 1959-1960/2008, p. 255).

Tal feito recoloca a relação entre a criação e a pulsão de morte, permitindo-nos, em alguma medida, defender a diferenciação da condição da pulsão de apoderamento da pulsão de morte. Nota-se, inclusive, que Lacan se apoiou na pulsão de destruição, o que, historicamente, é um ponto sobreposto e recorrente ao tema do apoderamento.

O autor ainda reposicionou a pulsão de destruição como causa de tudo que existe e entrelaçou a ela a “criação a partir do nada, vontade de recomeçar”. Acompanhamos, assim, a construção lacaniana de um bloco conceitual, no qual formula uma espécie de Metapsicologia lacaniana, com as concepções clínicas sobre *das Ding*, objeto e o Real.

Margeando a lição de Lacan e munidos dos instrumentos de Freud, se faz possível avistar a pulsão de apoderamento de modo diferenciado da pulsão morte. Do lado freudiano, a pulsão de apoderamento é a força psíquica atuante por meio do aparelho muscular, ao passo que a pulsão de morte faz sua direção retornar. Já para Lacan (1959-60/2008), a pulsão de morte é um traço histórico, exige uma fundação, o que sustenta a construção da lógica do retorno.

A ideia da distinção do apoderamento da pulsão de morte foi registrada em nosso artigo “*Porque precisamos diferenciar a pulsão de apoderamento da pulsão de morte*”, onde apresentamos os detalhes da pulsão de apoderamento ligada à potência para criação do movimento e endereçamentos (Trevisan et al., 2022b). Nesta articulação compreender-se que é a partir da experiência do encontro com a alteridade que pode ser marcada, desde o nascimento, mas não apenas, o acionamento da força que operou a destruição/criação, defender-se, substituir e as diversas operações decorrentes do processo de fundação do Eu.

Para o acabamento do eixo teórico, passamos ao próximo capítulo, que desdobra com mais detalhes a condição originária do apoderamento, notificando os efeitos desta atividade como impressão na formação do sujeito psíquico.

Capítulo 3 – O Estatuto Originário

3.1 Sobre a destruição e a criação

Em continuidade aos refinamentos da hipótese, das desmontagens e das indicações do que ela não é, este capítulo expõe uma discussão mais fina sobre a ação do apoderamento nas origens formativas do sujeito. A intenção é demonstrar a relação da potência pulsional nos mecanismos da criação e destruição.

Antes de expor as articulações, é imprescindível apresentar o que chamo de originário; para isso, retomo a definição de Mijolla (2005, p. 1324): “designa-se por originário o conjunto de representações produzidas à margem da vida psíquica, quando está se encontra ainda aquém das diferenciações interno/externo ou psique soma”, no demais, “o originário não se confunde com a origem (filogenia, vestígios de eventos traumáticos) da vida fantasmática, mas constitui sua primeira expressão, com seus conteúdos e sua lógica próprios”.

A proposta implica numa releitura das ações da destruição e da criação, em que dois pontos são basilares: a anterioridade da destruição em relação à criação, e a compreensão do movimento contínuo entre elas. A posição é de que ambas caminham no mesmo sentido, isto é, o trabalho para produção e formação do aparelho psíquico. A temática dessa tríade - destruição, criação e as pulsões - são campos de intensa discussão e produção no cenário psicanalítico, e inspiram posições das mais variadas vertentes, desde pontos de encontro institucionais às dissensões imensuráveis.

Ainda assim, concentramos, a partir do levantamento histórico, autores que assinalaram a potência da destruição/criação ligada à pulsão e ao fato do exercício do poder, como dispositivo fundamental na constituição psíquica. O grupo dos francófonos parece reunir com certas semelhanças as concepções da criação, da destruição, da criatividade, apresentando robustamente os termos pulsionais. Nessa lista constam Aulagnier (1979), Gantheret (1981), Gillibert (1981), Dorey (1986), Bergeret (1989) e Anzieu (1981, 1989), dos quais fizeram uso da atenção dada por Freud (1908/2015) aos processos da criatividade, constituindo certa passagem para outras elaborações.

Por compreender a complexidade da ideia e a apresentação de uma posição um tanto quanto original, compartilho as bases que me permitiram articular a destruição/criação ao apoderamento. Trata-se do exame da pulsão expressado na arte e no brincar, que, diga-se de passagem, sempre se oferece como instrumento valioso.

A abordagem do ato do brincar, como já observara Freud (1920/2020), constitui um tipo de invenção que é possível se o sujeito toma, se apossa, se agarra a algo experimentado do mundo, mesmo que seja a produção onírica, o próprio dedo, a chupeta, o carretel de linha, e demais objetos. Na mesma posição, Garcia-Roza (2014) chamou a atenção para o fato de que a repetição se trata sempre de uma criação, seja ela mais

inventiva ou mais próxima da repetição literal, e que a destruição é presente nesse contexto, e que não pode ser separada do processo, haja vista que é a força implicada na transformação das contingências.

Em continuidade ao exame da criação e da destruição a partir de Freud (1908/2015), notaram-se observações espalhadas no texto “*Escritores criativos e devaneios*”, como, por exemplo, quando Freud interpretou que crianças brincam de ser grandes porque elas pensam que, assim, terão poder. Numa realidade mais contemporânea, observamos a frequência das crianças de, em suas brincadeiras, assumir o papel de personagens de desenhos infantis, com superpoderes, justamente com a lógica de obter condições potentes para sua realização mais inventiva.

E, por último, uma anotação de Freud (1905/2016) de que a criança não deseja o dinheiro, mas sim aquilo que ela pode fazer quando o detém. Fica clara aí, seja nas brincadeiras ou em outros modos de manifestar sua vontade, a evidência de que a intenção não é a posse do objeto que está em jogo, mas, quanto de poder se tem sobre eles. A exposição desses fatos é uma maneira de mostrar que a pulsão de apoderamento expressa na vontade de poder das crianças extrapola a vontade de posse do objeto, visando, sobretudo, a um dispositivo que permite a produção para outros fins.

Tanto as anotações de Freud quanto as nossas observações conduzem ao encontro da manifestação psíquica de desejar o poder como a condição para executar qualquer coisa, pois, do ponto de vista imaginário, o poder dá condições ilimitadas e, conseqüentemente, a eliminação dos obstáculos para o prazer. Estas seriam as primícias da aparição mais direta da presença da pulsão de apoderamento, no cotidiano infantil. De todo modo, a pulsão em suas ações expressa-se de sobremaneira na vontade de obter poder, e suas tentativas caminham por aí. As crianças nos contam disso em suas atividades

lúdicas que deixam arranhões, tombos e outros resquícios que todo suposto poder ilimitado, quando ensaiado, produz.

Num breve parêntese na análise da criação e destruição, ressalto um ponto profícuo sobre a ideia mencionada de vontade de poder como uma das versões do apoderamento. As considerações sobre esse assunto foram dadas por Assoun (1989/1991), principalmente por tecer uma comparação sobre *Bemächtigungstrieb*. O autor retoma a vontade de poder do filósofo alemão Nietzsche, que foi fonte do conhecimento freudiano, para tentar esclarecer o poder a que o termo de Freud se referia.

Embora o trabalho de Assoun (1989/1991) exponha o termo com atenção, interpreta que não há relação entre o apoderamento de Freud e o poder como dado pelo filósofo. Oponho-me a essa perspectiva por defender outra posição a respeito, que é a seguinte: há na pulsão de apoderamento, como a releio, certa introdução dada por Nietzsche e que é expressa nos termos de potência aproximativa à vontade. [verificar esse trecho. Sugeri a alteração pelo que entendi dele.]

A discordância da posição de Assoun também foi registrada por Gillibert (1981), para quem as lições nietzscheanas são um postulado sobre a força como potência para operar e, por consequência, constituem um ponto epistêmico do assunto da pulsão de apoderamento. Gillibert constrói uma crítica sensível ao trabalho de Assoun. Vejamos:

Assoun tem razão quando quer diferenciar a vontade de poder Nietzscheana do impulso de apoderamento freudiano, mas ele está errado quando ele não vê sua raiz comum: a ilusão narcisista que faz que nenhum desejo não pode ser narcisicamente “desejado”. Se as pulsões para Freud têm um destino, se encontram vicissitudes, não é pelo objeto, heterotópico, contingente e variável, mas por uma objetividade onde é o próprio sujeito

da pulsão que objetiva um destino. Freud nos lembra que a satisfação é apenas uma solução entre outros, ao destino da pulsão (Gillibert, 1981, p. 1230).

A partir da exposição, principalmente de Gillibert (1981, 1984) e de Sèdat (2009), compreendemos que há muito mais em comum entre o desejo de poder de Nietzsche e a pulsão de apoderamento de Freud, do que já construído até o momento. Embora não seja o objetivo da tese desdobrar-se nesse ângulo, mencionamos que o trabalho originário da destruição e da criação produziria maior clareza a respeito.

Agora podemos retornar a Freud (1908/2015), quanto à questão da destruição/criação, que nos alertou: “Desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p. 330). Encontramos nessas provocações alguns fundamentos necessários ao desenvolvimento proposto.

Advertimos que o desejo aqui, nas linhas de Freud, não é tal como posto pelos lacanianos, mas desejo como potência, o insistente impulso ao trabalho de realização. Não queremos, de modo algum, dizer com isso que pulsão e desejo são a mesma coisa, mas certamente ela o precede e se conecta como condição para sua aparição.

Assim, as operações de destruição/criação vão formando as primícias do Eu ainda arcaico, não apenas no sentido do domínio, mas no sentido de se apropriar e se organizar com a força. Abrem-se, assim, as possibilidades de atividades para operar no mundo. Nessa lógica, o duplo pulsional da destruição/criação revela seu poder e sua presença do apoderamento na atividade do brincar, tendo como meta a tomada do mundo, a fim de organizar seu próprio estado econômico.

Segundo Didier-Weill (2012), a criança sustenta uma relação com o saber sobre a realidade de uma maneira muito diferente daquela feita pelo adulto, mas isso não quer

dizer que ela não saiba, pelo contrário, ela sabe; o brincar é seu modo de passar a saber, de portá-lo e de escolher como falar. No caso das crianças, a atividade do brincar pode ser uma maneira de revelar cotidianamente os moldes com que a pulsão de apoderamento se inscreve, tanto em seus representantes mais indiretos, aquelas formas de desejo de poder, como os mais diretos, o uso de seu aparelho de apoderamento, o próprio muscular no uso da força para apropriar e operar na relação.

Nesse caso, diferentemente de outras categorizações pulsionais, como as pulsões oral, anal, escópica e invocante, que se apoiam e, ao mesmo tempo, se diferenciam das partes do corpo biológico, a pulsão de apoderamento opera numa dobradiça de dentro e fora, pois visa a uma ação que pode acontecer em vários lugares simultaneamente, talvez primeiro a boca ou a própria pele (Aulagnier, 1979; Anzieu, 1981, 1989). Um demonstrativo mais comum dessa dimensão é que a criança, quando quer ver algo, ela quer tocar, tomar em suas mãos; a operação corporal é acionada como maneira de tomar conhecimento ou de tornar familiar.

A relação entre *Bemächtigungstrieb* e o trabalho da destruição e da criação se deve ao princípio freudiano ao referi-la como não sexual. Tal pressuposto nos faz reencontrar o apontamento de Garcia-Roza (2014), que indica que “isto significa que, antes de a pulsão constituir seus representantes psíquicos pelo recalçamento primário, ela não é sexual” (p. 52). Sobre isso acentua-se a potência para criação. Reforçando essa condição, Denis (1997) afirmou:

O elo com a oralidade e a nutrição: aqui a atividade sexual ainda não está separada da ingestão de alimentos, ainda não existe neste contexto diferenciação de correntes opostas. O objetivo de uma dessas atividades é também o da outra, o objetivo sexual reside na incorporação de objeto (p. 32).

Na mesma tentativa de elucidação, Anzieu (1989) provocou de modo interessante sua definição, interrogando se ela poderia se definir por um conceito ou por uma potência – o que, para nós, dá maior vasão à sua elevação conceitual. Na perspectiva de Barbier (1992), a pulsão de apoderamento abriga a noção de força como um vetor fundamental da potência que servirá a outras pulsões, e que, nas crianças, se revela no desenvolvimento motor, possibilitando, principalmente, o controle das partes do corpo.

Ainda sob a égide dos francófonos, destacamos a proposta de Sèdat (2012), que descreve a noção da busca pelo controle, situando-a como não sexual em sua origem. Em outro estudo, o autor sublinha: “Trata-se de erradicar a dimensão aleatória de todo e qualquer objeto exterior pelo abuso a que se faz submeter um objeto, que deve ser mantido sempre ao seu alcance; este objeto deve ser radicalmente compatível com o propósito da pulsão assexual, que cria e anima seu objeto”. (Sèdat, 2009, p. 17).

Nessa posição, podemos entrever a introdução da função sob outra perspectiva, agora, ligada à força de criação do psiquismo mediante a experimentação do mundo, o que, por sua vez, aquece nossa retomada do termo. White (2010, p. 9), psicanalista e pesquisadora húngara, em sua discussão sobre o *Bemächtigungstrieb*, propôs como definição como "um impulso para ganhar poder".

Por todo o exposto até agora, reitero a indicação de *Bemächtigungstrieb* numa instrumentação profícua para investigar o desejo de poder no homem na perspectiva psicanalítica. As fontes consultadas coadunam com tal perspectiva, embora caiba destacar o infortúnio perpetuado na história da tradução do termo, como posto no livro de Assoun (1989/1991): “*Entre Freud e Nietzsche: Das semelhanças e dessemelhanças*”, do francês ao português, na forma de pulsão de dominação.

Diante do desenvolvimento da pulsão de apoderamento em sua condição de criação e a destruição no brincar, podemos passar ao setor da ilustração teórica, que é o campo das artes. Nos primórdios de seus escritos, Freud (1908/2015) fez uma introdução à atividade de criação, entrelaçando-a ao campo dos poetas, dimensão na qual localizamos a coerência para formular a atividade criacionista da pulsão:

O trabalho psíquico parte de uma impressão atual, uma ocasião no presente que foi capaz de despertar um dos grandes desejos do indivíduo, daí retrocede à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado, e cria então uma situação ligada ao futuro, que se mostra como realização daquele desejo — justamente o devaneio ou fantasia, que carrega os traços de sua origem na ocasião e na lembrança. Assim, passado, presente e futuro são como que perfilados na linha do desejo que os atravessa (Freud, 1908/2015, pp. 331-332).

O postulado freudiano enriquece a ideia de que a atividade psíquica carrega traços da experiência vivida para dela prescindir com novas ações, incluindo a criação de meios para satisfazer-se. Entre os processos psíquicos do início da vida psíquica podemos mencionar a alucinação como uma forma de ilustrar essa constatação.

A partir dos alicerces estabelecidos, progredimos na ação do apoderamento, numa ação inclinada à criação de si e do mundo. Segundo Assoun (1989/1991), Freud, diante de suas descobertas, empregou a palavra criação, em alemão *Schöpfung*, o que implicou reformulações consideráveis em seu contexto, tamanha sua complexidade.

O desenvolvimento da criação e da destruição, seja no brincar ou como dispositivo presente nas artes, na função de ferramenta, serve metaforicamente a pulsão de apoderamento, como a cabeça de *Janus*. No campo das ilustrações sobre a hipótese da potência criacionista da pulsão de apoderamento, utilizo conto dos irmãos Green, o *Alfaiate e as moscas*, pontualmente, sobre o papel de Alfaiate, o cinto e as moscas.

Um trecho da vinheta literária nos auxilia na visibilidade sobre o trabalho da criação, trata-se do seguinte: Um alfaiate comprou uma geleia da vendedora que anunciava na rua e, então, tirou o pão do armário, passou a geleia, e, antes de comer, decidiu terminar um paletó. Para sua surpresa, quando voltou, havia muitas moscas sobre o pão, e ele reclamou enxotando as intrusas:

Quem vos convidou? As moscas, porém, que não compreendiam a linguagem dele, não se deixavam enxotar e voltavam sempre em maior número. Por fim, como se costuma dizer, saltou-lhe a mosca ao nariz; então apanhou um pano e zás-trás, sem a menor piedade, foi batendo e gritando. Esperem, que vou mostrar-vos quem sou! Quando parou de bater e retirou o pano, contou não menos de sete moscas que jaziam aí mortas, espichando para o ar as perninhas secas – És tão corajoso assim? – Disse, admirando o próprio valor. - É preciso que toda a cidade o saiba. Num abrir e fechar de olhos, o pequeno alfaiate cortou um cinto, costurou-o e bordou nele as seguintes palavras em letras graúdas: "Sete de um só golpe (Grimm, 1812/1990, p. 275).

A análise se dá sobre o fato da não compreensão das moscas daquilo que lhes transmitia o alfaiate, o que revela o encontro com o desconhecido. Para o alfaiate, se impõe a tarefa de lidar com a situação, daí decorre sua criação, uma forma com a qual se surpreende, originando um tipo de invenção, com um único fazer/ato acertou sete moscas. Outro detalhe importante é que com tal ato o alfaiate pôde mostrar quem era; sublinhamos o que se pôde fazer nessa empreitada contra as moscas, e isso fez com que até um cinto ele produzisse.

Encontramos aqui as pistas a que Freud também chegou: trata-se sobretudo, de um fazer que se revela as tramas da pulsão, na qual se coloca a criação, afinal o alfaiate toma seu pano, depois o cinto, e com devida força o endereça sobre as moscas, sem saber ao certo como seria, mas o faz, o que coincide com a noção da criação formulada aqui. A

criação apresentada aí revela-se no ato, numa ação que, mesmo incerta, *a priori*, pelo alfaiate, o leva a se aproximar de seu objetivo.

Uma vez tomado o objeto, o cinto surge no trabalho da força do corpo e uma intenção, cujo caráter eleva o apoderamento na dimensão de força criadora. O alfaiate não sabia quantas moscas seriam abatidas, ou mesmo qual seria o resultado, seu alvo era preservar a geleia. Retornando a Freud (1914/2010) e seu postulado sobre o trabalho da criação, agora no âmbito do adoecimento psíquico, sublinho a referência freudiana sobre tais aspectos:

Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar. Algo semelhante à psicogênese da criação do mundo, tal como foi imaginada por Heine: A doença foi a razão de todo o impulso de criar; criando eu pude me curar, criando eu me tornei são (Freud, 1914/2010, p. 29).

A menção poética ao escritor alemão Heine, referenciando a criação, confere um lugar mais complexo àquele de 1907, e, pouco a pouco, vai evidenciando a ligação à noção de sublimação. Podemos comparar a posição de Freud, feita em 1914, com as explicações refinadas em suas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, o que ampara nossa posição quanto à especialidade pulsional. (Freud, 1933/2010).

De tal princípio desdobra-se o empenho da pulsão inclinada à criação para fundar a existência, que se torna possível a partir da insistência em resistir as contingências externas. Assim, a partir de respostas arcaicas desse aparelho psíquico que, ainda informe, sofre experimentação do mundo, podem decorrer algumas consequências, das quais destacamos duas possíveis: a primeira, uma direção ao advento do sujeito numa resistência, que nada mais é que um tipo de insistência, progressiva invenção.

Introduzimos, assim, a noção da insistência como uma resposta de resistir ao caos, a partir da tomada de algum aspecto dele.

Já a segunda consequência se dá quando o empenho da resistência carrega um tipo de déficit no endereçamento da força de apoderar-se, gerando um traço no Eu arcaico, que como efeito, gera a insistência repetitiva sobre o objeto, colocando sobre ele a função de sustentar-se no mundo, no desconhecido.

No entanto, ainda sob o regime da criação, pode haver enigmáticos e desconhecidos entraves, os quais podem precipitar ao Eu (ainda arcaico) um traço embaraçado pela busca incessante do domínio, que hipotetizamos ser a situação passada no autismo. Exemplificando as complicações no universo originário da criação, poderíamos mencionar o núcleo formativo da psicose, que cria uma resistência como saída (ou como resposta), um tipo de posição apartada do mundo, recriando a partir de uma radicalidade. Já no caso da neurose, trata-se de um tipo de criação implicada na retirada e na recriação de partes do mundo, diante do irrepresentável, enquanto na perversão o empenho da criação é produzido em direção à dissolução da ausência, um trabalho incessante na fabricação de substitutos.

Em todas elas, a criação fundamenta um ponto ao qual o sujeito se faz resistir e, portanto, insiste em se fazer em meio ao caos da existência humana, assinalando a alternância da insistência, da persistência e até da desistência. Ressaltamos alguns vestígios do eixo criacionista da pulsão de apoderamento que serão estratificados em Eros e na pulsão de morte nas estruturas clássicas da Psicanálise, a fim de entrever a ação do apoderamento na própria raiz das condições subjetivantes.

Ao mencionar a pulsão de apoderamento nas ações de criação e destruição, não nos parece de bom-tom deixar de mencionar que por diversas vezes o trabalho psíquico

atrelado ao apoderamento foi a sublimação, como nota-se no postulado de Hendrick (1943), ao situar na pulsão de saber certa elevação do apoderamento a outra saída, a aprendizagem. São incontáveis as referências que vão, como herança freudiana, partir rumo ao estudo da sublimação, tendo como início a teoria das pulsões. Entretanto, numa singularidade inapreensível, Lacan (1959-60/2008) sinaliza as ligações da pulsão, da sublimação, da criação para além de uma saída pulsional, servindo como esteio para margear as considerações do apoderamento, ainda que de forma indireta.

Embora não adentremos ao vasto campo conceitual da sublimação, o que por si só exigiria outra tese, pretende-se ao menos marcar que não passou despercebida a investigação da existência de tal conexão, e que a posição aqui antecede e extrapola a relação do apoderamento ao eixo da sublimação. Pois, em decorrência das peculiaridades de cada campo, o trabalho da apassivação, diferentemente da sublimação, não constitui apenas uma saída à exigência pulsional, ou, ainda, uma substituição de forma, mas se trata, sobremaneira, de abordar outro registro, o da própria constituição do sujeito.

3.2 Os três tempos da pulsão de apoderamento

Para precisar minha posição, retomo a definição da pulsão de apoderamento nos seguintes termos: a força implicada na criação de potência do aparelho psíquico, a partir da tomada de elementos do mundo para alicerçar sua existência. Deste ponto em diante, abordo seu *modus operandi* em três tempos do apoderamento, sendo o primeiro fazer pegar; o segundo, fazer pegado; e o terceiro, o se fazer pegar.

Antes de adentrar na temporalidade do apoderamento e nas particularidades de cada uma delas, alguns esclarecimentos se fazem necessários, como, por exemplo, o uso dos verbos fazer e pegar. Primeiramente, apresento a justificativa sobre a presença do fazer (*machen*) em todos os tempos da pulsão. Isso se dá porque o uso preserva a ação e

o trabalho psíquico que se concentram nas tramas da criação, sendo a estratégia para a organização psíquica, já que, diferentemente do *Bemächtigungstrieb*, ou do substantivo *Bemächtigung*, que é composto pela partícula *macht*, (poder) no termo em português a nomeação padece de significância à altura. Acrescento ao argumento as palavras de Penot (2001, p. 26):

A expressão “*nos mostramos*” que Freud usa traduz isso, não poderia ser melhor; e a fórmula geral “*fazer*” é certamente a mais apropriada para dar conta da busca (ativa) de satisfação (passiva) - e para designar ao mesmo tempo a chamada posição feminina em ambos os sexos.

Além dessa marcação, defendo que a elaboração desta tese não consiste numa nova categoria pulsional, mas, sobretudo, esclarece a lógica que se presentifica em outras classificações. A ação é o pegar flexionado aos três tempos da pulsão como a essência do apoderar. A favor disso, enfatizo que o fazer, somado ao pegar, é uma síntese que reúne e concentra o conceito do trabalho psíquico na formação do sujeito.

A indicação apenas do fazer como uma ação pulsional não é suficiente para precisar o funcionamento no nível da pulsionalidade, e é de pouca utilidade clínica. Lacan (1964/2008) parece ter entendido isso, e atrela ao fazer a partícula “se”, precisamente no terceiro tempo; por isso minha posição integra na base conceitual os apontamentos deste autor.

O postulado do se fazer em linhas pulsionais exige complementaridade para delimitar ao que se refere, caso contrário não haveria relevância de menção. Minha proposta apresenta o pegar numa versão imanente do apoderamento. Por outro lado, numa vertente não reducionista, o pegar é uma das manifestações do apoderamento, mas não a única, como já discutido anteriormente.

A razão de situar o pegar é por apreendê-lo numa modalidade específica e isolada. Nesse sentido no pegar estaria a expressão maciça que nos permite entrever a ação do apoderamento, tanto na forma patológica, como será mostrado adiante no caso do autismo, quanto na lógica de outras categorias pulsionais. A continuidade desta posição é destacada em seus três tempos: o fazer pegar, o fazer pegado e o se fazer pegar, nas formas clássicas, como oral, anal, escópica e invocante.

O exemplo poderia ser o seguinte: na forma oral; fazer comer, fazer comido e se fazer comer; na pulsão anal - fazer reter, fazer retido e se fazer reter; na pulsão escópica - fazer olhar, fazer olhado e se fazer olhar; e, por fim, a pulsão invocante - fazer escutar, fazer escutado e se fazer escutar. O trabalho comum a todas elas passa pelo apoderamento, intrinsecamente ao pegado; é sobretudo uma lógica de apreensão.

A indicação mais simples e direta é que o trabalho do apoderamento visa a ações para integrar a si a experiência do mundo, utilizando o corpo (metabolização) para lidar com a diferença encontrada na vida. O trabalho do ter que lidar, enfrentar, dar conta da tarefa usando a força (*Bewältigung*) utiliza toda a aparelhagem fisiológica nas formas das quatro pulsões citadas.

Feito o esclarecimento, avançamos sobre o desenvolvimento dos três tempos, tendo como base os apontamentos desde Freud, Lacan e Aulagnier e as considerações de Penot (2001), Laznik (1993/2005), Le Guen (2005) e Didier-Weill (2010), para tratar das operações pertencentes à trama da subjetivação, ainda que arcaica e primitiva.

A posição defendida situa o apoderamento no início da atividade psíquica pressupondo nele um trabalho específico, o que, nesta tese, não deve ser tomado numa oposição do dito lacaniano, que descreve a pulsão como “acéfala”, muito menos numa contradição sobre as concepções abundantes sobre a pulsão de modo geral. (Lacan,

1964/2008, p. 172). Recordemos que a natureza da pulsão é, sobretudo, apresentada numa ação, o que me autoriza a defender que o pegar, dentre as variações do apoderamento, é aquela que revela nitidamente a posição que desenvolvo.

Para evitar os embaraços, observemos o dito de Lacan sobre o assunto da acefalia: “o objeto da pulsão deve ser situado no nível do que chamei, metaforicamente, uma subjetivação acéfala, uma subjetivação sem sujeito, um osso, uma estrutura, um traçado, que representa uma face da topologia” (Lacan, 1964/2008, p. 174). A compreensão dessa passagem é interpretada como uma maneira de dizer que a pulsão, ou as pulsões, não são regidas por uma lógica de identidade ou gênero, e, portanto, afastam-se da noção de instinto ou qualquer outra forma predeterminada.

Nota-se na “subjetivação acéfala, uma subjetivação sem sujeito”, claramente, a diferença no que se refere à pulsão e ao sujeito. Um pouco antes de precipitar tal característica Lacan assinalou que: “É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiências em jogo que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente” (Lacan, 1964/2008a, p.172). Não me parece forçado pensar, a partir daí, que o papel da pulsão no aparelho do corpo reencontra o postulado freudiano, em que o aparelho do corpo concentra o dispositivo do apoderamento.

Na construção da temporalidade do apoderamento integro o pensamento de Penot (2001), que contempla um ponto dado por Lacan, pouco notado, sobre o “sujeito da pulsão” (Lacan, 1964/2008). O uso que Penot (2001) faz desse indicativo é para sustentar o agente da pulsão envolvido no assujeitamento e, por conseguinte, na passivação, o que retomo mais adiante. Marcado tal esclarecimento, adentro nas primícias da temporalidade

do apoderamento. O ponto de partida é extraído da fineza posta por Lacan em suas observações sobre a pulsionalidade, onde destaca que:

Ele (Freud) se atenta a bem marcar que não são dois termos nessas pulsões, mas três. É preciso distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparecer, mas também por não aparecer, - no terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é próprio entre outros, aparece no que a pulsão pode fechar seu curso circular. E somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão (Lacan, 1964/2008, p. 169).

A noção dos tempos do apoderamento cruza, substancialmente, com o nascimento do sujeito psíquico; é um dos pontos profícuos que Penot (2001) explorou para diferenciar os tempos da subjetivação do fantasma. Nesta tese emprego a perspectiva de Penot (2001) sobre a apassivação para aprofundar a compreensão sobre o trânsito de um tempo ao outro, incluindo a diferença do estado da acefalia da pulsão a outro campo, o da fundação do sujeito.

A originalidade de Penot (2001) fornece lucidez onde a experiência psíquica parece mais abstrata, seu caminho metodológico articula a pulsão por meio da ação; chamada por ele de apassivada, será essa entrada que detalha o terceiro tempo como ponto do assujeitamento. A ação que Penot (2001) destacou foi o se fazer, concentrado na apassivação, um ato de assujeitamento ao outro, e por isso incluído na temporalidade subjetiva.

Ainda que Penot (2001) ofereça uma base sólida para os argumentos, noto que nem ele, nem Laznik (1993/2005) enfatizam no terceiro tempo da pulsão um comportamento que possa conferir nitidez ao processo. Assim, a diferença da posição

empreendida nesta tese, daquela feita pelos autores, está em atrelar os aspectos da criação e do pegar a releitura de *Bemächtigungstrieb*.

A partir dessas marcações, passamos ao refinamento da proposta, pela qual se sustentará a demonstração na clínica do autismo. O resultado incide diretamente na psicopatologia dos mecanismos do apoderamento em cada um de seus tempos, bem como as consequências específicas na vida das crianças. A principal distinção dos três tempos do apoderamento, daquilo que Penot (2001) chamou dos tempos da subjetivação, encontra-se na tomada da ação específica do pegar, caminho pelo qual lançamos a demonstração.

De tal maneira, ao formular os tempos do apoderamento, sustento a teorização da ação para a abordagem da pulsão de apoderamento, numa continuação do que resta inacabado, ou, como disse Penot (2001, p. 27): “resta a questão da prioridade temporal a ser dada às três formas de atividade pulsional”. A partir do que sustento teoricamente, minha proposta sobre a temporalidade do apoderamento não exclui de modo algum o traço ativo, que será preservado no verbo fazer; porém, acrescento a ação uma particularidade, o verbo pegar, cuja intenção é designar uma ação específica

3.2.1 O primeiro: fazer pegar

Para iniciar a construção, começo lembrando que a referência ao tempo não versa aqui sobre seu formato cronológico, mas, lógico, isto é, da maneira como a experiência se inscreve no psiquismo. Em seguida alinho a primeiro tempo do apoderamento com sua ênfase sobre a condição ativa da pulsão, como nos ensinou Freud. Como sabido, no princípio freudiano, a pulsão é sempre ativa, mas isso não significa que seu trabalho seja exclusivamente realizado nesse ponto; o ativo aqui é tomado com a

potência/força para fazer o percurso, que como já dito anteriormente inclui inversões, reversões, outras direções (Freud 1920/2020).

O apoderamento em sua forma primeira, portanto, predominantemente ativa, se revela no fazer, e acrescento como presença do apoderamento o pegar, presente nas origens da formação do aparelho psíquico. A intenção de utilizar o pegar como um fazer do apoderamento difere radicalmente do objetivo da posse, apropriação, e ainda mais da dominação da coisa/mundo, como pensam alguns teóricos ao relacionar a ação ao apoderamento.

Numa posição contrária e particular do que já foi posto sobre o apoderamento, principalmente no pensamento dos psicanalistas franceses, a versão ativa do apoderamento é um prolongamento do que Freud indicou em 1905 sobre a função de *Bemächtigungstrieb* como estratégia “empenhada” na organização subjetiva.

O retorno a Freud nunca decepciona, e foi o que me permitiu, sem medo, localizar a ação do apoderamento anterior ao sexual, já que a esfera do sexual, antes mesmo de se inscrever como tal, exige um campo inscricional. Não vou me alongar aqui nesse assunto, mas aponto diretamente que o sexual nasce de uma experiência, e não é tido prontamente no corpo, sendo um princípio fundado sobre as bases do apoderamento.

Além dos acréscimos já expostos, a releitura do postulado freudiano sobre o apoderamento permite sustentar a hipótese de que a pulsão de apoderamento como potência psíquica, é anterior aos estabelecimentos de *Eros* e de *Thanatos*. Por tal posição, o fazer pegar é sumariamente uma descrição dessa lógica, onde se produz a organização do aparelho, portanto, condição vital para se firmar um espaço subjetivante.

A proposta de um tempo primeiro, no sentido lógico e não cronológico, não se resume à ação ativa do pegar, mas extrapola a atividade em si, pois implica o pegar numa

função de meio para outro alvo, viabiliza outras ações, isto é, a ação do pegar constitui um dispositivo para criação, razão pela qual preservamos o uso do verbo fazer. O pegar é sobretudo uma maneira de conhecer, familiarizar-se com o mundo.

Na mesma linha de raciocínio, extraímos de Aulagnier (1979) condições mais instrumentadas na montagem teórica, e acomodamos o pegar na esteira da ilustração clínica. A atenção especial se deve à noção da metabolização, tomada como uma potente alavanca metodológica, suporte fundamental ao esclarecimento necessário.

No que forneceu Aulagnier (1979) em seu postulado de aparelho psíquico, organizado em originário, primário e secundário, o pegar é análogo ao processo de metabolização. A autora insistiu em situar a metabolização numa experiência corpórea, presente nos três eixos do aparelho psíquico, o que se alinha ao uso nos três tempos do apoderamento.

Os elementos dados por Aulagnier foram articulados com mais detalhes no artigo *“Considerações sobre as origens do psiquismo: Uma releitura contemporânea do apoderamento”* (Trevisan & Vivès, *no prelo*) para demonstrar o funcionamento da metabolização no aparelho de apoderamento. O trabalho de metabolização, segundo Aulagnier (1979), refere-se ao período ainda muito arcaico da vida psíquica, são ações na vida do bebê operacionalizadas pelo corpo, que é o protagonista experimentador e informante das sensações/percepções, as quais terão funções decisivas na constituição subjetiva.

Como resultado do processo metabolizador temos o seguinte: quando a interpretação do psiquismo, realizada com base nos campos sensórios/corporais, é favorável à metabolização, produz a integração da experiência a si mesmo ou o tomar para si, chama-se homogeneização, mais clara nos termos de pulsão de vida, já que unifica

o estado das coisas. Por outro lado, quando o corpo/experimentador informa e interpreta a situação vivida como impossível de metabolizar, tomar para si e unificar, é então excluído, apresenta-se a heterogeneidade, operacionalizada nas noções de ódio radical.

A razão de expor os termos é precisamente para situar o primeiro tempo do apoderamento, o fazer pegar, que é a ação do aparelho corpo/muscular, sendo o combustível para a execução do trabalho. De tal explanação construo o seguinte: o fazer pegar é o ato metabolizador, cuja trama dará os desdobramentos necessários para o advir do sujeito. O trabalho psíquico do pegar se estenderá nos outros tempos (fazer pegado e se fazer pegar), já que nenhum dos estados exclui a dimensão ativa da pulsão.

Num acabamento mais refinado dessa lógica, podemos afirmar que a metabolização é um instrumento do apoderamento para criação subjetiva, isto é, nos caminhos dados para a passagem de um tempo ao outro da pulsão. O eixo do fazer pegar é em ato o que noticia o resultado da metabolização, o mesmo núcleo que poderá ser localizado nos trâmites do assujeitamento contido na apassivação.

Em continuidade ao desenvolvimento, aponto a intenção do fazer pegar numa condição que visa nutrir o aparelho psíquico para tornar suportáveis as avarias causadas pela realidade, acionando para isso os mecanismos da destruição/criação. Não se trata de excluir a ação do agarrar do apoderamento, assim como a dominação, mas são ações variáveis de sua manifestação, que têm o mesmo objetivo: tornar potente o aparelho psíquico.

A construção conceitual preserva sua amplitude sem generalizar a concepção, pois abriga as variações da ação, tendo como critério de inclusão o alvo comum. Assim, não trata de uma coisa ou outra, mas sim de uma coisa e outra, desde que seja clara a razão pela qual podem ser reunidas.

A afirmação de que o apoderamento visa inicialmente a si mesmo foi localizada por Freud (1905/2016) ao assinalar que a pulsão de apoderamento é a trava para a empatia, ou a razão originária para que “se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão, forma-se relativamente tarde” (Freud, 1905/2016, p 101).

A menção de Freud a respeito da trava que a pulsão de apoderamento provoca é uma face das origens da crueldade, porém a crueldade aqui não nos serve diretamente, já que representa os serviços do apoderamento ao princípio do prazer.

Por outro lado, o fazer pegar serve a outro princípio, que é adquirir potência para si, impedindo-o de se atentar ao outro, ou a qualquer objeto que o obrigue a dividir/subtrair seus investimentos. Uma alusão à matemática pulsional, à insistência do mais em detrimento do menos, que o próprio nascimento comporta.

No derradeiro acréscimo teórico desse tempo, sublinho o argumento posto em nosso artigo “*Considerações sobre a destruição e a criação a partir da pulsão de apoderamento*”, que concentra sua contribuição detalhando a função do apoderamento nas operações de criação e destruição simultâneas para o advir do sujeito psíquico.

Os mecanismos referidos são tomados, sobretudo, numa continuidade que dependerá da inclinação à apropriação/rejeição, e principalmente no modo com que experimenta o mundo (Trevisan et al., *no prelo*). Estando mais nítido o fazer pegar com o ponto do primeiro tempo do apoderamento e as motivações de sua construção, podemos passar ao segundo tópico.

3.2.2 O segundo: fazer pegado

Para progredir na elaboração, apresento o segundo tempo do apoderamento, o fazer pegado, que também pode ser entendido como o trabalho psíquico para pegar a si

mesmo. Diferentemente da posição do fazer pegar, o fazer pegado, assim como o se fazer pegar, exige endereçamentos que dependem dos aspectos judicatórios, ainda que arcaicos, e é orientado pela sensação/percepção. O fazer pegado equivale ao pegar a si mesmo, o si mesmo aqui tem como referência pegar o próprio corpo.

A fim de esclarecer essa posição, apoio-me no princípio da metabolização para articular as experiências psíquicas do corpo no fazer pegado. A partir do referido dispositivo, indico a instrumentação que orienta o caminho pelo qual a pulsão há de se inscrever, enquanto fluxo contínuo e passagem.

Conforme apontado anteriormente, o corpo, longe da ideia dos determinismos biológicos, é o instrumento pelo qual, inicialmente, se inscrevem as experiências de contato com o mundo, integrando o processo de metabolização, e, por conseguinte, uma reação pulsional. Aulagnier (1979) afirma que a metabolização no originário é o principal informante da psique, que poderia ser chamado de relator, já que o endereçamento pulsional, para fazer pegado, faz uso dessa informação para suas inclinações, nas quais se localizam, sobretudo, os aspectos da criação.

Antes de adentrar nessa montagem teórica, proponho tomá-la, inicialmente, por meio da seguinte interrogação: o que poderia levar a pulsão a inclinar-se a qualquer objeto ou escolher o de si, se partirmos do princípio de que a pulsão de apoderamento não se orienta *a priori* na via da satisfação, já que não é sexual?

O exame do contexto me permitiu formular a seguinte hipótese: a dimensão da escolha do pegar, não tem relação com o prazer, mas se trata de outra ordem, na verdade tal escolha depende de outros dispositivos, e reside essencialmente na interpretação feita pelo aparelho psíquico, que é um todo, soma/corpo/psique. Em continuidade ao desenvolvimento do argumento para a posição exposta, o fazer pegado refere-se a uma

criação secundária, ou seja, quando não se pode tomar o objeto procurado ou dar continuidade ao fazer pegar, outro obstáculo se impõe do lado da realidade.

Numa tentativa de deixar ainda mais clara a estrutura desta escolha e a operação do pegar, proponho certa cartografia do circuito pulsional, de tal modo que o polo ativo poderia, de modo análogo, ser pensado como uma flecha, apontando sempre para frente, mas, ao encontrar uma barreira que impede a continuação de seu percurso, exige outras saídas e caminhos. A solução encontrada pela força é o fazer pegado, visando a preservação de sua continuidade, a solução é tomar a si mesmo.

O fazer pegado é a consequência da escolha do objeto mais próximo e acessível para o fortalecimento do psiquismo, em que o corpo, mesmo que não seja sabido como tal, torna-se o objeto por excelência nesse registro, o que pode ser visto no uso de partes do corpo - o pé, a língua, o dedo, a chupeta/o seio. Isso foi mostrado por Freud no autoerotismo, que, de certo modo, coincide com o estado originário, mas foi usado por ele para esclarecer as formações libidinais.

Acrescento ao rol dos argumentos que o processo descrito acima foi chamado por Penot (2001) de formação subjetiva e descrito em termos análogos aos que proponho.

Vejamos:

Subjetivação propriamente dita começa muito antes da aquisição de uma imagem figurada de si mesmo. A construção da fantasia, portanto, equivale traduzir em termos figurativos (ou cinestésicos ou acústicos) o que pode ter sido experimentado nas interações pulsionais” (Penot, 2001, p. 52).

A base do apoderamento que sustenta o fazer pegado se encontra no postulado freudiano ao referir-se, por exemplo, à pele como presença do corpo. Dirá ele que é o objeto por excelência da zona pulsional (Freud, 1905/2016). A partir desse processo

interpretacional, ou seja, do juízo de atribuição se originará a possibilidade para o terceiro tempo do apoderamento. Entretanto, na forma do segundo tempo, o fazer pegado é uma atividade que utiliza o próprio corpo, por interpretar que é o encontro mais acessível e passível de tecer suas produções.

Ainda que, foneticamente o fazer pegado possa emitir certa estranheza, a insistência nesta forma, se deve ao fato de que, é o uso que o aparelho psíquico faz do próprio corpo, como fonte para obter poder e preservar seus estatutos de continuidade, o que poderia explicar a negociação com a realidade, haja vista que é uma estratégia para a barreira imposta por ela. A exemplo disso, basta observar o bebê em seus primeiros meses, que com a boca procura algo e frequentemente encontra seu próprio corpo ou o mais próximo dele, sendo os dedos das mãos ou os objetos que pode trazer para perto de seu corpo.

Não obstante, as considerações sobre o segundo tempo do apoderamento tornam-se um ponto de acesso ao que, no próximo capítulo, designo como patogenia do apoderamento, e apresento o exame de seus mecanismos. O fazer pegado nesse tempo revela os traços mais arcaicos, e os caminhos pelos quais o aparelho psíquico se organiza, o que, de modo algum, significa menos força ou potência no que diz respeito a outras modalidades temporais.

A intenção de elaborar o fazer pegado, além da progressão teórica, é evidenciar o argumento para a afirmação de que a estereotipia poderia ser, freudianamente falando, o aparelho do apoderamento por excelência no autismo. A questão central situa-se na transição de um tempo para outro, isto é, a travessia do fazer pegado ao se fazer pegar. Para a precisão que a questão exige convém, primeiramente, expor a diferença que ela comporta. Apresento, inicialmente, o modo como Laznik (1993/2005) interpretou a

concepção freudiana da temporalidade pulsional, para diferenciar desta proposta. Nos termos da autora, consta o seguinte:

Destes três tempos, Freud diz que o primeiro é ativo: o lactente (ao caso que nos interessa) vai em direção a um objeto externo – o seio, ou a mamadeira. O segundo é reflexivo; ele toma como objeto uma parte do corpo próprio – a chupeta ou o dedo. No terceiro, que Freud qualifica de “passivo” é quando o lactente se faz, por sua vez, objeto de um outro, este famoso novo sujeito – mãe por exemplo. (p. 81).

Diferentemente da autora, emprego a dimensão ativa (fazer) presente nos três tempos para evidenciar a estratégia da criação, ponto que integra a potência oriunda do apoderamento, cuja ação é contínua e necessária às envergaduras dos endereçamentos pulsionais.

Exposta a concepção do campo ativo, parto para a noção passiva, cuja evidência, para Freud (1905/2016), se encontrava no sadismo e no masoquismo, sob este par o autor presentifica a menção ao apoderamento, o que por sua vez, permanece quase intacto, mesmo depois da reformulação teórica das pulsões de 1920. A questão do apoderamento, diferentemente do que muitos pensam, extrapola as elaborações de 1920, e pode ser notado “*O problema econômico do masoquismo*” e na carta a Einstein, de 1933.

Desde o primeiro texto, aquele dos *Três ensaios ...* até o de 1924, propriamente sobre o masoquismo, a noção do apoderamento margeia os aspectos originários do psiquismo. O desenvolvimento das noções de ativa, passiva e reflexiva pode ser observado em sua construção, de modo mais direto nas fantasias de surra da criança e nos demais textos (Freud, 1919/2020).

Numa outra narrativa, um pouco mais indireta quanto aos termos pulsionais, podemos mencionar a correspondência de Freud a Einstein Freud, cujo tema do

apoderamento reaparece com mais força. A questão surge na carta de Freud relatando o problema do desejo de poder que habita as profundezas do psiquismo, como citado anteriormente, e faz referência à expressão *Bemächtigungstrieb*, presente no impulso da dominação, que utiliza a sobreposição da força física sobre o outro. Mesmo com a desabafo freudiano sobre a questão do desejo de poder como um dos motores para o desencadeamento da guerra, a discussão em torno do *Bemächtigungstrieb* não encontrou abrigo intelectual, nem sequer foi retomado neste contexto.

Para avançar, agora não apenas nas distinções, mas, na redefinição, detalho o último tempo nos termos de Freud (1915/2011): o reflexivo, ou a volta a si, que, diga-se de passagem, concentrou por certo tempo um enodamento desta tese, e explico o porquê. Por vezes, quando me referia ao terceiro tempo da pulsão, nomeando-o de apassivado, ele parecia ser entendido pelos leitores numa distorção do dito freudiano, ou tomado no mesmo sentido da volta a si, o que, até certo momento, é uma lógica pertinente, mas não equivalente.

Todavia, a insistência na investigação dos processos clínicos e nas interrogações dos fenômenos do autismo, os “porquês” e os “de que maneira”, levou-me a esclarecer e precisar a posição defendida. O principal apoio para sustentar a apassivação foi dado por Penot (2001), que, numa discussão muito fina, expõe a articulação da pulsionalidade e a dimensão do significante, cujo cenário passou a acomodar confortavelmente a ideia desenvolvida.

Introdutoriamente, proponho abordar a passivação no nível psíquico como uma criação, o que coincide até uma parte com as concepções de Penot (2001), mas, no desenvolvimento do apoderamento, insere-se de modo distinto. O divisor de águas não consiste propriamente nas divergências, mas na centralização de um trabalho que não é,

de saída, o termo que o autor utiliza. Segundo a concepção de Penot (2001), a apassivação é uma consequência do trabalho pulsional que, diante da impossibilidade de efetivar seu circuito na posição predominantemente ativa, apassiva em si as condições para fazer laço com o outro, a fim de que este lhe sirva para algum benefício, e resulta no assujeitamento (Penot, 2001).

Além disso, Penot (2001) localiza a apassivação no âmago da constituição do sujeito, na forma do assujeitamento; por isso é nomeado como um processo de subjetivação. A posição de Penot (2001) foi amplamente utilizada por Laznik (2005) na clínica do autismo, assim como por outros autores que, de diferentes maneiras, expuseram o trabalho arcaico da psique ligada à pulsão, como registrado por Maleval (2009), Laurent (2014) e Vivès e Orrado (2021, 2023).

As formulações, até aqui, partiram da exposição freudiana sobre os dois primeiros tempos do apoderamento, mas acrescentando a ação específica a cada uma delas - o fazer pegar e o fazer pegado -, como expressão da criação psíquica, que encontra no objeto/corpo condições para operar no mundo.

3.2.3 - O terceiro: se fazer pegar

No terceiro tempo da pulsão de apoderamento reside a articulação mais precisa desta tese, formulada desde a concepção metapsicológica até a evidência de sua psicopatologia. De entrada, sinalizo o que já existe de similar nesse aspecto: depois de Freud e Lacan, encontram-se os trabalhos de Penot (2001) e Laznik (2004, 1993/2005), não que tenham sido os únicos, mas me atenho à noção do terceiro tempo da pulsão.

Ainda que os autores não tenham abordado o apoderamento ou dado um contorno específico a ele, em termos de nome ou ação particular, observei o desenvolvimento de ambos como uma introdução para a hipótese defendida. A exemplo disso, exponho a nota

de Laznik sobre “os aspectos eminentemente ativos do terceiro tempo do circuito pulsional, que já tinha sido sublinhado por Lacan, que não chamou como Freud de ‘tempo passivo’, mas de tempo do se fazer” (Laznik 1993/2005, p. 95), o que nos remete a uma abordagem do tempo pulsional sem uma ação específica, fato que além de chamar atenção, revela o princípio da diferença teórica desta pesquisa

A dinâmica central do terceiro tempo do apoderamento é interligada a um traço subjetivante. Nesses termos concordo com Penot (2001), pois se trata sobretudo de uma experiência particular e subjetiva que dará condições para a posição de assujeitamento através da apassivação, e é isso que coloca em jogo a ação do se fazer pegar, operacionalizado na criação. Penot (2001) insiste que é no terceiro tempo que ocorre a insurreição do sujeito e que isso depende da fundação do assujeitamento. No desenvolvimento de sua ideia, isso será tratado nas tramas do fantasma, já na observação de Laznik (1993/2005), o relevo está na insistência de Lacan sobre o nascimento do sujeito psíquico, sem muita novidade a respeito.

Ainda sobre a noção do terceiro tempo, Penot (2001, p. 15), afirma o seguinte: “Tempo decisivo do exercício pulsional, a serviço da realização do próprio processo de subjetivação”, diante disso, a releitura da apassivação operada pela pulsão de apoderamento se orienta na mesma linha de raciocínio, porém acrescenta uma observação que não consta em seu pensamento. Trata-se de adicionar a noção o trabalho específico do terceiro tempo em relação a criação, designada aqui como produção psíquica na construção de estratégias para contornar a impossibilidade de continuidade.

A criação na esfera apassivada depende de algumas condições, que são consequências do encontro da diferença, aqui tomadas em equivalência à realidade

material. Portanto, será nessa relação que encontraremos as ações para compor a ilustração do terceiro tempo da pulsão de apoderamento.

Para evitar a dispersão do tema, oriento-me continuamente no nível da ação, que decorre das situações de encontro, nas quais o bebê constata sua diferença em relação ao mundo, ou a situação estranha/desconhecida, e diante disso produz uma ação, referindo-se propriamente ao tempo do se fazer pegar. Nesse momento, apresentam-se os indícios da interpretação psíquica da situação experimentada, que é a condição primeira para revelar a decisão, e o interesse pulsional no trabalho da criação temporal.

Desde o primeiro tempo do apoderamento nota-se a dimensão subjetiva da experiência pulsional, mas isso não é diferente do que já existe na psicanálise desde Freud. A novidade acrescentada na proposição dos tempos do apoderamento o alinha-se à face não sexual e destaca, sobretudo por meio da ação do pegar, a direção que não é, *a priori*, encabeçada pela lógica da excitação.

A passagem do segundo tempo para o terceiro concentra-se numa via que informa o consentimento sobre experimentação da contingência, e será confirmada no surgimento da reincidência, isto é, manifestar-se-á a criação da apassivação, se a criança novamente apresentar ação/interesse para estar no lugar de receber algo do outro; é de fato uma estratégia para se estabelecer diante de tal contingência.

Uma ressalva dessa descrição é sobre a repetição que, *a priori*, não deve ser tomada no nível de conceito freudiano, mas descreve uma ação que se apresenta novamente, é sobretudo uma insistência do trabalho pulsional. A particularidade da apassivação, tal como o postulado ao longo do trabalho, é que se trata da produção/fabricação de mecanismos para se fazer para outro, visando firmar seu lugar na relação com ele.

Nessa perspectiva, a apassivação é o resultado da criação, uma lógica que usa a si mesmo como meio de fundar seu espaço, e, para tal, implica na apreensão do mundo a seu favor. A consequência desta reavaliação foi o que me levou a acrescentar a fórmula lacaniana do se fazer, o pegar, dando ao último tempo um pouco mais de objetividade.

Mesmo que demonstrados alguns argumentos, restam interrogações que mantém viva a investigação sobre a dinâmica do apoderamento, a qual poderíamos formular no seguinte: Qual o mistério em torno da pulsão de apoderamento, quanto à inclinação/consentimento para suas criações; de onde aparece no terceiro tempo o ponto da apassivação e, por outro lado, quais razões ocasionariam a sua inexistência, isto é, por que ela não funciona?

Para responder às questões, retomo toda a conjectura dos três tempos do apoderamento, desde o primeiro. A experimentação da realidade/mundo passa por uma interpretação da psique/corpo, como já exposto anteriormente. À medida que a pulsão encontra barreiras para exercer apoderamento, ou a apreensão do mundo, o seu fazer pegar buscará outras estratégias para continuar sua jornada.

Na sequência, manifesta-se evidentemente a dupla ação do aparelho muscular no segundo tempo, do fazer pegado, o pegar a si mesmo para operar no mundo, recorrendo aos objetos/corpo acessíveis. Convém lembrar que Freud (1905/2016) relembrou a pulsão de apoderamento evidentemente no trabalho dos meninos tomar a mão para se masturbar, o que poderia ser colocado numa ilustração do fazer pegado, freudianamente falando. A tarefa incumbida ao aparelho do apoderamento será a de buscar as saídas para os impedimentos do pegar, e para isso aciona os compartimentos de sua montagem, ou seja, partes do corpo são mobilizadas para servir a si mesmo, já que é preciso força para trazer

o pé ao encontro da boca, para continuar a procurar a chupeta que escapou da boca, para agarrar as chaves e trazê-las ao corpo, e as diversas ações visíveis nesse campo.

Agora, quanto à fundação do terceiro tempo, o se fazer pegar exige uma definição específica; para isso, minha hipótese é que o Eu arcaico, ou o agente pulsional, como diz Penot (2001), deverá decidir/julgar os acontecimentos numa esfera que seja compreendida como acontecimentos provocados por ele. No que defendo a respeito disso, a interpretação que confere o consentimento à construção da apassivação é seguinte: é preciso que a experiência seja julgada como possível de continuidade do pegar, ou seja, a psique decide que pode exercer ininterruptamente a construção de seu lugar no mundo.

O exemplo dessa lógica seria: quando o bebê sorri ou faz qualquer ação, o efeito disso, como a voz, o olhar, o toque, precisa ser percebido como um retorno a seu corpo, como se o comando e a causa para tais ações fossem dele. Por isso é tão importante que os cuidadores, quando o bebê emite seus sinais, se voltem totalmente para ele, como uma forma de autenticar que, de fato que o poder para despertar a ação viesse do bebê

Uma descrição similar foi dada, de modo lacaniano, nas palavras de Laznik (2005, p. 89), na via de “um consentimento para ser fígado pelo gozo do outro”. Toda a montagem acima pode ser notada no exemplo freudiano da “*majestade o bebê*”, em que o bebê exerce sua soberania, acreditando ter poder sobre a mãe, fazendo-a aparecer e desaparecer quando lhe é confortável (Freud, 1914/2010).

Não é à toa que os autores que mais desenvolveram a noção da pulsão de apoderamento tomaram o caminho do narcisismo, do autoerotismo e suas variações, como foi o caso de Grunberger (1959) e Green (2022).

Assim, a sentença interpretativa para o pilar da apassivação e, conseqüentemente, do assujeitamento é a consideração de que, nesse lugar, aquele experimentado na

realidade é possível exercitar suas estratégias para se fazer pegar. Convém esclarecer que o assujeitamento revela uma maneira similar ao dito popular “*se fazer de morto para comer o cu do coveiro*”; bem, apenas os elementos dessa frase dariam outra tese, mas vou me ater a um ponto específico. Sublinho o fazer de morto, numa demonstração do real motivo do assujeitamento. Quando o bebê se assujeita ao outro, não é de graça; na verdade, contém a ideia de que se apassivando será possível manter seu lugar intacto, para depois exigir seu preço - comer o outro, submetê-lo a seus serviços. Eis aqui uma forma direta do perverso-polimorfo.

As ações do outro/mundo são tomadas pelo aparelho como um eco daquilo que parte dele, e essa é a condição original para a entrada no assujeitamento. A mesma lógica pode ser encontrada na referência lacaniana do vaivém sobre o fechamento do circuito por meio do outro. A libidinização é a prova amostral de que o lugar experimentado foi admitido, inscrevendo as versões da pulsão em seus polos erótico e tanático (Lacan, 1964/2008).

Por fim, este tópico do terceiro tempo da pulsão de apoderamento refere-se à noção de apropriação/rejeição, do consentimento, balizado entre o sim e o não, é a essência herdada do freudismo. Trata-se, precisamente, do que Freud (1925/2011) esclareceu na menção de *Bejahung* e *Ausstossung*, assinalando os aspectos do recalçamento originário. É, em suma, o mesmo ponto que desenvolvo.

No prolongamento dos esclarecimentos, o registro dos termos se relaciona diretamente com o que foi exposto nas considerações das experiências originárias, e, por isso, tornou-se relevante referenciarmos no intuito de mostrar o cruzamento do trabalho do apoderamento nesse tempo. A aparição de *Bejahung* localiza-se no tempo terceiro, como o tempo da insistência, em que a ação é relançada à espera de encontrar o ponto

que faça algo retornar. O fundamento desse desenvolvimento tem uma extensão mais aguda e detalhada na concepção de Didier-Weill (2003, 2010), nos estudos sobre a pulsão invocante, em que se nota um retrato apurado dessa dimensão.

A fim de ampliar a base exposta até aqui, integro a concepção de Penot (2001, p. 51), precisamente de que “acrescentarei a este respeito que a representação de sinestesia, sensação de seu corpo no espaço, que provavelmente precede à figuração global de si mesmo, e junta-se a trabalho recente de Claude Le Guen sobre a importância das representações motoras”. A consideração deste autor mais uma vez reitera os argumentos sobre o poder da pulsão nas origens do psiquismo, o que fortalece a posição exposta a partir do freudismo.

Na lógica do que já foi avançado até agora, temos os argumentos para pensar o trabalho do se fazer pegar, o que implica num consentimento para se colocar para o outro, numa intenção de obter seus benefícios, isto é, de preservar parte de sua potência. É uma criação diferente daquela dada no fazer pegar, e explico o porquê. O se fazer pegar é uma ação que revela diretamente a interpretação de como o corpo experimentou a diferença do outro, ou as barreiras postas pela realidade. Vale lembrar aqui que as coordenadas para os tempos pulsionais, as alterações do fazer, são notas do movimento corporal, e assumem a função de relatores para as decisões do psiquismo. Assim o aparelho de apoderamento, o muscular, é o executor dos interesses.

Nesse sentido, utilizo o movimento, a ação e o corpo enquanto aparelho para preservar a lucidez da articulação sobre a manifestação da pulsão. Podemos exemplificar de modo didático que, assim como o movimento da árvore revela as direções do vento, , poderíamos saber do movimento pulsional ao observar o comportamento do corpo. Teríamos neste modelo dados para indicar se vai para a direita ou para a esquerda., a

logica concerne justamente à construção da ilustração na vida psíquica, desde o nascimento.

Exaurindo as exposições de Penot (2001, p. 28), destaco, por fim, a noção dos “três tempos da subjetivação do fantasma”, referindo-se à fundação do sujeito. O autor detalha, com rigor, o complexo trabalho da apassivação, que por sua vez implica, nos termos arrolados anteriormente, sobre escolha, criação e produção de estratégias para a existência.

Como avanço da construção original sobre a questão, esclareço que o terceiro tempo do apoderamento não está em equivalência ao terceiro destino pulsional de Freud. Não podemos confundir destino/tempo com meta/ação. Para findar este tópico e passar para outra parte desta tese, a das demonstrações, devemos adentrar, tendo bem guardados, os três tempos do apoderamento: o fazer pegar, o fazer pegado e o se fazer pegar, o conceito da pulsão de apoderamento tal como proposto, sobretudo a vivência de dois tempos, que é o modo de noticiar a ausência do terceiro.

Capítulo 04 - As Demonstrações Clínicas

O segundo eixo desta tese foi desenvolvido para a travessia do debate teórico e histórico ao campo predominantemente clínico, cenário das demonstrações da hipótese. Trata-se, essencialmente, da análise de casos clínicos marcando passo a passo a manifestação da pulsão de apoderamento.

Convém, logo de início, assinalar que a demonstração clínica da questão do apoderamento foi uma grande dificuldade tanto para Freud quanto para seus interlocutores. Mesmo já tendo citado os problemas dessa ordem, relembro a persistência

lacunar que imperava na visibilidade dessa força, que até então fora atrelada às ações da violência, da agressividade, da crueldade e da destruição.

Para encontrar uma saída não só no aspecto teórico, mas principalmente na vida da clínica, mantive a análise sobre uma ação, a do fazer pegar, exposta anteriormente. Desse modo, daqui em diante a mesma ação será tomada num bloco nomeado de psicopatologia da pulsão de apoderamento.

A ideia será desenvolvida com mais detalhes no decorrer deste capítulo, mas é basicamente a seguinte: por meio da psicopatologia, apresenta-se uma abordagem investigativa dos mecanismos adoecidos, em que reside a manifestação mais evidente do apoderamento. Já tendo exposto as faces da pulsão no desenvolvimento do psiquismo, com exemplos de sua ação na vida do bebê, concentro toda a atenção no caráter dos prejuízos psíquicos oriundos dessa esfera.

Nesse intento, passo a sublinhar as consequências do estado patológico da pulsão e, como já dito, por ser uma condição originária fundamental da formação psíquica, indubitavelmente, será examinada pelas marcas produzidas na existência do sujeito. Ora, se afirmo que a pulsão de apoderamento atua na base de advir do sujeito psíquico, sua psicopatologia é o que poderia ser chamada de “*marca de nascença*” do psiquismo, isto é, um traço constitutivo.

A proposta da psicopatologia do apoderamento reúne as considerações e observações derivadas dos casos clínicos e integra o ponto mais específico sobre o tema, que chamei de aspectos patogênicos do apoderamento, e a seguir esclareço a razão dessa montagem.

Emprego a noção da patogenia retirada do grande bloco da psicopatologia clássica, que se divide em detrimento de diferentes objetivos. A patogenia refere-se ao campo que examina os processos de formação da doença, diferentemente da etiologia,

que investiga a causa. Desse modo, emprego a noção da patogenia como centro da psicopatologia do apoderamento, cuja função é abordar a dinâmica de seus mecanismos e efeitos.

O campo da patogenia é construído, sobretudo, a partir do uso dos dispositivos dos três tempos da pulsão, cuja fórmula se encontra no fazer pegar, no fazer pegado e no se fazer pegar. A partir dessa trilogia, torna-se possível levar a observação ao ponto mais preciso sobre a manifestação das forças em jogo, e localizar sua ação no comportamento.

Torna-se extremamente relevante indicar as bases da construção sobre a psicopatologia do apoderamento. O fundamento e a inspiração, como já citado no início da tese, encontram-se no desenvolvimento engenhoso e perspicaz de Schotte (1959, 1986), em sua concepção de patoanálise.

O apoio extraído de Schotte (1986) instrumentaliza o dissecar dos mecanismos presentes no apoderamento, pontualmente na ação da temporalidade, em que aparece isoladamente sua patogenia. Schotte, que foi o psiquiatra a quem Lacan se referia em suas dúvidas sobre o alemão de Freud, oferece precisão para investigar os fenômenos, encontrada abundantemente em sua concepção inovadora da psiquiatria antropológica (Feys, 2009).

Nessa linha de raciocínio, abordo inicialmente a manifestação do apoderamento por meio do aparelho muscular, cujo mecanismo inicial se encontra no pegar. A proposta pode ser evidenciada no autismo, isso porque o assunto da pulsão, situado no âmbito do originário, exige uma clínica à altura, à qual o autismo nos dá acesso.

Acrescento, ainda, o fato de que essa clínica expõe uma subjetivação muito arcaica, antes mesmo da organização genital, favorecendo o campo ilustrativo, que é a fonte mais direta para a coleta de dados. O segundo ponto inclui a relação do autista com

a realidade, condição que fornece os indícios para precisar a inoperabilidade do terceiro tempo do apoderamento.

Para realização do exame clínico é primordial manter claro o uso dos três tempos da pulsão de apoderamento, acentuando a referência do terceiro tempo, aquele do se fazer pegar, cuja ausência impossibilita a criação de um ponto imprescindível, a apassivação.

Em consequência desta releitura sobre a pulsão do apoderamento, reitero que a referência feita ao autismo comporta, nesta tese, exclusivamente o caráter demonstrativo, por evidenciar as tramas do apoderamento. As operações dos três tempos do apoderamento, o fazer pegar, o fazer pegado e o se fazer pegar, são, em última instância, a consequência mais refinada da hipótese, e sua instrumentação, além de dissolver a distância entre a teoria e a clínica, permite um exame progressivo dos aspectos dinâmicos na vida psíquica.

No rol argumentativo dessa posição, recorro à noção do apego, derivado da Teoria do Apego de Bowlby (1968, 1980), como instrumento alargador e, portanto, versão aproximativa do pegar, no sentido de manter clara a ponte da teoria à prática.

Em razão disso, abordo a discussão da Teoria do Apego, fornecendo uma releitura, cuja intenção é ampliar a ilustração da temporalidade pulsional do apoderamento. A fim de manter clara a progressão da posição, esclareço os critérios para organização da apresentação clínica. Primeiramente, abordarei o caso da criança com menos idade, Leo, de 4 anos, fornecido por Vivès e Orrado (2021), e depois o caso Naoki, de 13 anos. A razão dessa escolha alinha-se ao desenvolvimento teórico, que pretende, com isso, dar visibilidade às manifestações da pulsão ainda nas experiências mais primitivas da infância.

A contento dessa posição, demonstro no caso de Léo as formações da psicopatologia do apoderamento, sob os termos da patogenia, principalmente no tempo

primeiro (fazer pegar) e no segundo (fazer pegado). No caso se encontra uma versão mais arcaica da pulsão e curta distância dos aspectos originários, que, embora não se seja de ordem cronológica, é evidente que versa sobre as primeiras experiências da criança no mundo.

E por fim exploro, no rico discurso de Naoki, um autista de 13 anos, os elementos para sublinhar, além da patogenia, a produção particular da criança em sua criação para se fazer algo para outro, isto é, a invenção que o permitiu se inserir na relação com o mundo. Naoki forneceu, a seu modo, uma espécie de conexão que familiariza o Outro¹ com seu modo de experimentar a vida. O trabalho literário realizado pela criança é uma criação apassivante, pois ele se faz lido, condição análoga ao se fazer pegar, o que, conseqüentemente, produz uma aproximação não invasiva.

A partir desta introdução sobre os aspectos que serão encontrados a seguir passamos ao início, aberto pela discussão do potente campo do apego. A discussão será iniciada com os trâmites da Teoria do Apego de Bowlby, que constitui de modo generoso um celeiro de dados e registros sobre a ação que me interessa, o pegar, da qual o apego é uma variação direta.

4.1 – O isolamento do apego: A travessia da teoria à clínica

Antes de qualquer avaliação sobre o tema do apego, é imprescindível destacar que, assim como o pegar, o apego é uma ação, um comportamento fundamental ao desenvolvimento humano, do qual emanam condições para dialogar com a ideia proposta.

No campo “psi”, seja da psicologia, da psiquiatria ou da psicanálise, o apego foi um objeto amplamente retratado nas mais diversas escolas e instituições, desde os clássicos da psicanálise, como Winnicott, Klein, Spitz, até uma gama de estudiosos de

¹ O outro grafado com O maiúsculo faz referência a noção conceitual dada Lacan em seu ensino (1964/2008) para indicar a função da cultura e seus representantes, dentre eles a linguagem e o campo simbólico, cuja função é primordial para a formação psíquica do sujeito.

1980 a 1990, como exposto anteriormente. Além disso, se a intenção é demonstrar, nada mais plausível do que utilizar uma ação como objeto de análise, justamente por se referir ao sensível campo das pulsões.

A descrição do apego, entendida *a priori* como “ato ou efeito de apegar”, deriva da palavra em latim *picare* “apegar, agarrar, ter em si, trazer consigo, pegar” (Priberam, 2010), o que semanticamente extrapola o nível do domínio e passa a integrar o campo de ações ilustrativas do apoderamento.

Ainda que haja controvérsias infundáveis entre as concepções de Bowlby e de Freud, a ação do apego está presente no postulado freudiano e pode ser encontrada em suas ideias sobre as formas de ligações da psique, registradas nos conceitos de identificação, incorporação, introjeção/rejeição e em outros mais. Portanto, não me parece forçado o uso do apego, ainda que extraído da discussão com as ideias de Bowlby, para reforçar as ilustrações sobre a esfera do apoderamento.

O objetivo de utilizar o apego não tem a ambição de refazer toda a historicidade em torno de seus conceitos e interpretações, mas reabre um campo fértil sobre as articulações da vida infantil, num retrato de suas primeiras experimentações do mundo.

O uso feito aqui das noções do psiquiatra e psicanalista inglês John Bowlby (1958, 1968, 1973) é essencialmente distinto da ideia original do autor, mas tais noções são tomadas como referência e legitimam, à sua maneira, a presença do apoderamento. Com as ressalvas necessárias, trato de fisgar do desenvolvimento de Bowlby os dados sobre o isolamento do apoderamento numa versão mais clara do que, nos termos desse autor, se encontra na ação do apego.

O apego tão notado nas décadas de 1970 comporta um saber fundamental a esta tese, por isso articulo a aproximação à sua concepção numa posição pouco encontrada na

literatura. Trata-se, sobretudo, de uma prática inspirada em Barthes (1974), cuja tarefa é aprender a aprender, aprender a conhecer ou, nesse caso, a reconhecer.

Num breve levantamento sobre o apego e a teoria das pulsões, nota-se um império de interlocutores, que tornam a discussão mais um espetáculo de gladiadores do que um diálogo sobre o saber do tornar-se humano. De fato, as diferenças existem, e são pontos inconciliáveis, entre as concepções bowlbyanas e as bases da psicanálise, mas não impedem a reflexão a respeito delas.

As razões dessas divergências orbitam a construção da metapsicologia, do conceito de inconsciente, o que não impede a releitura para extração dessas valiosas lições. Todo o levantamento histórico e conceitual indicou que ainda temos muito a aprender sobre o apego e as pulsões. A partir dessa lógica de relação com o conhecimento, utilizo as diferenças conceituais numa direção impulsionante, com o objetivo de sedimentar o novo, ao nível da epistemologia da questão.

A lista de críticas em torno da Teoria do Apego e da posição de Freud é infundável e as dissensões imensuráveis. Estão nesse cenário Fonagy (2001, 2008), Geyskens (2008), Anzieu (1989), e a discussão, seja na Europa seja nas Américas, permanece pouco amistosa.

A partir dessa constatação e com base no que retorna dos leitores/revisores, por meio do catálogo de artigos até agora publicados, o apego constitui uma versão da ação do pegar que parece servir ao estatuto demonstrativo de maneira mais eficaz. Por tal testemunho, o apego revela-se como uma passagem ainda a ser explorada e, infelizmente, pouco notada pelos freudianos e às vezes invisibilizada pelos lacanianos, principalmente pelos que trabalham com a clínica da infância.

Nesse cenário, a elaboração da discussão é, sobretudo, uma reparação histórica à teoria das pulsões no tocante ao apoderamento. Cabe, ainda, partilhar que a inspiração

para usar o apego é resultado desta investigação, mas abordar sua ação clínica ligada à pulsão é um acréscimo oriundo da reflexão dessa perspectiva que, por sinal, é ainda um eixo inexistente.

Uma vez elucidadas as intenções, podemos adentrar ao bloco do apego. O estudo realizado por Bowlby (1963) teve como fonte de dados as observações experimentais, num recorte originário, em que expõe o comportamento de bebês em situação de ausência/presença das mães. Proponho compreender que, a seu modo, Bowlby oferece uma experiência análoga ao jogo observado por Freud, conhecido como Fort-da, mas em outra escala, já que, em linhas gerais, se trata de manipular contingências que provoquem ausência e presença.

O trabalho de Bowlby (1980) resultou na famosa Teoria do Apego, e revela não apenas a presença da potência do apegar, mas suas variadas expressões, cujo campo coincide com a definição dada ao apoderamento. A tempo esclareço, ainda, que esta tese não consiste em uma psicanalização da teoria de Bowlby, mas, sobretudo, em encontrar em suas anotações argumentos para a ilustração do apego, numa ampliação do traço do apoderamento.

Para dar visibilidade e sustentação àquilo que afirmo, destaco a função do apego nos termos de Bowlby (1958, p. 78), “cujo objetivo é manter a proximidade da pessoa de referência”. Como já exposto, minha posição difere da concepção bowlbyana, e por isso esclareço como interpreto a ideia do apego.

O apego é uma ação que utiliza o aparelho muscular para, a partir de um trabalho (fazer), encontrar condições de firmar no mundo seu lugar, releitura que implica na ação do primeiro tempo do apoderamento. Em síntese, e de modo geral, a teoria de Bowlby pode ser interpretada como uma descrição precisa do primeiro tempo do apoderamento, em que o apego e o fazer pegar assumem maior equivalência.

As anotações de Bowlby reforçam a importância do apego no desenvolvimento humano e são lidas aqui como a condição vital ao psiquismo, fato que torna visível a face isolada da pulsão de apoderamento, cuja exclusividade não serve à dominação. O fato de Bowlby (1969, 1973, 1980) ter concebido o vínculo de apego como uma estratégia de adaptação fundamental do *Homo Sapiens* ao ambiente, indicando sua ação tão primária quanto a satisfação da fome ou da sede, serve de apoio à originalidade do apoderamento na constituição psíquica.

A fonte para firmar a hipótese do apego e as constatações advindas de tal noção foram extraídas da experiência estudada por Bowlby (1980), Ainsworth (1989), e Bowlby & Ainsworth (1991), que foi a seguinte:

a) inicialmente, o bebê permanece com a mãe; b) em seguida, a pessoa não familiar ingressa no ambiente; c) posteriormente, a mãe se retira e o bebê permanece com o estranho; d) a mãe retorna ao local e a pessoa não familiar sai do ambiente; e) dando sequência ao experimento, a mãe se retira e o bebê permanece sozinho; f) posteriormente, o estranho retorna; g) por fim, a mãe volta ao local e a pessoa não familiar se retira do ambiente (p. 121).

A configuração dessas contingências é interpretada numa produção de encontro e reencontro, de ausência e presença. Considero ainda que a experiência da situação estranha, assim como outros experimentos feitos por Bowlby e sua equipe, tem um valor longitudinal aqui, é uma vitrine repleta de elementos que poderiam ter contribuído muito para a teoria de Freud, caso os freudianos não tivessem rechaçado totalmente a ousadia bowlbyana.

Sob tal perspectiva, podemos apreender de que maneira a experiência nos é válida. Não podemos desconsiderar que no postulado de Bowlby (1969, 1973) e Bowlby & Ainsworth (1991) o ato do apego possui características específicas em cada fase do

desenvolvimento humano, e com raízes filogenéticas, princípio que, segundo os autores, elevou o apego ao nível dos mecanismos básicos dos seres humanos.

Assim, para Bowlby (1963, 1980) o apego consistia num comportamento derivado da condição biológica e considerado no mesmo nível do mecanismo de alimentação e da sexualidade, concebido num sistema de controle homeostático, funcionando num contexto de outros sistemas de controle comportamentais. Oponho-me parcialmente a essa lógica, principalmente ao ponto de que o apego é dado como comportamento inato e/ou derivado da condição biológica, mas utilizo o princípio de que ele é fundamental à constituição psíquica e, por isso, participa do construto conceitual do apoderamento.

A insistência de Bowlby em situar o apego numa condição fundamental ao advir humano é um dos conectores à pulsão, pois, segundo o que proponho, o apego é um meio pelo qual o apoderamento se expressa em seu primeiro tempo, o fazer pegar, condição *sine qua non* para a constituição psíquica.

A riqueza da construção de Bowlby (1973, 1980), em suas experiências laboratoriais, é essencialmente um dossiê sobre as pulsões do bebê em seus juízos sobre a experiência da vida. Um dos pontos, por exemplo, segundo a proposta de Bowlby (1973), foi observar que o bebê emite sinais com o objetivo de proximidade, visando ao apego. Vale lembrar que, segundo a Teoria do Apego, o vínculo do bebê com o mundo é construído inicialmente a partir do contato material com o Outro, ou seja, o corpo do bebê faz um trabalho para aproximar o Outro, para tomar, agarrar, apossar.

Bowlby (1973) passou a reconhecer que a tomada do mundo é eficaz quando existe a construção do vínculo, o que sinaliza em parte minha proposta do apoderamento. O vínculo é de modo geral o testemunho da ligação, e o mesmo ponto pelo qual passamos a saber das operações pulsionais. Em última instância, o vínculo, assim como a ligação,

é a demonstração inicial da interpretação sobre a experiência pulsional, o que por sua vez, se desdobra no funcionamento de sua temporalidade.

Nesse percurso examino o desenvolvimento psíquico segundo a TA, dado por Bowlby (1973) em sua primeira fase, o apego seguro, que seria a evidência do primeiro tempo do apoderamento, o fazer pegar. Além disso, o recorte se deu em razão de ser compreendido numa ressonância da pulsão de apoderamento em seu estatuto originário, isto é, nas operações iniciais do psiquismo.

Embora Bowlby (1988) tenha postulado que a efetivação do apego seguro depende da capacidade das contingências externas, isso não exclui a lógica freudiana quanto à pulsão em geral. De fato, é preciso que haja investimento do mundo externo no corpo do bebê para que sejam possíveis as ligações. Até aí a lógica preserva-se alinhada.

Porém, o desdobramento e a gênese da ação do apego passam ao campo das diferenças, já que na abordagem das pulsões não se pode arranjar uma via única para efetivação da ligação; o que se apresenta é de outra ordem, são apostas da vinculação, ligação, aderência, e, caso não ocorram, não se pode atribuir ao meio externo tal condição.

Serve-nos lembrar aqui que no desenvolvimento teórico de Ferrant (1991) se destaca o protagonismo da *pulsion d'emprise*, justamente como a força que produz a aderência do corpo ao mundo; por isso, para esse autor, ela é determinante nas ligações inerentes a toda pulsão. Os lembretes vão legitimando as características assinaladas na releitura de Bowlby, dando mais força à posição apresentada.

Mas, ainda que se tenham assinalado as semelhanças, encontramos o rochedo intransponível entre Freud e Bowlby, assim como a margem perigosa que a teoria bowlbyana deixou na interpretação social dos vínculos. O desdobramento da TA preconiza a posição da realidade numa adequação, regida pela seguinte lógica: se a

criança não pode se apegar, a insuficiência pode ser encontrada no âmbito do Outro/função externa.

O postulado permite tecer a crítica mais central sobre a TA, que aponta sua fragilidade, que é certa desconsideração ou, mais sutilmente, que essa teoria não trata com rigor a dimensão da subjetivação do próprio corpo, enquanto aparelho interpretativo da experiência diante do Outro.

As consequências desastrosas, bem como as interpretações nebulosas, da TA foram retratadas por Roazen (1979) e Badinter (1980), de modo pontual. Os autores registraram os danos diretamente às mulheres e à maternidade, principalmente na Europa e nos Estados Unidos nos anos de 1970, pois reforçavam as ideias e os modelos sobre a maternidade.

Retornando aos dados da Teoria do Apego, conforme posto pelos interlocutores Fonagy (1999, 2001) e Robin (2020), a primeira fase do apego, o tipo seguro, designa-se por apresentar ao bebê a dimensão segura que se daria pela apresentação do objeto de forma segura e sólida, já que no *infans* preexiste a tendência para ligar-se. Nessa lógica, existiria por parte do ambiente a oferta para forjar o apego, ou as formas de pegar, e seria disso que decorre o processo do bebê para o tornar-se.

Entretanto, se propomos observar tais considerações no autismo, as afirmações parecem cair numa espécie de buraco negro, escancarando as lacunas da Teoria do Apego. Ainda assim, proponho alguma luz, mesmo que em caminhos distintos. A construção dos três tempos da pulsão esclarece certos impasses quanto ao apego, por meio do autismo, em que, numa particularidade estrutural, existe o apego, mas diferentemente da maneira como propôs Bowlby.

O trabalho do se fazer pegar em suas variações temporais vai, pouco a pouco, não apenas expor a ação patogênica do apoderamento, mas também diagnosticá-la. A criança

com o indício do autismo pode não efetivar determinado tipo de apego, mesmo que a base se apresente segura, o que, diga-se de passagem, é uma dimensão muito complexa, pois a segurança apresentada precisa ser interpretada/sentida pelo bebê como tal. Mediante o limbo da Teoria do Apego perante a clínica do autismo, destaco a aparição do primeiro tempo da pulsão.

A referência ao primeiro tempo nessa clínica tem como expressão a atividade de fazer pegar, surge no âmbito da indistinção entre a criança e o mundo, o que me faz introduzir um longo parêntese para explicar algumas coisas sobre a dinâmica do apoderamento. A consideração refere-se à articulação do fazer pegar numa conexão com a teorização sobre as modalidades de juízo operados, destacados por Freud no texto de 1924, “*Die Verneinung*”.

A partícula destacada aqui é a exposição de parte dos argumentos que sustentam o trabalho do apoderamento nas origens do psiquismo. Os tempos do apoderamento, como explicado no último capítulo, conectam-se ao juízo dado pelo aparelho psíquico e dependem de seu estado de atribuição.

No caso do apoderamento, sustento que a efetivação de seu circuito é derivada do juízo de atribuição, e não do juízo de existência, ao menos *a priori*. Para esclarecer, proponho dois pontos; primeiro, aquele do princípio freudiano numa formulação mais prática, e o segundo, uma análise rápida e direta das afirmações teóricas de Freud feitas em 1924.

No primeiro ponto, sublinho as vivências do bebê por meio das informações experimentadas no corpo, que terá um juízo sobre o vivido, cuja sentença terá dois caminhos: ele será bom, quando lhe permite a continuidade de seu trabalho psíquico, isto é, o que poderia chamar de seguro, e o outro será o contrário, ruim, quando é

interrompido/descontinuado, quando é interpretado num lugar arriscado, cujas oscilações ameaçam o aparelho.

Tanto o caminho bom quanto o ruim são, em suma, de caráter atributivo, e terão como consequência importantes criações, como por exemplo na esfera da representação. Teríamos aí o caminho da coisa à palavra, mas nesse contexto a coisa é aquilo que se experimenta a partir da atribuição dada, e poderá existir neste contexto, caso haja consentimento do experienciado, (o bom gera a permanência e permite a existência), porém, se o juízo for dado como ruim, o aparelho psíquico trabalhará para aniquilar a presença do vivido.

Em continuidade a esse raciocínio, estritamente no que concerne ao apoderamento, situo, assim como Freud, o juízo de atribuição anterior ao juízo de existência. A razão disso é que, originariamente, o corpo experimenta a existência da coisa/do mundo/da diferença pela interpretação/sensação (metabolização) de descontinuidade do seu estado no mundo; o resto é indiferenciação (Freud, 1925/2011).

Nesse fundamento, portanto, para o Eu/mundo o que pode existir é o bom, e o que não pode é o ruim, que, por sinal, deve ser evitado a todo custo. O mesmo desenvolvimento está presente nas explicações freudianas sobre as defesas do Eu, nas manifestações do recalque e nas fundações do pensamento.

Em síntese, a existência atributiva do Outro é produzida por uma soma de interpretações, de que ele seja bom ou ruim, e é em parte o que desenvolvem Lefort e Lefort (1980) sobre o nascimento do Outro. Torna-se evidente que o nascimento deste Outro está intrinsecamente ligado ao advir do sujeito, o que permite afirmar que um depende do outro.

Nos termos de Freud (1925/2011), é clara a explicação sobre o reencontro operado pela organização psíquica, a qual é orientada por uma atribuição; é isso que se

procura, às vezes por toda uma existência. Os contos de fadas parecem saber claramente disso ao construir seus personagens, fazendo-os existir a partir de uma série de atributos, de beleza, nobreza, prazer e um rol infinito de adjetivos que perpetuam a existência, mesmo que imaginária.

Para substanciar o acabamento e cernir mais claramente a face da pulsão de apoderamento, interligada ao juízo de atribuição, apresento os pilares dessa construção. A principal base encontra-se no texto de 1924, “*Die Verneinung*”, a Denegação, que expõe visceralmente o tema do originário. De fato, é incontestável que o conteúdo registrado ali marca de sobremaneira o campo clínico, curiosamente por materializar aspectos pulsionais numa ação, a de negar.

O desenrolar desse curto artigo mostra o esforço de Freud na aplicação da metapsicologia, as faces do tratamento. É precisamente o que chamará a atenção de Jean Hyppolite e de Lacan, e de estudiosos das mais diversas filiações freudianas.

A construção desse ponto tem uma função de complemento ao firmado nas elaborações do apego no que diz respeito regime originário, e parte da retomada do texto de Freud. As considerações sobre esse importante marco incluíram a revisitação das valiosas apreciações de Hyppolite, encontradas na “*Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “verneinung” de Freud*” e, depois, de Lacan quando da sua “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*” (Lacan, 1954/1998).

Os termos são bastante conhecidos: a negação, o recalque, as origens dos pensamentos e diversas conexões conceituais. Em defesa da posição apresentada, convém esclarecer que o caminho elaborado neste exame é o inverso do feito pelos autores citados. Tanto Hyppolite quanto Lacan tomam o texto de Freud começando pelas considerações sobre a resistência, atrelada ao juízo de existência. As observações dos autores abordam amplamente a questão do juízo por meio das funções do Eu. Em ambos os comentários

estão arroladas às noções de defesa egoica considerações sobre o imaginário e expressões clínicas sobre a natureza da atribuição, ainda que de modo indireto.

Desviando do efeito de fumaça que toma conta dos comentários em relação aos usos feitos pela *Verneinung*, vou direto ao ponto dado por Freud, na forma dos dois juízos operados pela psique. Na concepção freudiana, a “função do juízo tem essencialmente duas decisões a tomar. Deve adjudicar ou recusar uma coisa, uma característica, e deve admitir ou contestar uma representação à existência da realidade” (Freud, 1925/2011, p. 278).

Nisso presentificam-se o juízo de atribuição, cujo caráter advém da interpretação/sensação da vivência que será sentenciada em boa ou ruim, e o juízo de existência, que decidirá se, de fato, o experimentado existe ou não. Para ampliar a articulação, adiciono a lição da experiência freudiana, mais precisamente. Vejamos:

A experiência ensinou que não só é importante que uma coisa (objeto de satisfação) possua a característica “boa”, isto é, mereça acolhimento no Eu, mas que também se ache no mundo exterior, de modo que seja possível se apossa dela em caso de necessidade (Freud, 1925/2011, p. 279).

Torna-se visível que Freud não coloca um juízo em oposição ao outro, mas ressalta o acréscimo, no “que também se ache”. Além dessa adição, o essencial se apresenta na ordem em que a articulação é posta, na qual o juízo de atribuição se refere ao Eu de prazer originário e, sobretudo, antecede a outra função.

Nesse raciocínio, a atribuição introduz o caminho para o Eu-realidade, o caráter da existência. O testemunho pode ser lido aqui: “O eu de prazer original quer introjetar tudo o que é bom e excluir tudo que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente” (Freud, 1925/2011, p. 278).

Não é preciso muita explicação para compreender que Freud dissolve a lógica do dentro e fora como oposição a partir da construção da função dos juízos. A razão disso decorre especificamente da noção de juízo de atribuição, que por sua vez atrela o mau/ruim à contingência experimentada; assim, a existência é tomada inicialmente nos termos de mau e bom.

Na página que segue, Freud trata da “outra decisão da função do juízo, aquela sobre a existência real de uma coisa representada, é do interesse do Eu-realidade definitivo, que a desenvolve a partir do Eu-de-prazer (exame da realidade)” (Freud, 1925/2011, p. 280). O tratamento freudiano do tema o leva a reencontrar o trabalho do corpo presente, desde as primeiras ações da vida psíquica, interface a ser explorada a seguir.

Destaco, ainda, a presença significativa do termo originário, o qual se repete por cinco vezes num texto que, dependendo da tradução, é de 5 a 6 páginas. Não encontrei outro texto de Freud que tenha feito tantas menções a essa noção num espaço tão curto, o que evidencia sua tentativa de avançar na especulação sobre as origens do psiquismo.

Uma vez esclarecido o suporte freudiano dessa articulação, apresento a chave para acessar o apoderamento presente nesse originário: “É novamente, como se vê, uma questão de exterior e interior. O não real, apenas representado, subjetivo, está apenas dentro, o outro, o real, também se acha fora. Nesse desenvolvimento, a consideração do prazer foi posta de lado” (Freud, 1925/2011, p. 279).

Na primeira parte da frase, como já dito no início, dissolve-se a diferença entre dentro e fora, com base na lógica de que o mau que está dentro é o mesmo que o de fora. Já na segunda frase, Freud sublinhou que “o princípio do prazer posto de lado”, indicando sobremaneira que não o tem como critério, é exatamente o trampolim para a esfera do

apoderamento, que é desde o início tomado como não sexual, e, segundo a posição aqui empreendida, deriva do juízo de atribuição.

Nisso relembro a máxima de Freud ao abordar diretamente a pulsão de apoderamento alguns anos antes, especificamente em 1920, quando afirma: “o princípio do prazer foi posto de lado” (p. 123). Na construção desse escopo torna-se crucial reunir o máximo de elementos para dar clareza à posição, a fim de evitar forçosas contrações dos termos.

Ao abordar o “posto de lado”, faz-se necessária uma explicação coerente com a razão de sua presença em ambos os casos. Ao se referir ao princípio de prazer dessa forma não quer dizer que seja excluída sua função, mas sim que não está mais sob sua governança. Essa compreensão reitera a definição da pulsão do apoderamento, em sua vertente de que, originariamente, se trata de trabalho como potência para fazer existir, e isso se dá pela via da atribuição, já que, nas origens do psiquismo, a existência do Outro é secundária ao funcionamento do aparelho psíquico, em detrimento de haver neste nível a indistinção do eu e o mundo.

Na intenção de levar essa consideração ao desenvolvimento mais longínquo, poderíamos dizer que o juízo de atribuição é o que permitirá o estatuto da negociação com a existência da coisa. Ainda com relação ao trabalho dessa força, é sob a dimensão da criação que se fabricarão as ferramentas para extensão/conciliação diante das inevitáveis barreiras/descontinuidades impostas pela realidade. O exemplo mais simples e direto disso poderia ser o famoso dito popular: “se não pode com ele, junte-se a ele”, via evidente do assujeitamento, numa versão de apassivação.

Minha última extração do texto de Freud (1925/2011) reside numa lição específica. Os termos são visíveis à referência da materialidade e do trabalho da pulsão. Vejamos:

Para compreender esse? passo adiante, devemos lembrar que todas as representações vêm de percepções, são repetições das mesmas. Assim, originalmente a existência da representação já é uma garantia da realidade do representado (p. 279).

Freud (1925/2011) forneceu o caminho para entender melhor os termos das formações originárias; é justamente o campo da percepção, via pela qual se produzem as condições para criação de si a partir daquilo que se atribui à experiência. O acabamento derradeiro virá numa espécie de maiêutica freudiana, em que se pergunta e, ao mesmo tempo, se responde, conforme o seguinte:

Onde o Eu exercitou antes um tatear assim, em que lugar aprendeu a técnica que agora utiliza nos processos de pensamentos? Isso ocorreu na extremidade sensorial do aparelho psíquico, nas percepções dos sentidos. Mas o desempenho da função do juízo é possibilitado apenas pelo fato da criação do símbolo (Freud, 1925/2011, p. 281).

A questão dialetizada por Freud assinalou transversalmente os elementos apresentados ao longo desta tese: nas formas da percepção, da repetição como ação que engloba a criação, da representação, que é um ponto indicativo do juízo de atribuição de existência. O mesmo aspecto chamou a atenção de Lacan (1954/1998) em seus apontamentos sobre o comentário de Hyppolite, descrevendo que:

Essa criação do símbolo, ressaltou ele (Hyppolite), deve ser concebida como um momento mítico, mais do que como um momento genético. Pois não podemos sequer relacioná-la com a constituição do objeto, uma vez que ela concerne a uma relação do sujeito com o ser, e não do sujeito com o mundo (Lacan, 1954/1998, p. 385).

Podemos notar aí que Lacan também abordou a noção da criação, colocando-a numa perspectiva direta com o campo originário e, mais importante, conectada ao mítico. Na mesma explanação o autor atrelou a criação ao juízo de atribuição e, ainda que não refine a relação entre elas, é o ponto comum nessa discussão (Lacan, 1954/1998).

Em continuação ao exame do curto momento em que Lacan tocou na questão da atribuição, ao menos nessa resposta se nota um rápido redirecionamento da experiência de si no mundo, por “uma relação do sujeito com o ser” e não com o mundo. Partindo daí, situo essa experiência de si numa modalidade da fórmula da pulsão de apoderamento, a face do se fazer pegar diretamente ligada ao se fazer ser.

Nessa perspectiva, a noção do fazer ser posto por Lacan (1964/2008) assume certa equivalência introdutória ao tempo da pulsão de apoderamento, em sua terceira lógica. A aproximação entre o fazer ser e o se fazer pegar indica uma condição mais precisa da ação pulsional, empenhada diretamente na tarefa específica para o advir do sujeito do inconsciente.

Em sua resposta, Lacan (1964/2008) conduz o trabalho da criação do símbolo ao campo da percepção, como uma maneira de alargar as considerações de Hyppolite. A negação, para ambos, assim como para Freud, introduz a presença da existência de um processo recalcado. O processo, por sua vez, revela indiretamente o juízo de atribuição, já que não é permitido o acesso da consciência, justamente pela sentença do ruim e do bom.

No caso do texto de Freud (1925/2011), o sujeito não pode dizer diretamente que é a “mãe” a razão de seu sofrimento, porque isso é feio, ruim e mau. A questão foi, inclusive, o ponto clínico do qual partiu Freud para exemplificar a negação, o que, dentre tantas considerações, pode ser lido como uma constatação do juízo de atribuição.

Todavia, cabe esclarecer que Freud deu, inicialmente, o percurso metodológico da existência para as manifestações da atribuição. No mesmo sentido, o freudiano, Lacan retomou a *Verneinung* com atenção especial ao *Bejahung*, o sim fundamental. Podemos acompanhar isso no seguinte:

Da *Bejahung* que Freud enuncia como processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que uma outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha a se oferecer a revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser (Lacan, 1954/1998, p. 389).

Lacan (1954/998) parece não esconder sua insistência em reler, no texto de Freud, o testemunho do real e do simbólico, e para isso se serve diretamente da menção do juízo de existência: “Isso porque, se o juízo de existência funciona mesmo como o entendemos no mito freudiano, é justamente às custas de um mundo do qual a astúcia da razão retirou duas vezes sua parte” (p. 391).

Para encerrar essas considerações e retornar à questão do apego e da pulsão de apoderamento, apresento em síntese as bases nas quais me ancoro para continuar o percurso. Primeira, a atribuição como o trabalho psíquico interligado à criação e organização do aparelho psíquico; segunda, a apresentação freudiana na condição originária, que é o apoio para a definição conceitual; por último, os aspectos da criação como imprescindível na constituição do Eu.

Depois dessas caras passagens, entretanto fundamentais e esclarecedoras, poderíamos formular a seguinte questão: é possível conjecturar que o apego se torna similar à negação, se os tomarmos no nível da ação, já que ambos revelam o interesse/movimento pulsional? Ao que tudo indica, a resposta seria afirmativa, pois não é demasiadamente forçado aproximá-los, isso se tomarmos essa resposta como um pronunciamento dos enigmas traçados pela pulsão, noticiando os processos constitucionais.

Apesar das distinções já arroladas entre Freud e Bowlby, o manejo da ação do apego, posta por ambos, revela o movimento pulsional numa via que desenha a especificidade do apoderamento. No fundamento teórico do lado freudiano está um trecho pouco mencionado:

A pulsão de amor dirigida aos objetos requer um complemento da pulsão de apoderamento, se alguma vez ela quiser se apropriar de seu objeto. A dificuldade de isolar as duas pulsões em suas manifestações é o que, por tanto tempo, impediu de reconhecê-las (Freud, 1933/2020, p. 435).

Dessa constatação sublinho a pulsão de apoderamento em: “Se ela quiser se apropriar”, para destacar a dificuldade em isolar sua manifestação e, assim, não a reconhecer. Vale integrar nesse exato ponto “do querer” que a *Verneinung* se presentifica numa versão clínica de suas variações, já que, segundo Freud, o não é uma forma de revelar o querer.

Apesar do acréscimo teórico que o exame do juízo de atribuição trouxe a fundamentação, o protagonismo ainda reside no manejo do apego de Bowlby. A razão para isso se deve ao fato de que a ação do apego revela as fórmulas da pulsão de apoderamento, ou seja, a particularidade de seus tempos, na condição mais nítida da manifestação corpórea é, sobretudo, uma amostra isolada de sua ação. Dessa maneira, podemos apreender diretamente sua ação, tornando-se visível, então, o “querer”, simultaneamente, ao apegar, pegar, tomar e apropriar-se.

Nos arrolamentos finais da discussão sobre o apego, ressalto o uso feito por Anzieu (1991). Diferentemente da maneira de Bowlby, mas sem, contudo, descartá-la, o autor abordou o trabalho psíquico do apego, integrando-a ao inventário das expressões pulsionais, e referiu-se à Teoria do Apego para admitir que: “Isto me autoriza a considerar uma pulsão de apego (segundo Bowlby) ou de agarramento (segundo Hermann) não como uma coisa provada, mas como uma hipótese de trabalho útil” (Anzieu, 1991, p. 109).

Não obstante, Anzieu (1991) descreveu o apego como uma pulsão, assim como o fez sobre o agarrar, situando ambos ao lado das pulsões de vida, indicando que: “Ele [Bowlby] apresenta a hipótese de uma pulsão de apego, independente da pulsão oral, e que seria uma pulsão primária não sexual. Distingue cinco variáveis fundamentais na

relação mãe-filho: a sucção, o abraçar, o choro, o riso e o acompanhamento” (Anzieu, 1991, p. 112).

Não apenas os autores clássicos desenvolveram importantes avanços sobre as pulsões e o apego ao longo dos anos, a questão continua a ser investigada, e revelam-se por elaborações mais atuais, como Geyskens (2008) e Robin (2020), que retornam aos postulados de Hermann sobre a pulsão de agarrar, ou *pulsion d'agrippement*, para articular o apego às noções de Freud. Todos esses esforços reiteram que a proximidade do apego e da pulsão são instrumentos onde, cada um à sua proporção, sustentam a possibilidade para releitura sobre a pulsão de apoderamento.

Convém esclarecer que as ações de agarrar, apegar, apoderar, dominar e tomar foram observadas por autores como Aulagnier (1979), Gillibert (1981), Ferrant (1991) e Barbier (1992), numa manifestação pulsional, ressaltando tais ações como a consequência da exigência de trabalho na constituição psíquica.

Servi-me do postulado de Bowlby para adicionar argumentos na elevação do apego à dignidade pulsional e conectá-lo à reavaliação do apoderamento. O arrolamento da ação do apego, dada na variação de pegar, integra a solidificação dos tempos do apoderamento. A proposta acrescenta mais objetos ao mostruário do primeiro tempo, em que o fazer pegar, além de tornar visível o interesse da pulsão, fornece o material de sua dinâmica. Agora, com mais instrumentos, passamos ao campo da psicopatologia do apoderamento.

4.2 A psicopatologia da pulsão de apoderamento no autismo

Em continuidade à articulação clínica, apresento essencialmente a concepção psicopatológica da pulsão de apoderamento, na qual se concentra a abordagem da patogenia dos mecanismos do apoderamento. Refiro-me aqui à marca de nascença

psíquica que imprime a disfuncionalidade ao Eu, mais precisamente nos tempos do apoderamento.

A clínica do autismo, apresentada nesta tese por meio de dois casos, permite com rigor elencar o efeito limitador do fazer pegar em sua terceira forma, se fazer pegar, ou seja, é possível realizar uma dissecação da patogenia em questão. O material extraído dos casos clínicos acentua os apontamentos dos três tempos da pulsão, dos quais participam os dispositivos criação e destruição, ao performar tentativas de apassivação.

A psicopatologia do apoderamento, tal como proponho, refere-se ao comprometimento específico da construção do circuito pulsional; é essencialmente sobre as complicações do terceiro tempo, o que tem como efeito a redução das ligações pulsionais. A partir desse fundamento se poderia dizer que a ausência do terceiro tempo diminui a elasticidade pulsional, tornando-a opaca, rígida e, ao mesmo tempo, frágil, em seus recursos para lidar com as exigências da realidade.

O vaivém pulsional, na mesma lógica dada por Lacan (1964/2008), é alterado pela patogenia do apoderamento e passa a ser "vai, vem e vem", empenha-se numa organização obsessiva na continuidade da posse. Não é à toa que Freud nota a presença da pulsão de apoderamento com mais evidência em seu texto “*A predisposição da neurose obsessiva*”. O autismo, como já explicado, é o campo que expõe os mecanismos por meio dos tempos pulsionais, dando maior visibilidade às formas de fazer pegar.

Considerando todo esse conjunto de análises, podemos definir *a priori* a noção de psicopatologia do apoderamento não como a vertente clássica da fixação, mas num tipo de resposta diferente do esperado no desenvolvimento psíquico; é uma formação egoica que se inclina à criação ensimesmada, ou seja, uma retenção em si, cujo motivo seria decorrente da interpretação dos riscos de se endereçar investimentos no mundo.

Na clínica do autismo, tal como concebida por Laurent (2014), Laznik (1993/2005), Maleval (2009), Vivès e Orrado (2021, 2023), cada um a seu modo, explanam as manifestações psicopatológicas do Eu do autista, que se vê ameaçado, quanto forçado a lidar com a diferença/descontinuidade. O fato de tais autores alertarem sobre esses aspectos pulsionais fornece condições e estratégias para o avanço na compreensão do autismo, e diretamente na exploração da teoria das pulsões.

O aperfeiçoamento na pesquisa sobre o tema depende decisivamente das ilustrações da psicopatologia da pulsão de apoderamento, que serão feitas por meio do detalhamento da patogenia dos tempos da pulsão. Tendo como referência a ideia de Schotte (1982/1990), localizo os mecanismos manifestos no autismo, como nossa lâmina laboratorial, dado que permite examinar o apoderamento em sua forma adoecida. De fato, seria um microscópio para observar a complexidade de processos os quais, a olho nu, não teríamos condição alguma de aproximação.

A construção dessa lógica acompanha a pesquisa de autores que conectam essencialmente o problema das pulsões no autismo, como é o caso Laznik. Vejamos:

Trata-se da não constituição do circuito pulsional completo na oralidade e, mais precisamente, da falha do terceiro tempo deste circuito. O que me leva a falar aos médicos da leitura lacaniana do conceito de pulsão em Freud; do porquê é necessário que o circuito pulsional se estabeleça; e da gravidade do quadro que sobrevém quando o circuito não se estabelece completamente (Laznick, 2005, p. 26).

Além do campo da psicopatologia, o trabalho dos três tempos da pulsão, tal como posto nas variações do fazer pegar, pode ser encontrado transversalmente na cultura do tornar-se humano. Para exemplificar a afirmação, citamos três eixos: no desenvolvimento e nas descobertas do *infans* com o mundo; na clínica psicanalítica, sob as modalidades do mal-estar; e na psicopatologia.

No primeiro eixo, do desenvolvimento infantil, podemos observar com certa frequência que o bebê usa o corpo para chamar a atenção do Outro, é o instrumento para provocar e adequar a realidade a si, uma maneira de mostrar a articulação dos três tempos do apoderamento de forma enodada.

Por este ponto de vista, a patogenia seria a não efetivação do terceiro tempo, que como efeito produz uma espécie de hipertrofia obstrutiva, impedindo a passagem do segundo tempo, fazer pegado, ao terceiro tempo, se fazer pegar. Um dos efeitos disso é a asfixia da criação, que causa impossibilidade de se fazer algo para o Outro.

Ainda no rol da cultura e do desenvolvimento, menciono a presença da pulsão do apoderamento, revelando seu caráter apassivador, em que o próprio Freud (1920/2020) se debruçou sobre a inesgotável fonte das brincadeiras infantis. Refiro-me às mesmas experiências para sublinhar a pulsão desde as origens do psiquismo, num vetor que cria as condições para a construção do aparelho psíquico, cujos restos continuam a se presentificar na vida cotidiana.

As brincadeiras infantis tão retratadas na obra freudiana contêm ações, cenários e as atividades de transformação, que versam sobre a descoberta do mundo, seja em criar e/ou recriar sua experimentação. Assim, torna-se possível identificar nas brincadeiras a invenção que usa o próprio corpo como instrumento, ponto indicativo para abertura da estética do apoderamento. Não nos esqueçamos de que foi a partir de uma brincadeira, o Fort-da que Freud mais se aproximou dos enigmas do apoderamento.

O último e principal eixo, o da psicopatologia, concentra a indicação sobre a pulsão de apoderamento, numa complicação de sua temporalidade terceira, cujos motivos foram explicados anteriormente, no capítulo 3. Numa busca de fundamentação para os três tempos da pulsão, investiguei intensivamente a literatura em busca de outras análises

clínicas para a pulsão de apoderamento, porém reencontrei o eco freudiano da dificuldade do reconhecimento.

No rastreamento do tema em sua forma clínica encontrei alguns autores que abordaram o apoderamento, por meio da melancolia e da perversão, como foi o caso do estudo de Dorey (1981, 1986), sobre a loucura pelo poder; de Gillibert (1984), sobre os transtornos alimentares, como anorexia, e dos estudos de Penot (2001), sobre as toxicomanias, que embora não referenciem diretamente o apoderamento, investigam o terceiro tempo da pulsão.

Diante de todo o contexto, principalmente da história clínica da questão, proponho o exame do apoderamento através do autismo. Nesse sentido, torna-se relevante esclarecer, tanto do ponto de vista metodológico quanto teórico, que a consulta realizada aos teóricos do autismo não objetiva uma tese a seu respeito. A intenção crucial é notar que na clínica desses autores se apresenta o processo do apoderamento, e que o postulado teórico expressa a identificação do apoderamento.

Em continuidade à exposição das bases da psicopatologia do apoderamento, o extrato das análises permitiu operar certo limite da patogenia do apoderamento, como é o caso da abordagem de Laznik (1993/2005, p. 14) sobre o terceiro tempo da pulsão. A pesquisadora assinala que a especificidade desse processo se dá quando o bebê encontra o prazer do Outro em relação a ele e passa a se identificar como causa desse prazer. Apresentam-se aí os efeitos da atribuição e da qualificação da experiência; segundo suas palavras, “ele tomou gosto suficiente para um tornar-se”.

Um dado relevante na consideração desse tempo pulsional é que Laznik (1993/2005, 2004) se refere ao conceito de identificação, empregando-o como instrumento teórico para descrever os trâmites da interpretação do bebê no consentimento

de seu lugar para o Outro. Nesta tese, a identificação foi arrolada nos processos de incorporação, como uma das abas do portfólio sobre o apoderamento, principalmente na dimensão originária e formativa da psique. Ressalto que Laznik (1993/2005) indiretamente refere-se à força que possibilita a ligação, a partir de certa atribuição, condição *sine qua non* para a fundação do se fazer para o Outro.

A noção da identificação pode ser tomada como a intersecção da potência do apoderamento; parece-me que é a posição dada por Laznik (1993/2005, 2004), de modo similar, pois segundo ela a identificação é a porta de acesso ao processo do se fazer ser, inerente ao apoderamento. Numa digressão do conceito freudiano, lembremos que a identificação procede das formas de ligação, e esta, da incorporação, conduzindo-nos aos avatares do apoderamento.

No postulado de Laznik (1993/2005), a satisfação obtida ao experimentar o lugar de causa de prazer para outro implica na retenção libidinal e torna-se a arquitetura do lugar apassivado, resultando no retorno, na volta a si. Um resquício da ideia freudiana sobre o trabalho da majestade, o bebê. Nesse sentido a autora insiste que:

É só aí que a dimensão do Outro aparece verdadeiramente para o bebê e que se decide a saída do risco de autismo. Se for um sinal diagnóstico, o terceiro tempo é também uma ferramenta terapêutica essencial: um dos grandes eixos da terapia consiste em conduzir gradativamente o bebê à sua aquisição, convidando-o aos poucos a construir o ciclo de impulso (p. 78).

Essa consideração é valiosa para a hipótese defendida, pois acentua o trabalho do Outro no sentido de auxiliar o bebê na aquisição do mundo. A função desse Outro estaria predominantemente ligada a uma espécie de oferta de condições, de provocação, visando por meio dessa aposta a que o *infans* possa se ligar a algo, o que de modo algum substitui

ou isenta o trabalho corporal do bebê, em sua interpretação/experimentação do estímulo dado.

Naquilo que diz respeito à psicopatologia, o regime da identificação também sofrerá uma ressonância do comprometimento do terceiro tempo da pulsão, cujo resultado será a impossibilidade de encarnar o se fazer pegar. Qualquer situação que seja interpretada pela criança como arriscada demais na relação com o mundo poderá precipitá-lo insistentemente no primeiro e segundo tempos da pulsão, e ali permanecerá circulando entre o fazer pegar e o fazer pegado. De tal condição se manifestará o mecanismo adoecido, o qual surgirá, no caso do autismo, materializado na estereotipia.

Acrescento outro detalhe na releitura do apoderamento: Laznik (1993/2005, 2004) situa o nível da decisão por parte do corpo/psique diante da vivência, como o núcleo do qual virá uma escolha, decisão, inclinação, aspectos ligados à atividade pulsional. Farei uso dessas considerações, articuladas as de Maleval (2009) e Laurent (2014), para complementar a noção da psicopatologia.

Os autores partem do conceito formulado por Lacan sobre o gozo para nortear o trabalho clínico com autismo, predominantemente articulado na ideia de gozo fálico e da relação entre a pulsão e a linguagem. No mesmo percurso, atentamos ao índice do apoderamento, no que Laurent (2014) apresenta na noção de borda, e à ressonância das complicações em torno da apassivação, que deixará como marca a exigência de outras produções.

Segundo Laurent (2014, p. 84), o corpo da criança autista, como consequência de sua constituição peculiar, exige o trabalho de um tipo de neoborda, “pois forma um limite quase corporal, intransponível, para além do qual nenhum contato com o sujeito parece possível”, e adiciona o seguinte:

É sempre preciso certo tempo, – variável conforme os casos – depois de algo ter podido se engancha, para que essa neoborda se relaxe, se desloque, constituindo um espaço – que não é nem do sujeito nem do Outro – onde possa haver trocas de um tipo novo, articuladas com um Outro menos ameaçador (Laurent, 2014, p 86).

Antes de avançar no núcleo do apoderamento, uma questão se coloca no caminho. Esse autor se interroga sobre o que poderia permitir certa aproximação ao Outro sem tamanha ameaça ou, ainda, qual condição poderia permitir o enganchamento, ou ligação, a esse Outro? Nos termos de Vivès e Orrado (2021), outra questão se coloca: com base em que se constrói a mediação do autista com o mundo, ou qual substância serve à criança autista para criar possíveis bricolagens?

Nossa questão é estendida por Laurent (2014, p. 78): “Para sujeitos sem limites e sem borda, como instituir um limite, não a partir de uma aprendizagem qualquer, mas de modo a constituir um circuito que faça a função de borda e de circuito pulsional?”. A resposta do psicanalista nos parece uma robusta exposição do que, ao longo da tese, nos esforçamos para mostrar. Vejamos:

Por exemplo, em dar um objeto a criança, em acompanhá-la ao banheiro com o objeto no saquinho e, depois, em tirá-lo de dentro dele. A criança que sai do banheiro levando papel no seu saco pode, então, entrar num novo circuito, que inclui o papel extraído no banheiro, e começar a escrever nele. Para que esse deslocamento por contiguidade possa admitir novos objetos e não construa uma pura e simples intrusão, uma invasão, a inclusão do novo tem de vir acompanhada da extração de outra coisa (p. 84).

O retrato expõe nitidamente os processos corporais que versam sobre a apropriação/rejeição, a criação que faz uso do objeto para si, ou, como diz Laurent (2014), a extração que o leve à inclusão. Nos termos do autor, prevalece o destaque sobre a

possibilidade da diferença da invasão para a mediação, que consiste no trabalho da criança de usar o objeto a seu favor, uma reatualização do ato judicatório do Eu, em que possa de alguma maneira ofertar seu consentimento.

O que Laurent (2014) assinala sobre o corpo, o objeto e o trabalho psíquico na criança autista seriam um extrato da atividade da pulsão de apoderamento, em que se evidencia o tomar para si com a intenção de operar o mundo. Nesse sentido, a noção de borda ao gozo, e ao Outro, dada por Laurent (2014), pode ser entendida como uma articulação que versa sobre a psicopatologia do apoderamento, já que as complicações da borda seriam derivadas do terceiro tempo pulsional, o qual constitui a base do se fazer pegar.

A proposta do autor poderia suplementar-se no catálogo das estratégias para a conduta no tratamento do autismo, integrando a psicopatologia do apoderamento. A construção da borda seria uma opção no lugar da inexistência de se fazer pegar para o Outro. Nesse propósito, a borda seria uma capa artificial para a passagem do segundo para o terceiro tempo do apoderamento.

Num primeiro momento, compreendemos que a inexistência desse terceiro tempo da pulsão, em que a função do apoderamento inscreveria o ponto de retorno em sua condição apassivada, não operou, instalando um modo de funcionamento duplo, e não triplo, que acomete a vida do autista num circuito reduzido, apenas em dois polos. A mesma condição é retratada por Laurent (2014, p. 26), ao compreender que “no autismo, o retorno do gozo não ocorre nem no lugar do Outro, como na paranoia, nem no corpo, como na esquizofrenia, mas antes numa borda”. Esse "antes" reitera o caráter originário da pulsão de apoderamento, que, por alguma razão, não efetiva sua extensão ao terceiro tempo.

Laurent (2014, p. 78) não deixa de notar que o terceiro tempo pulsional se situa numa das dimensões etiológicas do autismo, que imprime o problema de retorno: “ela fica abolida no autismo, pela inexistência de um trajeto de circuito pulsional que passaria pelo lugar do Outro”. As observações do autor caminham nessa linha fina, porém precisa, dos termos do gozo; entretanto, minha proposta insiste num percurso paralelo, no sentido de aprofundar o exame do mecanismo adoecido. Por tais motivos, proponho a psicopatologia, cujo núcleo é patogenia, e não a etiologia, o que não impede algumas indicações etiológicas, como apresentado anteriormente na discussão do juízo de atribuição.

Levando em consideração a importância do trabalho tanto de Laznik quanto de Laurent, no que diz respeito à pulsão no autismo, Jofre (2022) expõe sua análise entre as concepções de ambos os teóricos; o autor ressalta que não se trata propriamente de diferenças ou oposições, mas, sim, de modos de abordar pontos diferentes sobre a mesma clínica. Segundo Jofre (2022), a primeira aborda o autismo para evidenciar a particularidade do tempo pulsional, enquanto o segundo desenvolve potentes articulações para tratar a questão da posição do autista em relação às modalidades de gozo.

Nessa esteira, acrescento a vertente sobre o autismo dada por Vivès e Orrado (2021, 2023), propondo articulações a partir da voz, da qual extraí certa amostragem da pulsão de apoderamento, principalmente no caso clínico, e para sustentar a hipótese da estereotipia como aparelhagem do apoderamento.

Para tal empreendimento, é conveniente esclarecer o que interpreto como a patogenia do apoderamento, isto é, o campo de estudo especificamente sobre os mecanismos e seus processos no adoecimento. A parte da patogenia compõe o esboço de um modelo para a psicopatologia do apoderamento e amplia o escopo sobre os fenômenos

do apoderamento, que não são exclusivos do autismo. Entretanto, nesta tese, atendo-me apenas ao autismo para o trabalho demonstrativo.

Em última instância, em decorrência da psicopatologia do apoderamento, no caso do autismo, poderíamos catalogá-lo aproximadamente como a dependência da mesmidade, ou dependência da imutabilidade. Em razão da posição articulada ao longo da pesquisa, é salutar marcar alguns princípios, dentre eles o papel do Outro. O Outro é tratado aqui na forma com que Lacan o concebeu (1959-60/2008). Situamos, assim, o Outro como indiscutivelmente fundamental e imprescindível para o advento do sujeito, mas não determinante.

O que colocamos em causa não é a razão da deficiência pulsional, mas, essencialmente, o desdobramento e afastamento das funções ligadas às pulsões e ao apoderamento. O interesse maior visa contribuir para a prática psicanalítica, que não é outra coisa senão sustentada pelas imprevisíveis modulações pulsionais implicadas nos conceitos técnicos, como transferência, repetição, atuação e outros.

A questão da demonstração passa a outro nível, aquele das marcações clínicas, e será nos traços enunciados no corpo do autista que marco o movimento da pulsão de apoderamento, enfaticamente em sua condição patogênica. Nesse intento, passo a considerar o corpo do autista como o campo da manifestação mais direta dos embaraços do apoderar, na forma do fazer pegar, do fazer pegado e do se fazer pegar, que se presentificam indiscutivelmente na particularidade de sua posição diante do Outro.

Embora os três tempos do apoderamento ofertem uma lógica comum ao funcionamento psíquico no autismo, insisto em sublinhar que não se pode dizer que todo autista faz “tal coisa”, ou tem um padrão de comportamento, como preveem algumas teorias psicológicas, principalmente as de bases comportamentais. Para a compreensão

teórica que emprega o princípio da metapsicologia freudiana as coisas não se passam da mesma maneira.

Apresento, assim, uma abordagem das manifestações autísticas, conhecidas como crises, que, do ponto de vista teórico, seriam um “curto-circuito” pulsional, que se expressa como um choque no contato com a realidade. Essa condição é capaz de revelar o desencapamento do corpo pulsional, que, quando se sente ameaçado em sua condição vital, tenta reaver seu estado; é uma maneira de reaver o apoderamento de si e do mundo.

Do ponto de vista clínico/terapêutico, tal condição estaria vinculada às estereotípias, às agressões, às repetições sonoras e produções subjetivas que visam restabelecer sua própria ordem interna. A psicopatologia do apoderamento reúne as definições teóricas da patogenia como índice não apenas descritivo, mas psicodinâmico, bem como a marcação do aparecimento clínico.

O esboço desse modelo entrevê estratégias, a fim de repensar intervenções na prática psicanalítica, visando a condições de amortecer o contato do autista em sua relação com o Outro. A proposta introduz alguma possibilidade de ampliar o manejo com os trâmites pulsionais, a fim de tornar o contato com o mundo mais confortável.

O método da patoanálise com o autismo oferece a visibilidade do apoderamento, no lugar onde alguns teóricos, principalmente os francófonos, ofertam importantes desenvolvimentos teóricos, mas poucos dados clínicos. Em continuidade ao trabalho, passaremos à segunda parte da tese, que se ocupa diretamente do caso clínico, da função do psicanalista, lá onde sua presença extrapola o classicismo transferencial e o invoca diretamente ao contato com o limiar entre invocar e ser invocado.

Capítulo 5 - Os Casos Clínicos

5.1. Caso Leo

O caso Leo é uma apresentação clínica exposta no livro “*Autismo e Medição: Bricolar uma solução para cada um*”, publicado em 2021 pela Editora Aller, de autoria dos psicanalistas franceses Vivès e Orrado (2021). Utilizaremos a história de Leo para ilustrar a ação da pulsão de apoderamento. Segundo a mãe, Leo é um garoto de quatro anos diagnosticado como autista, e cuja dinâmica das relações se dá no seguinte:

Leo quase não produz falas espontâneas e discerníveis. A sua falta de articulação faz com que apenas os pais o compreendam. Na maioria das vezes, as suas estereotípias vêm acompanhadas de uma produção sonora: uma melodia obtida a partir de modulações da voz. Em contrapartida, na escola ele consegue reproduzir perfeitamente as recitações e musiquinhas aprendidas, fazendo com que cada palavra seja então compreensível. Essa observação feita pela professora é extremamente interessante, pois nos permite afastar de imediato toda e qualquer hipótese de um transtorno disfuncional, conduzindo-nos então a uma análise mais fina (Vivès & Orrado, 2021, p. 42)

Sobre os movimentos iniciais da criança no interior do tratamento, os psicanalistas relatam que;

Leo não está presente na conversação; não brinca com as outras crianças; recusa-se a segurar a caneta. O garotinho parece preferir o isolamento ao contato social. Passa muito tempo brincando sozinho com os seus carrinhos. Ele os enfileira, depois seleciona um – sempre o mesmo – e fica fazendo vai-e-vem com ele. Quando os pais ou a professora pedem que ele pare – ou mesmo o obrigam a parar –, ele bate a cabeça contra as paredes até conseguir se machucar. (Vivès & Orrado, 2021, p. 45).

Os autores abordam a relação de Leo com o carrinho, indicando nele o objeto autístico, cuja função serviria para bloquear a efração que, para esses sujeitos são entendidas como uma invasão ameaçadora. A face do apoderamento se mostra, inicialmente, no fato da posse do carro, como uma condição para responder ao mundo, onde uma ação mediadora é produzida. Nesta ação revela-se o primeiro tempo da pulsão

de apoderamento, o fazer pegar, cujo aparecimento se dá na posse do carrinho, mas não só nisso, o apoderamento implica na posse que permiti utilizá-lo para fazer a mediação com a situação apresentada. (Vivès & Orrado, 2021).

Neste sentido, a ação se dá quando “nele se engancha fazendo desse objeto um objeto real que permanece engatado ao corpo”. Destaco este objeto, o carrinho de Leo, para sublinhar o enganchar, que segundo os autores, revela uma operação de “proteção que ela almeja edificar para colocar-se a salvo de um mundo percebido como caótico” (Vivès & Orrado, 2021, p. 52).

A ação do engatar tem, primordialmente, a função de criar uma proteção forte e segura diante do mundo. O engatar conjuga um duplo em jogo, nele se apresenta o trabalho do trânsito do primeiro e segundo tempo do apoderamento. O fazer pegar se presentifica quando ele toma o objeto para engatar a si, ao passo que o segundo, o fazer pegado, se efetiva quando diante das ameaças recorre a seu objeto/corpo, agora o utiliza engatado numa extensão corpórea, é uma criação instrumental para preservar sua continuidade no mundo.

Ao longo da análise, vou acrescentar alguns lembretes que, na verdade, são pontos de sustentação para a leitura do caso, como, por exemplo, a referência frequente de Laurent (2014, p. 186) sobre a tarefa implícita no tratamento do autismo, onde a intervenção analítica busca provocar na criança autista algum “enganchar”, “é sempre preciso certo tempo, – variável conforme os casos – depois de algo ter podido se enganchar”.

Como fiz questão de expor no capítulo três, o trabalho da pulsão de apoderamento difere da simples apropriação. A particularidade do apoderamento mostra sua inclinação à criação, produzindo estratégias na constituição do suporte psíquico para mediar a relação com o outro.

A dimensão do apoderamento pulsional vai ganhando expressividade no modo como Leo se relaciona com seu objeto, e a partir dele, sua relação com o mundo. Na análise dos autores, a criança “não se contenta com segurar esse carrinho na mão; ele também o coloca num movimento de vai-e-vem – uma estereotipia” (Vivès & Orrado, 2021, p. 53).

O movimento da criança sobre o vai-e-vem testemunha à proposição dada por Lacan (1964), quando indica que é justamente sobre ele que a pulsão participara na fundação do sujeito psíquico, e conseqüentemente do Outro. Entretanto, na maneira como Leo aciona o circuito pulsional, é notório que seu vai-e-vem apresenta uma ordem diferente dos três tempos da pulsão, será manifesto numa estereotipia que revela a ação apenas dos dois tempos em ação.

Na perspectiva dada por Vivès e Orrado (2021), sobre as manifestações autísticas de Leo, existe uma dupla função onde, de um lado, a estereotipia como sintoma fecha o menino; do outro, o protege da ameaça do desconhecido. Esta duplicidade é abordada centralmente por meio do dispositivo da voz. Embora não seja a intenção desta tese esmiuçar a complexidade da voz, a utilizo na demonstração do apoderar-se, cuja manifestação se dá, essencialmente, do encurtamento da função pulsional, expressão *sui generis* da psicopatologia do apoderamento.

O duplo referido pelos autores revela a amplitude da minha proposta sobre os tempos do circuito pulsional, sendo, neste caso, uma referência apenas o primeiro e o segundo, do fazer pegar e fazer pegado, respectivamente. O dispositivo de dupla face revela o *modus operandi* psicopatológico, tanto na forma quanti quanto qualitativa da pulsão, já que exibiu a desregulação das descargas/excessos, e o encurtamento operacional, respectivamente. A expressão de Leo no *setting* nos dá acesso a patogenia do

apoderamento, é, essencialmente pela impossibilidade do se fazer pegar, que seu circuito permanece duplo, e não triplo.

Além deste movimento enrijecido de fazer pegar e fazer pegado, efeito da ausência do terceiro tempo, o se fazer pegar parece introduzir, além do excesso sobre os dois primeiros tempos, a condição qualitativa da questão. Trata-se efetivamente da atribuição dada à experiência numa sentença de ruim/insuportável, cuja aparição ameaça a própria existência da criança, e por consequência, deve ser destruída/aniquilada.

A partir do exame do caso de Leo, demonstro como se passa do primeiro tempo ao segundo, usando o mesmo objeto, a voz e o corpo, de modo que sua meta visa, sobretudo, construir para si a continuidade de seu estado. A saída de Leo por vezes configura-se radicalmente alheio ao outro, resultando nos comportamentos estereotipados, isto é, desconsidera a posição do Outro/mundo em sua posição.

A patogenia do apoderamento na vida de Leo, além de aprisioná-lo numa operação encurtada em sua relação com o mundo, lhe atribui uma posição estranha/deslocada diante da realidade, justamente por não poder empregar o se fazer pegar para o outro. A consideração é efeito patogênico da pulsão de apoderamento, e, constitui o elemento que guardada o horror da desconexão com o mundo

Mediante a tal formulação, minha hipótese do apoderamento no caso, vai ganhando mais precisão, principalmente no que diz respeito ao trabalho do se fazer nos dois primeiros tempos no caso do autismo, condições amplamente reveladas por Leo, é, sumariamente, a mais nítida expressão da patogenia do apoderamento. Os dados clínicos revelam que a ausência do terceiro tempo desregula a ação dos outros tempos, incluindo ações sobre o próprio corpo da criança, que passa a ser seu objeto maciço de suas operações, e que pode implicar-lhe duras consequências.

Todavia, relembremos a ideia de Laurent (2014) sobre a neoborda, nela está presente a referência a não efetivação do terceiro tempo pulsional, que ele não nomeia qual, mas situa o corpo da criança como desencapado de um limite para conter os excessos do gozo e da pulsão. A diferença entre a minha proposta e a de Laurent (2014), além de ter objetivos diferentes, trata-se de um trabalho de precisão, essencialmente nos termos de nomeação, reconhecimento e instrumentação da ação pulsional.

Na lógica defendida nesta tese, a estereotipia constitui a revelação do aparelho de apoderamento presente no autismo. Nesta compreensão indico que, o fenômeno estereotipado é por excelência, tal como Freud (1905/2016) o descreveu ao referir-se ao *Bemächtigungsapparat*, aparelho muscular empenhado na organização da vida psíquica, antes mesmo da sexualidade. Para acompanhar as razões dessa posição, convém esclarecer o que se entende como estereotipia, por isso emprego a noção dada por Vivès & Orrado (2021).

Uma forma de criar um objeto que anule o mundo externo. A pessoa autista opera aqui um duplo movimento: separar-se do mundo externo, vivido como incompreensível e fonte de angústia, e abrir-se para um mundo interno infinito. Assim, esse duplo movimento visa criar uma borda simultaneamente separadora e protetora. (Vivès & Orrado, 2021, p. 78).

Assentada a compreensão, progredimos no trabalho de cernir o apoderamento no caso, naquilo que é notado pelos autores: “Para Leo, há um forçamento do seu espaço que gera uma crise na qual ele pode procurar fazer mal ao seu corpo, a fim de recuperar a sua continência”. (Vivès & Orrado, 2021, p. 58). A crise de Leo apresenta o corpo pulsional num formato de desencapamento, ele toma o próprio corpo batendo a cabeça contra a parede, que é relatado pela mãe quando na escola é forçado a participar das atividades. Por esta e outras razões já explicadas, a estereotipia é relida como uma manifestação psíquica que tenta recuperar seu estado, isto é, uma estratégia para reaver o controle de seu mundo interno.

A ação é o pilar do exame, pois nos informa das tramas da pulsão, no caso de usar o próprio corpo para bater contra a parede, introduz a sua maneira de afirmar-se no fazer-pegado, o pegar a si mesmo expõe sua resistência ao campo do Outro, a qual é sentida como uma grande ameaça. O comportamento de Leo nesta estereotíпия expõe a reivindicação sobre o próprio mundo, dando nitidez ao mecanismo que não funciona, o se-fazer pegar, e por não poder contar com ele, excede nos outros dois tempos. Leo faz uso, em última instância, do próprio corpo para organizar o mundo ao nível de suas contingências, isto é, a posição que pode encontrar entre ele e o mundo.

Na descrição de Vivès e Orrado (2021), sobre as relações de Leo, destacam-se os efeitos no campo da linguagem, “ele quase não fala”, e quando emite sons, “as suas estereotíпияs vêm acompanhadas de uma produção sonora: uma melodia obtida a partir de modulações da voz”. No tocante ao tema da voz, os autores ressaltam que, no autismo é frequente a condição que as crianças encontram para repetir o som integralmente, “autistas são frequentemente capazes de reproduzir – em sua integralidade e com a exata entonação de origem”, e o destaque dado por eles, é que a voz constitui a forma de “pronunciando-as, tenha de nelas se engajar” (Vivès & Orrado, 2021, p. 60).

A posição dos autores fornece metodologicamente uma abordagem da voz como objeto fundamental nesta relação, o que permitiu análises mais claras e precisas do nível pulsional. Neste sentido, o objeto/som é o que, *a priori*, possibilita a condição de engajar, entendido aqui no sentido de uma ligação possível, um objeto pelo qual a relação pode ser conectada.

Além disso, acrescento a primordialidade da voz como objeto, pelo fato de que, desde as origens do psiquismo, a voz impõe um trabalho psíquico, em detrimento dos aspectos filogenéticos, já que o bebê não pode tapar os ouvidos, até pode fechar os olhos ou recusar outros estímulos, mas ao som não. Um claro exemplo disso é quando, na

escola, “Leo reproduz as palavras ouvidas como num eco, mas com um tom mais agudo; o seu olhar é fugidio ou ausente em si mesmo”, quando se pergunta se ele quer desenhar, ele responde: “Você quer desenhar?” (Vivès & Orrado, 2021, p. 61).

De um lado, situo a repetição como um índice da apropriação, mas não ainda do apoderamento. Por outro lado, o que nos informará do uso da repetição no rol do apoderamento, é utilizá-lo a seu favor para alcançar seus interesses. Na fina articulação entre o apego, apropriar e o apoderar, se instala o trabalho analítico, uma provocação que pode dar passagem de um polo ao outro.

O contexto do trabalho analítico com a voz expõe o desafio do tratamento de Leo, que de modo geral, visa a construção de uma posição, ou “encontrar um uso específico da voz que permitirá ficar a salvo de toda e qualquer dimensão de endereçamento para que uma fala seja possível” (Vivès & Orrado, 2021, p. 61).

Seguimos observando o apoderamento nos bastidores do tratamento de Leo. Ao entrar na sala do consultório “ele localiza um trem em uma prateleira, pega-o para si e se estira no solo. Cola a cabeça no chão, colocando a orelha no assoalho. Impulsiona o trem num movimento de ida e volta” (p. 62). Tal condição exige por parte do psicanalista a oferta inventiva de trabalho, na aposta de que algo desperte o interesse de Leo.

A posição pode ser entendida numa atuação inspirada a partir do que Lacan destacou (1968/1969-2008, p. 250) em suas considerações sobre a voz, assinalando que: “Há alguma coisa na voz que se especifica mais topologicamente, uma vez que em parte alguma o sujeito fica mais interessado no Outro do que através desse objeto”. Retomemos as sessões de Leo:

No entanto, de longe, as entonações que ele produz poderiam dar a impressão de que ele está se expressando, de que ele está falando. De tempos em tempos, aliás, uma ou outra palavra se deixam deduzir: “trem”, “mamãe”. Nenhuma de nossas intervenções o demove da sua ocupação. Acompanhamos a sua melopeia com a nossa voz; tentamos interpelá-

lo; brincamos com um carrinho ao seu lado para tentar fazer com que ele se interesse por aquilo que estamos fazendo. Nada adianta! Leo mantém a cabeça colada no chão. Várias sessões se desenrolam assim. (Vivès & Orrado, 2021, p. 62).

As ofertas dos psicanalistas constituem um profícuo campo à compreensão, pois não colocam em xeque a trama das ligações com o objeto. A invenção aqui é tecida na introdução de som, objetos para provocar o interesse da criança, apostas diretas sobre aquilo que pode ser escolhido por ela.

Numa das sessões, o analista pega um veículo e coloca um boneco dentro e deita-o no chão na frente dele, se colocando na mesma posição, fato que merece nossa atenção. Assim como no caso de Leo, e mais adiante, no caso de Naoki, a estratégia de provocação que adota a semelhança exposta pela criança autista parece ser um ponto estrategicamente funcional e fértil, o que permite uma ressonância efetiva do cunho pulsional.

De tal ato, a posição do corpo do analista, posta como algo com que a criança possa pegar, contém uma potente premissa da técnica em questão. O manejo corporal parece chamar a atenção de Leo: “Após ter feito alguns vais-e-vens com o nosso veículo, nós o fazemos passar em paralelo com o trem dele, comentando com um ar cantante: “Estou indo passear”. O resultado é o seguinte:

Leo acompanha esse movimento. Ele se levanta do chão para ficar de joelhos e o seu trem começa a seguir o carro. As sessões seguintes se desenrolam no mesmo molde. Adotamos uma posição quase simétrica à dele, daí nos impulsionamos num movimento, o qual Leo acompanha. Tudo parece se desdobrar aqui no pequeno distanciamento introduzido pelo analista. Ele tem de ser suficientemente grande para que Leo não se sinta invadido e suficientemente pequeno para que ele possa pegar o gancho. (Vivès & Orrado, 2021, p. 63).

A sutileza da oferta dos psicanalistas tem grande impacto, pois revela a simetria pela qual a criança pode “pegar o gancho”. Notamos aí o reviramento do núcleo do

apoderamento, que, embora não tenha sido o objetivo da intervenção, propriamente dita, é exatamente o que passa a guiar o jogo do tratamento.

O desenrolar analítico depende do quanto Leo se interessa pelas provocações, e de seus endereçamentos para tomar ou manipular, tudo se passa sob o “se ele quiser”, ilustrando a descrição precisa de Freud, sobre a função da pulsão de apoderamento, em suas palavras: “A pulsão de amor dirigida aos objetos requer um complemento da pulsão de apoderamento, se alguma vez ela quiser se apropriar de seu objeto” (Freud, 1933/2020, p. 435).

O tratamento de Leo parece ter uma virada significativa quando toma o corpo do psicanalista, se apossa como objeto, o que fortalece suas operações, permitindo um ensaio subjetivo. O testemunho deste processo surge em outros níveis da relação analítica, como, por exemplo, na modificação com a linguagem, ele passa do eco a outras expressões, “quando a mãe perguntar: ‘Você tampou a canetinha?’, ele vai responder ‘Óbvio!’, sendo que não o fez” (Vivès & Orrado, 2021, p. 67).

Neste ponto sublinho a ação do apoderamento, quando a criança pode tomar o objeto e usar a seu favor, isto é, poder usar o corpo do analista, permitiu usar sua voz para outro, o que reaparecerá à medida que seu tratamento avança. A possibilidade de tomar o corpo do analista parece revelar que um juízo foi formado, uma sentença dada, interpretada por Leo com contingência sem risco, e por consequência, traz à existência outros elementos para relação, talvez de uma posição subjetiva não invasiva entre eles. A síntese deste exame aponta para uma criação análoga ao terceiro tempo do apoderamento, de um jeito que a criança pode se fazer pegar pelo outro.

Como veremos adiante, o juízo de atribuição parece integrar uma mudança radical em todo o cenário, abrindo caminho para uma outra posição, o se fazer pegar, que possibilitará, ao menos provisoriamente, algum trânsito ao deixar-se na relação. A seguir,

apresento na prática o que sustenta a articulação do terceiro tempo do apoderamento como consequência do juízo de atribuição.

A demonstração continua a ser feita no nível da ação, que na elaboração de Vivès e Orrado (2021), encontra-se no “colocar-se em marcha”. A evidência se dá quando Leo opera seu trem junto ao corpo do analista, “ele faz o trem passar e, acompanhando-o, passa também ele debaixo das nossas pernas – testemunhando, assim, que esse objeto, que adquire um valor autístico, não pode ser separado do seu corpo. O trem pode ir tanto na frente quanto atrás, mas não para nunca”. (p. 68)

O fato de não poder separar-se do objeto sinaliza o impasse de Leo, não apenas nas complicações que toda separação implica, mas, o não poder parar, contém a partícula pela qual sustento a ação do apoderamento, onde reside o ímpeto na continuidade da ação. O limite de Leo na relação analítica se esclarece, principalmente pela interpretação que a criança tem da presença analítica, cujo laço progride no exercício do fazer pegar e fazer pegado, mas, sem, contudo, deixar de assinalar o assombro patogênico do terceiro do apoderamento.

No tocante à patogenia, os mecanismos de fazer pegar e fazer pegado ressoam às aproximações que apontam para um ponto inexistente nas formações psíquicas no caso do autista. Pouco a pouco vamos notando Leo alargar seus poderes sobre objeto, que é a abertura para sua própria posição com o outro. A porta para a dialetização e a mediação parece entreaberta, a oferta analítica possibilita a ampliação do domínio de Leo em suas operações, mas não sem riscos e muito menos sem custos, retratados pelos autores, contam que:

Progressivamente ele vai integrando esses prédios num circuito. Num primeiro momento, o trem passa na frente sem parar. Então acrescentamos bonequinhos aos quais emprestamos a nossa voz com uma tessitura aguda: “A gente quer subir no trem!” – eles

dizem. Leo para a locomotiva no nível deles. As paradas começam a ritmar o circuito do trem. (Vivès & Orrado, 2021, p. 69).

Chamamos atenção para um detalhe interessante, trata-se da posição teórica de Vivès e Orrado (2022, 2023) tanto no “*Autismo e mediação: bricolar uma solução para cada uma*”, como num intrigante artigo chamado “*Riscado à assinatura. Um exemplo de solução sintomática numa pessoa autista*”, os autores abordam precisamente o trabalho do se fazer, na modalidade da pulsão invocante, na fórmula do se fazer ouvir. O postulado parece tratar, precisamente, da atividade da pulsão de apoderamento na voz como objeto, é sobretudo, uma maneira precisa de discernir os três tempos do apoderamento, como explicado no capítulo 03.

Neste percurso, a ação do apoderamento em seu terceiro tempo mostra-se na apassivação, que no caso do autismo é inexistente, mas não apenas neste aspecto, o caso demonstra a relação desta condição articulada aos outros dois tempos. No caso de Leo, especificamente na cena retratada acima, a apassivação, parece ser ensaiada ao fazer uso de si para prescindir numa certa elasticidade no mundo, ou seja, uma tentativa de se fazer pegar para os psicanalistas. O movimento de Leo passa do se fazer ensimesmado (fazer pegado), ao se fazer tocar pelo outro, isto é, cria o trânsito em sua relação diante do outro, uma construção que de algum modo efetiva, artificialmente, o se fazer pegar.

Podemos especular que, se Lacan (1967/2005) afirma que é preciso fazer bom uso do nome do pai para prescindir-lo, no autismo é possível supor que do lado do psicanalista, o desafio é ofertar-se no par-pai, numa função que não impõe o limite, que não força, não lhe dê ordem, mas, sim, que provoque o interesse, um par-pai que disponibilize o próprio corpo, numa aposta que a criança se apossa para se colocar, de algum modo num par para o outro.

5.1.1- A estereotipia de Leo: dispositivo de apoderamento

Sobre o ponto da mediação que parecia progredir na elaboração de Leo em sua relação com o mundo, principalmente no consentimento da introdução de objetos, algo se desorganiza, a desconexão surge, e uma barreira se impõe:

É aí que um elemento do comportamento de Leo chama a nossa atenção: a cada vez que o seu veículo para numa etapa, ele faz com que o(s) bonequinho(s) saia(m), estira-se no chão e cola a cabeça. As estereotipias voltam. Vemos aqui que Leo parece acoplado ao objeto. Precisamos, então, reiniciar um movimento para que ele possa recolocar o trem em marcha”. (Vivès & Orrado, 2021, p. 71).

A estereotipia comparece para informar que o movimento foi sentido num desacordo de si, isto é, efeito de descontinuidade, noticiado pelas manifestações corpóreas. No âmbito do corpo, entendido como o corpo pulsional e, portanto, regido por seus tempos, mais uma vez o juízo de atribuição aparece decisivamente no desencadeamento da estereotipia. Mediante o quadro, uma reformulação é proposta pelos psicanalistas, que não podem ser outra coisa senão um recuo, onde as ações indicam o lugar mais conhecido para Leo.

A questão se prolonga e voltamos às expressões e vontades de Leo. Numa das sessões, a criança pega um novo objeto, uma portinha de brinquedo: “Cola-a contra um pé da escrivanhinha e faz com que ela suba e desça num movimento incessante” (Vivès & Orrado, 2021, p. 70). Leo utiliza este objeto com a introdução da dimensão sonora para nos revelar sua maneira de seu fazer no mundo.

Nesta cena, particularmente, é evidente a presença do primeiro tempo do apoderamento, o fazer pegar. Entretanto, notamos que esta ação não vem sozinha, o movimento do carrinho, assim como outros feitos por Leo, adiciona a sonoridade e a voz. Minha hipótese para esta condição é o que já expliquei nos tempos do apoderamento, e aqui seria o seguinte: a voz é o objeto material do fazer pegado, já que ele pode usar a própria voz para manter seu estado, e por isso, é um forte instrumento para transição ao

segundo tempo. Contudo, nesta articulação, o uso da voz, tão debatido pelos teóricos do autismo, encontra-se a especificidade na constituição do autista.

Desta maneira, o som produzido por Leo ao movimentar seu objeto é o que vai gerar algum efeito de aderência, sendo também o que firma sua ação, de modo que ela seja forte e preserve seu percurso pulsional. A sonorização emitida pelo corpo de Leo é a dimensão dita passiva, que não é o mesmo que a apassivação, e explico o porquê.

A noção passiva freudianamente falando, assume aqui em um sentido restrito, e se apresenta na criança quando recorre ao próprio corpo para resolver seu impasse com o mundo, poderíamos dizer que remonta uma variação do autoerotismo. Em suma, a forma passiva apresenta-se sob o signo do fazer pegado, tendo na pulsão invocante, equivalência ao fazer ouvido.

Seguindo este pensamento, proponho acompanhar as revelações dadas por Leo, em outro momento durante a sessão; “se apropria de uma cancela na qual figura uma placa de ‘Pare’. Ele se endereça a nós: ‘Que quié? Ó.’ Nós respondemos: “É uma placa para dizer que não pode passar”. (Vivès & Orrado, 2021, p. 71) Nota-se que a tomada do objeto agora parece conter uma diferença das outras cenas, a criança toma o objeto e o endereça ao outro. Nisto reside um traço fundamental da posição defendida nesta tese, principalmente na diferença de apropriação, pois o apoderamento e posse não são as mesmas coisas. O apoderamento em sua diferença radical implica que a criança tome o objeto para usar a seu favor. Em continuação a cena descrita;

Leo a (placa) levanta e passamos com o carrinho. Mas na volta seguinte, Leo não baixa a cancela, o que nos leva a fazer com que o carrinho fique incansavelmente dando voltas ao redor dele, sem que nenhuma parada seja possível. E ali estávamos nós, presos numa estereotipia” (Vivès & Orrado, 2021, p. 72).

A partir do exposto apresenta-se a estereotipia para esclarecer a razão que me leva a situá-la como aparelho de apoderamento. De início, este fenômeno constitui-se como

informante da falência das operações psíquicas, que versam sobre os limites de seu poder operatório no mundo. No caso de Leo, é um anúncio por parte da criança aos psicanalistas para que eles possam atentar-se, aos perigos que rondam a atividade psíquica, é sobretudo um sinal de: cuidado, perigoso.

Os autores insistem na provocação: “Decidimos então parar o veículo na frente de Leo e indagar: ‘Bi-bi! Pode passar?’”. Ele responde ‘Pode!’, com uma voz bem aguda, ao mesmo tempo que o seu corpo estremece” (Vivès & Orrado, 2021, p. 72). Temos mais uma vez a ação muscular junto ao som, o que parece esclarecer o quanto os dois tempos do apoderamento precisam trabalhar numa elisão para suportar os dispositivos vindos do outro:

Ele próprio modifica a brincadeira: no local de costume em que vínhamos parando o veículo para pedir autorização para passar, Leo posiciona o braço fazendo uma cancela que para o circuito do carro, e então diz “Aberto”, erguendo o braço – que ele torna a baixar assim que o carro passa. “Aberto” e “Fechado” escondem a circulação do veículo. Dessa vez, essa marcação significativa não vem do analista, mas é produzida por Leo; e o seu corpo já não se esparrama ou espatifa no chão. (Vivès & Orrado, 2021, p. 73).

Destaco um detalhe importante, a criança em sua resposta, modifica a brincadeira, e os psicanalistas seguem a reconfiguração, nos termos dado por ela. Vejamos aqui que tal feito tem para Leo uma mudança em sua atribuição sobre a experiência. A apassivação feita no *setting* analítico permite que a criança possa se aproximar da experimentação relacional com o outro, sem que isso seja interpretado como ameaça ou invasão.

Diante de tal fato, o aparelho de apoderamento em sua forma de estereotípia parece cessar, é reeditada, a criança lança o braço como um limite, serve-se de seu corpo para o outro. Nisto materializa-se *ipsis litteris* o se fazer pegar, que neste caso, de fato, é fazer o outro pegar o braço.

A cena mostra que houve um efeito, precisamente, no ponto da patogenia do apoderamento, produzindo outros mecanismos, como a substituição dos objetos, ou até, um tomar a si com certa plasticidade. A consequência última disso é a criação do experimento que parece implicar um se fazer pegar pelo outro. No desenrolar das sessões, notamos que Leo passa a pegar e manusear mais objetos; observemos:

Leo pega o trem, que ele coloca nos trilhos com os quais construiu previamente o circuito. A ferrovia inclui uma passagem de nível ao redor da qual estão presentes alguns carros. Quando ele avança com o trem, para nesse nível, pega um carro que está num canto, faz com que ele atravesse a passagem de nível, depois torna a pegar o trem e faz com que ele continue o seu caminho. (Vivès & Orrado, 2021, p. 73).

Ao longo das articulações, Vivès e Orrado (2021), vão esmiuçar os desdobramentos da voz na clínica do autismo, numa direção introdutória ao ponto que apresentei, a construção de um objeto para mediar a relação com o mundo. A voz assume a centralidade da questão ao ser empregada como objeto, pelo qual a criança pode construir uma posição diante do outro, ponto transversal do livro, apontando a função do timbre, dimensão maquínica, a sonoridade, a ecolalia.

No postulado dos mesmos autores, e de modo pontual, centraliza-se o trabalho da criação sobre a construção de se fazer, e que aparecem nas intervenções clínicas. Na mesma direção desta proposta, sublinho um potente fundamento que ilustra a equivalência do terceiro tempo do apoderamento, no caso do autismo, Vivès e Orrado (2021, p. 89), insiste que no trabalho desta clínica trata-se de “criar uma capa sonora para fazer com que uma voz exista”, a consequência derradeira desta posição, seria “fazer-se uma assinatura musical”.

Em continuidade às ilustrações, passarei do nível do corpo e da voz ao exame do caso Naoki, uma criança de 12 anos. Assim, passamos do caso Leo, onde mostramos o se fazer pegar por meio dos objetos e do corpo, até o se fazer pegar pelo olhar no estudo

baseado no relato de Naoki. A partir das marcações, delineamos os polimentos finais, para observar a pulsão de apoderamento na condição psicopatológica

5.2 - Caso Naoki

O caso trata-se do garoto Naoki Higashida, nascido no Japão em 1992, que, com aproximadamente 06 anos, foi diagnosticado com tendências autistas em 1998, depois disso, passou a frequentar a escola para estudantes especiais, e se formou em 2011. O caso de Naoki é uma referência frequente entre os pesquisadores do autismo para ilustrações teóricas da psicanálise, e isso se dá porque o garoto expõe com generosidade seu mundo psíquico.

Segundo o relato dos pais, Naoki foi uma criança de imensa criatividade, o que acabou se materializando em diversos textos de ficção, e lhe rendeu prêmios literários. Hoje, já adulto, continua a dar palestras e falar de sua experiência autista.

A análise do caso de Naoki, tem como fonte de dados seu livro autobiográfico, cujo título original em japonês é *Jiheisho no boku ga tobihaneru riyu* lançado em 2007, sendo traduzido para o português em 2014, com o nome “*O que me faz pular*”, pela editora Intrínseca. A abordagem do caso de Naoki será dividida em dois blocos: no primeiro, a incidência da voz e a linguagem, mostrando na vivência da criança os comportamentos patológicos decorrentes da pulsão de apoderamento. No segundo, aponto a relação com o corpo, instrumentos noticiadores das estratégias do apoderamento, bem como, as invenções da criança para regular seu circuito pulsional.

Em consideração à importância da voz, mantenho na vertente de Naoki para fundamentar o exame, sustentada numa ação, utilizo a fórmula dele, na máxima de “olhar a voz”. O trabalho psíquico do olhar sobre a voz, acomoda com clareza os tempos do fazer pegar, já que o olhar é entendido fundamentalmente, como uma via de fazer pegar a voz.

Inicialmente, em termos metodológicos, justifico que a base da articulação olhar a voz, é uma versão clínica e não teórica, brilhante (super) visão dada por Naoki, extraída de sua fala, “nós olhamos a voz” (Higashida, 2014, p. 89).

A análise do olhar a voz será particularmente elevada na demonstração dos tempos da pulsão do apoderamento como uma maneira de refiná-lo. No tocante a isso, a hipótese é a seguinte: olhar a voz é uma ação, portanto, expressão pulsional de algum juízo sobre ela, por meio do olhar, opera-se a instrumentação para fazer pegar aquilo que é da indistinção, com o intuito de usara seu favor, isto é, o olhar é o instrumento que objetaliza a voz numa espécie de dispositivo para apoderar-se.

Não é a intenção aqui desenvolver os aspectos teóricos do olhar, pois não é necessário fazê-lo para construir a exposição da manifestação da pulsão de apoderamento. Apesar disso, esclareço que o ato de olhar terá aqui a equivalência do trabalho de pegar. Será neste percurso, mostrado nas palavras de Naoki, que passo a tecer os mais refinados pilares desta tese.

Para expor o exame da pulsão de apoderamento no caso de Naoki, se faz necessário, antes de adentrar às minúcias de seu aparecimento, dar clareza à base que orienta as articulações, e que se encontram em parte no ensino de Lacan. Neste sentido, apresento inicialmente os argumentos sobre o objeto voz, como a primícia do apoderamento.

5.2.1 O objeto voz: o fazer pegar ao se fazer pegar

Além de introduzir o apoderamento na voz, considero que, por meio deste objeto, é possível elencá-lo, no caso do autismo, o *primum movens* do apoderamento. A base para esta condição encontra-se no que Lacan (1968/1969-2008) sublinhou a respeito da voz, mais precisamente na intersecção entre o sadismo/masoquismo, entre ativo e passivo.

Retomo o apontamento de Lacan (1968/1969-2008, p. 250) sobre a voz e a pulsão, quando destaca que alguma coisa na voz produz o interesse do sujeito, pois é justamente nessa alguma coisa que se concentra a indicação da potência para se fazer pegar da pulsão de apoderamento.

Na intenção de alicerçar a relação entre a voz e a pulsão de apoderamento, adiciono sob a tutela de Lacan a base epistemológica, que indica na voz a dobradiça fundamental na formação do sadismo e masoquismo. A complexa esfera deste par sadismo/masoquismo, desde Freud, são os conectores diretos da pulsão do apoderamento. Ainda que, a ligação entre estes conceitos, sadismo e masoquismo, seja complexa *a priori*, é um importante condutor para refinar, e pôr à prova a hipótese.

Segundo a leitura de Lacan (1968/1969-2008), o caminho do masoquismo foi o que Freud pôde percorrer para aproximar-se do trabalho das pulsões no nível mais arcaico. Lacan extraiu do pensamento freudiano dados masoquismos/sadismos para religar suas operações com a voz. Em suas palavras:

O funcionamento da voz encontra aí seu registro pleno. Existe uma coisa só: é que o gozo, aqui, exatamente como no caso do voyeur, escapa. Seu lugar é mascarado pela dominação espantosa do objeto a, mas o gozo, por sua vez, não está em parte alguma. É claro que o sádico, aqui, é apenas o instrumento do suplemento dado ao Outro, mas o qual, nesse caso, o Outro não quer. Não quer, mas, mesmo assim, obedece. Assim é a estrutura dessas pulsões. (Lacan 1968/1969-2008, p. 250).

A complexa passagem de Lacan sobre os termos do gozo, do sadismo, objeto, servem de dois modos: de um lado, indica a posição pela qual o sujeito se serve em suas tramas com as pulsões, e, por outro, apresenta uma abordagem para o funcionamento estrutural da pulsionalidade. No tocante às posições, estão a face ativa, voyeur, a passiva, sádico, que revela a estrutura do se fazer presente nas pulsões

Neste sentido, insisto na abordagem da voz como o objeto por excelência, que permite examinar a pulsão de apoderamento no autismo. A partir daí, compreendemos que, inicialmente, a voz é o mecanismo constitutivo para o trabalho do se fazer e estabelecer seu poder sobre o mundo. Num prolongamento desta ideia, a especificidade da voz no autismo, contém em seu núcleo a questão do apoderamento, demonstrada na estereotipia. A bizarrice revelada no autismo, na mesma linha de estereotipia, manifesta os tempos do apoderamento, não apenas no se fazer, que é um trabalho psíquico qualquer, mas, nos trâmites particulares do fazer pegar.

De entrada, assinalo que a estereotipia sonora implica nos avatares do som, e tem como função expor a estratégia psíquica para responder ao Outro. Esta resposta, por sua vez, pressupõe uma interpretação da experiência. A consequência disso é o ponto em que faz surgir no aparelho de apoderamento, a estereotipia. Ao situarmos mais precisamente nos casos clínicos as experiências que validam tal lógica, torna-se possível dizer que nisso se acha o aparelho de apoderamento (*Bemächtigungsapparat*) do autismo.

Nesse sentido, o objeto voz integra à perspectiva da psicopatologia do apoderamento no autismo, numa amostragem dos efeitos patogênicos do apoderamento. A estereotipia sonora é a manifestação pulsional, objetivando uma restauração do domínio da psique, é a revelação dos tempos do fazer pegar e fazer pegado, que, convertido para a pulsão invocante, assumirá a forma de fazer ouvir e fazer ouvido. Desta condição, é legítimo afirmar que a estereotipia é o anúncio mais original e direto do fazer ouvir e fazer ouvido, primeiro e segundo tempo do apoderamento, respectivamente.

De modo mais direto, o indício patogênico do apoderamento, no autismo, não é total, pois é bem verdade que a criança autista toma os objetos, realizando minimamente algumas de suas escolhas, se apropria em algum nível das experiências.

A face patogênica se concentra num dispositivo específico, trata-se da apassivação, como dito anteriormente, num trabalho psíquico específico, a criação de um lugar no corpo para colocar-se ao outro. O trabalho de apassivar é uma expressão do apoderamento, produzido no terceiro tempo do apoderamento. No registro do se fazer pegar, a condição do *páthos* se revela como a ausência desta construção.

Ao abordar a patologia do apoderamento no autismo, apresento os efeitos e consequências desta operação na dinâmica psíquica da criança. Neste exame, retomo o fazer pegar e fazer pegado, que, em última instância, tem na vida psíquica a seguinte forma: em decorrência da não construção da apassivação (do terceiro tempo) a criança não pode se fazer pegar para o outro, dificultando o fazer de si para qualquer endereço que não seja a si mesmo.

Retomando a linha de análise sobre a voz como objeto que porta a dimensão do apoderamento, Vivès & Orrado (2021) apresentam as manifestações que servem de esteio para a articulação, principalmente ao destacar a função da voz como uma criação mediadora.

No mostruário da questão da voz, tomamos a repetição sonora como a ecolalia, que, segundo Vives & Orrado (2021), introduz a iteração, ou seja, de repetir o mais literalmente possível, demonstrando a reprodução do poder sobre o conhecido. Muito embora a noção do Outro não componha conceitualmente esta tese, não significa que não tenha sua relevância. O Outro escrito como O maiúsculo é a referência ao modo como Lacan (1968/1969-2008) compreendeu uma função, aí está em parte sua definição, trata-se do Outro enquanto função que faz o suporte para entrada do sujeito no mundo, inicialmente designado como cultura.

Em continuidade a este desenvolvimento, que trata a formação do sujeito em sua relação ao Outro num momento que chamo de dimensão originária da psique, é para

indicar a aparição do trabalho de criação do aparelho psíquico, isto é, a face do fazer. No mesmo ponto, o do originário, situo que ele se situa na antecedência da clivagem do Eu, isso nos termos de Freud, ou alienação/separação para o Lacan. A discussão sobre o originário, me conduz a interrogar: o que é o Outro para o bebê à medida que ainda não tem acesso à diferença de si ou mundo?

Na extração feita de Lacan (1959/60), Aulagnier (1979), Penot (2001) Didier-Weil (2010), é possível afirmar que o Outro habita no universo da alteridade, na diferença vivenciada no corpo, trama insondável de presença/ausência, animado/inanimado, conhecido/desconhecido, ponto de onde ser produzirá as condições para advir o sujeito, ou, para do *Ich*, algo possa vir a ser (Freud, 1923/2011). O surgimento do Outro depende do próprio nascimento do sujeito psíquico, assim como, as complicações na constituição deste sujeito ocasionará efeitos na especificidade do Outro, ou seja, como será sua posição diante dele.

Na perspectiva dos autores citados, este Outro se fabrica primordialmente a partir da interpretação da experiência, dito de modo mais popular: o Outro para o neurótico é assim, para o psicótico de tal maneira, para o autista de outra forma, e sucessivamente, são versões para dizer de uma posição diante deste Outro, também encontrado sob o pronome de linguagem (Didier-Weill, 2010).

A intenção desta exposição é elucidar a pulsão na dinâmica do autismo em sua referência ao Outro, cujo objeto voz participa diretamente. No tocante à pulsão de apoderamento, seu núcleo depende mais das tramas insondáveis do próprio corpo/ritmo pulsional, como discutido à face do juízo de atribuição, do que propriamente da oferta material feita pelo Outro.

Podemos clarear a questão, para isso apontamos as variações do apoderamento na pulsão oral, num funcionamento muito similar. O bebê pode fazer o movimento do sugar

(chuchar) antes mesmo da aparição do seio, e continuá-lo, mesmo quando retirado, ele pode sugar o dedo ainda na experiência intrauterina, como revelam as refinadas de ultrassonografias, isto é, não está condicionada a oferta para operar, talvez fato que Freud tenha notado ao descrever o apoderamento, como independente de alguns princípios, como o prazer.

Para compreender a especificidade do Outro em suas variações na pulsão de apoderamento, utilizamos a pulsão invocante. Segundo Didier-Weill (2010), Vivès (2018, 2022), para a constituição da pulsão em sua modalidade invocante é necessário o aparecimento da resposta do Outro, interpretada como consequência da voz do emissor.

A partir deste princípio, podemos dizer que se a voz não funciona como ponto para se introduzir para o outro, o trabalho de apassivação está comprometido, pois se o *infans* ao emitir/receber som, não se ligar a ele, não pode se colocar para este outro, não funcionando a dimensão do apoderar-se, então, o se-fazer “ser” ouvido não se efetiva.

À medida que o contexto da discussão vai progredindo e recortando sua particularidade, outra questão se coloca, qual a consequência desta articulação para a dimensão invocante? O exame desta questão compõe os aspectos da patologia do apoderamento, o resultado disso, implica um trabalho duplo onde a voz é sujeito e o objeto ao mesmo tempo, é uma maneira de utilizar o polo ativo e passivo.

De agora em diante, podemos retomar o caso de Naoki, munidos de alguns elementos: primeiro; olhar a voz é a ação, é a versão para mostrar a dinâmica dos tempos do apoderamento, segundo: a função da voz e a estereotipia corpórea são os objetos que revelam a psicopatologia, bem como, o ponto mais exato da patogenia, decorrente da inexistência do terceiro tempo.

O livro de Naoki foi construído com 58 questões sobre a vida de um autista, das quais 15 versam diretamente sobre o papel da voz em sua relação com o mundo. A partir

da vasta e complexa exposição da criança, proponho a análise mais pontual, para construir a vitrine da psicopatologia do apoderamento.

Para abrir o bloco da relação de Naoki com a voz, apresentamos a curiosa questão: “Por que você não faz contato visual quando está falando?”: (Higashida, 2014, p. 54)

Na verdade, *olhamos para a voz da outra pessoa*. As vozes não são coisas visíveis, mas tentamos ouvir a outra pessoa com todos os nossos órgãos do sentido. Quando estamos completamente concentrados em entender o que você fala nosso sentido da visão sai um pouco do ar. Se alguém não consegue discernir o que vê, é o mesmo que não ver nada. [ênfase adicionada] (Higashida, 2014, p. 54).

Para começar, do ponto de vista teórico, não teríamos aqui uma descrição rigorosa do aparelho de apoderamento? Não estaria aí nitidamente o processo do originário, um vislumbre do pictograma dado por Aulagnier? Ou ainda, estaria presente neste trecho, a precisa descrição dada por Freud sobre os mecanismos da formação do aparelho psíquico, que, em sua compreensão assenta-se na imagem? A resposta inclina-se à afirmação para todas elas.

Antes de expor os motivos por que seria sim, acrescento mais informações, isso quando Naoki é questionado sobre: “Por que as pessoas com autismo falam tão alto e de forma estranha?”, responde:

Quando uso minha voz estranha, não é algo que faço de propósito. Com certeza existem momentos em que acho o som da minha voz reconfortante, quando digo palavras familiares ou frases difíceis de falar. Mas a voz que não consigo controlar é diferente. Ela escapa de mim sem querer, é como se fosse um reflexo. (Higashida, 2014.p. 29).

Depois das duas repostas de Naoki, retomo a questão posta, bem como, a afirmação de que a confissão da criança permiti observar o postulado teórico de Freud, sobre o aparelho do apoderamento, e o originário conceitualizado por Aulagnier. O eixo central é olhar a voz, na experiência contada pelo garoto, o olhar é o dispositivo que ilustra

o apoderar-se da voz como objeto, nisto encontra-se a manifestação do aparelho de apoderamento, freudianamente falando.

Já no que diz respeito ao originário, segundo Aulagnier, temos o trecho “tentamos ouvir a outra pessoa com todos os nossos órgãos do sentido”, a referência aos órgãos do sentido coincide exatamente com aquilo que, a autora afirma ser a condição para metabolização, isto é, a maneira como a psique opera no nível corporal para criar sua relação com o mundo. (Aulagnier 1979/1981)

Feitos os assentamentos quanto a questão passemos ao próximo ponto. Além da nítida manifestação da força inconsciente, no sentido do desconhecido, Naoki introduz o universo da estereotopia nas estranhas repetições de sonoras, relatando que:

“A grande exceção, porém, são aquelas palavras e frases que nos são familiares. Repetilas é muito divertido. É como um jogo de bola. Ao contrário das palavras que nos mandam dizer, repetir perguntas que já conhecemos se torna um prazer – é como brincar com sons e ritmos” ((Higashida, 2014, p. 30).

Mais adiante, destaco outra ação do apoderamento para confirmar a resposta acima mencionada. Trata-se da referência ao repetir as palavras, que é uma forma de apropriação da voz do outro como objeto, é com o manejo desse objeto que nasce uma possível relação com o mundo e consigo mesmo.

Ambas as apreciações revelam que Naoki inclina-se àquilo que pode reconhecer, que lhe é familiar, fonte de prazer e segurança. Tal análise nos remete à explanação de Didier-Weill (2010), ao retratar a condição do advir humano, que segundo ele, trata-se de um encontro entre continuidade e descontinuidade. O poder que Naoki exerce, apenas no fazer pegar, é a sua estratégia para produzir seu lugar no mundo. A voz e o som, são seus objetos, por meio do qual opera a extensão de seu ritmo, e torna-se possível inserir seu trânsito nas relações.

O caso de Naoki foi mencionado por Maleval (2017) ao abordar o tema da voz naquilo que diz respeito à ligação pulsional, ao tomar e ser tomado pela voz do Outro. Para este autor, “alguns experimentam a recusa como uma força que ultrapassa sua vontade, já outros parecem se reprimir por prudência” (Maleval, 2017, p. 11).

O psicanalista destaca a fala de Naoki: “Por que não falamos normalmente?” “Eu não sei. Não é que não queremos, é que não podemos, e sofremos com isso” (Higashida, 2014, p.46). Embora Maleval (2017) não trate a questão nos termos da pulsão especificamente, nem do apoderamento, refere-se ao poder inacessível do aparelho psíquico, o que indiretamente versa sobre as complicações da passivação.

Assim, o impulso de Naoki, destina-se àquilo que, segundo ele, possibilita a continuidade de seu mundo, e sua forma de lidar com a realidade. No decorrer do livro é possível notar a confissão de Naoki ao situar o seu prazer na preservação da continuidade, é em nome dessa meta que a estereotipia se manifesta, sendo acionada quando se introduz a diferença, alteridade, cuja intervenção vinda do Outro é sentida como ameaça.

Para demonstrar a ideia na prática, destaco um testemunho preciso que pode ser visto em duas perguntas específicas. Na primeira: “Porque você some de casa”, e a segunda: “O que causa seu descontrole e ataques de pânico?” (Higashida, 2014, p. 147).

Bem, a primeira questão pode parecer contraditória, ora, se ele tem prazer no familiar, conhecido, por que fugir de casa? O sentido é dado pelo próprio Naoki:

“Enquanto eu me afastava cada vez mais de casa, não sentia nenhum medo ou ansiedade. Era simples assim: se eu não saísse de casa, deixaria de existir. Por quê. Não sei dizer, mas eu *tinha* que *continuar* andando e andando” (Higashida, 2014, p. 148) [ênfase adicionada].

Minha hipótese para isto é que, a casa e a família são os lugares onde se concentram as descontinuidades e principalmente a imposição legislativa do Outro, e esta, por sua vez, implica na relação com a dimensão simbólica que se impõe ao sujeito. A

fuga de Naoki de casa, embora advenha de uma situação conhecida, pode ter uma ligação com a forma do aparelho psíquico em sua face de apoderamento, já que seu impulso ao fugir o leva continuidade.

Quanto à outra pergunta, o garoto oferece uma posição bem importante, e esclarece a função do ambiente em sua vida. Nela, o autor descreve que:

Não sei se vocês vão conseguir entender isso. Ataques de pânico podem ser deflagrados por várias causas, mas, mesmo que você crie um ambiente ideal, livre de todo o estresse que costuma afligir determinada pessoa, nós ainda teremos ataques de vez em quando. (p. 163).

Diante do relato, sublinho que a experimentação do autista revela, diretamente, talvez seja este seu maior embaraço, a proximidade com os trâmites pulsionais. Deste ponto em diante não se trata mais de condições ideais do meio/ambiente social, ou estímulos corretos, mas sim, da oferta de outra ordem, aquela da aposta, do convite ao jogo que é viver, da parceria onde dois vão continuar fazendo dois, diferentemente da tendência neurótica.

Numa extensão da aparição do apoderamento em face ao ímpeto da criação do lugar no mundo e de continuidade de si, Naoki demonstra precisamente quando questionado sobre quais são seus *hobbys* e gostos, surpreendentemente diz: “A natureza, pois ela está sempre lá para nos envolver de forma gentil: brilhando, se agitando, borbulhando e farfalhando”. E ainda: “A natureza me acalma quando estou furioso, e ri comigo quando estou feliz”. (Higashida, 2014, p.138).

De modo poético, Naoki nos conta que o prazer é sentido no encontro da concretude da realidade, por isso, em alguns casos de autismo, o objeto autístico carrega este traço enrijecido, e seus objetos costumam ser sólidos e duráveis. Mas a afirmação de Naoki também expõe sua interpretação do mundo, e neste caso situa a natureza como, “ela está sempre lá, me acompanha”. A descrição que a criança fornece sobre a natureza

permite recuperar a discussão do juízo de atribuição, onde nos dá a ver a existência da natureza como algo importante, dada o juízo atribuído a ela, como sendo boa. (Higashida, 2014).

No que diz respeito à articulação teórica, compreendemos que a ausência do apoderamento na transição do fazer pegado para o se fazer pegar introduz um efeito específico. A particularidade decorrente daí, é que a voz será o objeto primordial para fabricar a mediação em sua relação com o mundo. Um claro exemplo da voz como objeto, é aquela dada por Laurent (2014) que a situa como instrumento de borda, e na dimensão corporal para mediar descontinuidade.

Por outro lado, exploramos a artificialidade da borda, entendendo-a aqui como uma criação que surge entre a criança e o mundo, que pode ser um objeto, uma ação que é produzida artesanalmente, e nem sempre duradoura. Convém ressaltar que o adjetivo artificial como posto por Laurent (2014) se deve ao fato de que ela não existe no aparelho psíquico, estruturalmente falando, e, portanto, deveria ser fabricada. O objetivo de esclarecer a produção tal como o autor aponta, é para demonstrar as modalidades da criação psíquica, mesmo que seja por meio de borda ou de objetos, os autistas produzem para proteger-se do imprevisível do mundo.

A revelação deste acontecimento, se dá quando Naoki conta de seu sofrimento, que na maior parte é vivido como interrupção em sua relação com o mundo. Tal descontinuidade é experimentada numa reação de pane, de curto-circuito, em suas palavras: “Um choque”. O recurso da criança é acentuar o segundo tempo do apoderamento, o fazer pegado, para isto, emprega o próprio corpo como aparelho, onde diversas ações são invocadas, desde a voz, choro, e as violentas formas de agressão.

O acionamento deste dispositivo visa reestabelecer a ordem, isto seria uma ressonância do congestionamento entre o primeiro e segundo tempo do apoderamento,

dada a impossibilidade de trânsito numa outra via, aquela do se fazer pegar. Apresento em outro trecho do livro a base desta lógica; “Por que você se incomoda tanto quando comete pequenos erros?” (p. 72). A resposta é longa, mas merece a transcrição:

Quando percebo que fiz algo errado, minha mente trava. Eu choro, grito faço um escândalo e não consigo mais pensar em nada com clareza. Não importa que o erro tenha sido pequeno; para mim é uma catástrofe, como se o céu e a terra tivessem trocado de lugar. Por exemplo, quando encho um copo com água. Não suporto derramar uma gota sequer (...) controlar minhas emoções e tais situações é quase impossível para mim. Depois que erro, a consciência disso começa a crescer como se fosse tsunami. E aí, como as árvores e casas destruídas pela onda gigantesca, eu fico devastado pelo choque. Naquele momento me sinto engolido e não consigo distinguir a reação certa da errada. Tudo o que sei é que preciso escapar daquela situação o quanto antes para não me afogar. E faço o que puder para fugir, chorar, gritar, atirar coisas, até mesmo espremer e me bater. (Higashida, 2014, p. 73).

Temos aqui pontos precisos, o primeiro expõe a experimentação do erro como expressão da descontinuidade, produzindo em Naoki a desordem e o caos. A estratégia que a criança usa é recorrer à força de seu corpo, utiliza o tempo do fazer pegar como saída para evitar o insuportável.

A segunda razão consiste na referência “ser engolido”. Reside aí, a aproximação da apassivação, aquela que implica não posição de estar como objeto para o outro, produzindo tamanho horror a ponto de ameaçar-lhe a existência. A hipótese que apresento é a seguinte: isso ocorre em virtude de que, para ocupar este lugar, é necessário o terceiro tempo da pulsão de apoderamento, cuja ação funda o se fazer pegar, que neste caso, não se efetivou, e por consequência última, é sentida como aniquilação.

5.2.2 - O aparelho corpóreo do apoderamento

Nesta subsecção, exponho que o trabalho corporal, a exemplo da voz, e o choro interligado à face do aparelho muscular, são peças fundamentais no trabalho do apoderamento. Para esta tarefa, retomo o assunto que nomeia o livro, na questão posta a Naoki, no seguinte: “por que você pula”, cuja resposta é:

Na verdade, minha necessidade de ser engolido pela imensidão lá em cima é suficiente para estremecer meu coração. Quando estou pulando, posso sentir melhor as partes do meu corpo – as pernas saltando, as mãos batendo –, e isso me faz muito, muito bem. (Higashida 2014, p. 87).

Proponho utilizar as contradições como um potente instrumento de demonstração, refiro-me ao uso do termo, “ser engolido”, o mesmo empregado pelo garoto na descrição² dada às circunstâncias de mal-estar e sofrimento. Mas qual a diferença entre ser engolido neste contexto, e aquele “ser engolido” que é um disparador de sofrimento?

A partir do construído sobre a pulsão de apoderamento, poderíamos explicar que a ação de pular quando escolhida por Naoki, assume uma dimensão subjetiva, dando acesso a escolha de ser engolido, e, portanto, não há nessa escolha a intromissão do Outro e nem o horror de sua ação. Por outro lado, a outra experiência ser engolido, resultante de grande sofrimento, contém a referência a descontinuidade causada pela contingência, este sim, causa o horror e desencadeia a estereotipia.

Em continuidade ao exame da questão do “O que me faz pular”, minha hipótese é que, quando Naoki pula, experimenta aproximadamente o “poder”, o escolher, o comunicar e o compartilhar. Assim, a ação revela a interpretação da criança, que também notícia o trabalho pulsional, além disso, o uso que faz com e no corpo, demonstra o apoderamento em seus tempos.

² Conferir na página anterior a citação direta da fala de Naoki, cujo destaque recai sobre “me sinto engolido e não consigo distinguir a reação certa da errada”.

Em seguida, aponto na narrativa de Naoki, as considerações sobre seu corpo, apresentando o exame em duas direções, primeiro na relação com o Outro, depois diante dele mesmo. O primeiro relato é provocado a partir de uma questão relativamente comum no autismo, sendo: “É verdade que você detesta ser tocado”, ele responde: “Para um autista, o fato de ser tocado significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo o dono é capaz de controlar direito” (Higashida 2014, p. 120).

A outra, é: “Por que você mexe seus braços e pernas dessa maneira tão esquisita?”, sobre isso “não tenho uma sensação clara do lugar exato onde eles prendem ao meu corpo ou de como obrigá-los a realizar as tarefas que eu quero, é como se meus membros fosse um rabo de sereia escorregadio” (Higashida, 2014 p. 97). Naoki conta que as crianças autistas não têm noção da distância, “quanto precisam esticar os próprios braços para pegar esse objeto”, e finaliza sua resposta admitindo que “alguma conexão no meu sentido de tato também não deve funcionar direito”.

O relato de Naoki sobre os acontecimentos em seu corpo, são relidos nesta tese como uma maneira pontual de ilustrar os efeitos do apoderamento, por recolocar a ação corpórea como engrenagens de sua ação. A apresentação de Naoki amplia a visibilidade dos mecanismos da patogenia em questão, afetando materialmente o trabalho psíquico.

A partir destas conjecturas, reúno argumentos para localizar a ausência do se fazer pegar, como a razão para a sideração do corpo da criança, onde os limites são ameaçadores, as distâncias imprecisas e desconhecidas. A inexistência do ponto de se fazer pegar pelo outro altera a interpretação de si no espaço.

Além dessas operações, Naoki verbaliza ao seu modo a experiência de apropriação por meio da alimentação, numa perspectiva muito freudiana. A pergunta é simples: “Por que vocês são tão exigentes com a comida?”. Sua resposta: “Para algumas pessoas com autismo, só aqueles alimentos que elas já consideram comida de verdade

têm algum gosto” (p. 101). O retrato dado expõe tanto a incorporação quanto a introjeção do conhecido como possibilidade do prazer para além da nutrição, e é exatamente isso que Naoki atesta: “Mesmo quando os autistas estão satisfeitos comendo sempre aquilo a que estão acostumados, na minha opinião, refeições não são apenas uma questão de nutrição, e sim uma maneira de encontrar prazer na vida” (Higashida, 2014p. 101).

No sentido de evidenciar o prazer do autista, outra pérola é registrada no livro, e é sob o regime corporal ensimesmado, isso é, o corpo servindo a ele mesmo, tanto como sujeito como objeto. A questão posta à criança é “por que você gosta de girar?”, sua confissão é direta: “Só de olhar alguma coisa rodopiar, nos enchemos de alegria profunda durante o tempo em que ficamos ali admirando aquele movimento *perfeito e regular*. É sempre igual, cada vez que fazemos isso. Coisas constantes nos confortam, e existe beleza nelas [ênfase adicionada] (Higashida, 2014p. 115).

A descrição de Naoki sobre seu prazer em manter a continuidade, o ritmo, a constância, e a ordem são abundantes, como, por exemplo, “enfileirar as coisas é uma grande diversão, ver a água correr é muito legal” (p. 115). A narrativa da criança progride neste tema, expondo numa lógica simples a sua tendência em preservar a constância da relação que tem com as coisas, ele evita o imprevisto desde as tarefas mais simples como ver televisão, onde admite a preferência por filme fáceis por quê; “é mais fácil saber o que vai acontecer em seguida. Isso nos permite ficar mais relaxados e envolvidos” (Higashida, 2014, p. 116).

Para o encerramento deste bloco, chamo atenção para expressões clínicas do apoderamento numa versão freudiana, que residem nas palavras de Naoki: “A repetição é sempre uma garantia de alegria para o autista. Se me perguntassem o motivo, minha resposta seria a seguinte: quando você está num lugar novo e desconhecido, também não fica aliviado ao encontrar um rosto familiar e amistoso” (p.121). A descrição do garoto

mostra seu percurso paralelo ao trabalho psíquico da apassivação. O se fazer pegar é, em suma, uma ação que dificilmente pode ser atrelada à repetição na via da iteração, pois é de outra ordem, se dá numa aposta na relação com o Outro.

A criação que fabrica a apassivação inclui diversas formas, maneiras e ações corporais para usar a si mesmo, numa oferta ao Outro, que visa sobretudo os próprios interesses. A inclusão se deve ao fato, de que não se sabe qual vai funcionar, é um dispositivo onde as garantias estão mais distantes, o que explica, também, a dificuldade de isolar a condição temporal do apoderamento.

Entretanto, na finalização do exame deste caso, enfatizo que o último acabamento, versa essencialmente sobre o trânsito que a criança constrói na relação com o mundo, e que poderia ser chamado de ponto de acesso ao Outro, ou até de uma criação mediadora. Encontra-se num pedido de Naoki que podemos observar as coisas:

Por favor não nos julgue apenas pela aparência. Não sei por que não conseguimos nos comunicar de forma adequada. Mas não é por não quereremos falar – é porque não podemos, e sofremos por causa disso. Sozinhos, não há nada que possamos fazer quanto a esse problema, e houve uma época em que eu imaginava a razão do Eu que não fala ter nascido. Mas, tendo começado a me comunicar por texto, agora sou capaz de me expressar através de alfabeto e de um computador, e, por poder compartilhar o que sinto, percebo que eu também existo neste mundo como um ser humano. (Higashida, 2014, p. 48).

As palavras generosas de Naoki demonstram de modo sintetizado os dois grandes blocos da tese, da primeira parte, presente na metapsicologia do apoderamento, sobre a concepção do nascimento do Eu “que não fala”. Em seguida, “não é por não quereremos falar – é porque não podemos”, a ressonância manifesta o tempo pulsional, pois existe um querer primeiro, e o segundo tempo da pulsão, mas não podemos, é a atestação da ausência do terceiro tempo pulsional.

Para findar as extrações do caso de Naoki, exponho as últimas três lições; a primeira; sobre o fato de admitir que *“sozinho não é possível”*, isso nos ensina que o trabalho com o autista exige uma parceria que leve em consideração seu estado, ele não pode se fazer para outro, mas que pode fazer algo com o outro. Já a segunda lição localiza-se na explanação da criança sobre o *“poder se comunicar”*, a condição que alguém possa escutá-lo em sua linguagem particular.

Assim como ele encontrou uma maneira de se fazer pegar pelo Outro, na invenção da escrita como via para fazer olhar a sua voz, o trabalho clínico pode encontrar no seu um-a-um vias para a construção de um lugar possível na relação com o Outro, isto é, a criação do se fazer pegar. E por fim, o terceiro, o qual inclui outra dimensão do poder, o *“poder para compartilhar”*, eis o portal para o lugar humano, em sua terceira face, a do compartilhar, uma espécie de assinatura nasce como mediação entre ele e seus (se) fazeres.

6. – Conclusão

Além da tarefa do fechamento da tese, o momento de concluir com frequência evoca dois pontos, o percurso e o início, não necessariamente nesta ordem. Nesta, não será diferente, sobretudo, porque a intenção desta lógica extrapola a exegese do proforma, e revela o suporte que sustenta todo o desenvolvimento galgado.

Toda a construção permitiu não apenas apresentar, mas firmar uma posição para a inclusão de uma nova perspectiva para a pulsão de apoderamento. Além de todas as contribuições listadas no desenvolvimento da tese, o produto concentrou-se em três bases: primeiro, a definição metapsicológica sobre a pulsão de apoderamento entendida como potência empenhada na criação do sujeito em sua gênese; e a segunda, a produção do bloco chamado de psicopatologia da pulsão de apoderamento, alicerçada na patogenia

dos mecanismos de ação. Por fim, a terceira, que é a instrumentação dos três tempos da pulsão, que permitirá aplicar aos outros ramos da psicanálise.

Cabe lembrar nesta conclusão que, desde o início da pesquisa, a curiosidade e o desejo de saber se concentravam numa reflexão da ação corporal, o Crossfit. Ainda que num fragmento da ideia, nasceu bem antes do projeto de pesquisa, e teve sua primeira aparição, sob o título “*Considerações psicanalíticas sobre o Crossfit*” apresentado no VI Colóquio de Psicanálise da Escola do Corpo Freudiano em 2019. Desta fecundação nasceu o trabalho em torno da pulsão de apoderamento, partindo da noção freudiana, com duas dimensões da pulsão de apoderamento: aquela que diz de sua natureza, a força não sexual; e a segunda, reside em sua função, descrita no empenho para organizar a vida psíquica pre-genital.

Desde então, iniciou-se a caça às traduções do termo *Bemächtigungstrieb*, que compõem a primeira parte da tese. Feito o levantamento da obra de Freud, outro desafio se impôs, e pode ser notado transversalmente ao longo desta construção: o incansável trabalho das diferenciações, primeiro, da dominação, depois da pulsão de morte, e as de outras categorias que passam por aí.

Na parte I do eixo histórico, demonstrei os problemas do nível gramatical-semântico que a dominação comporta, e passei a tomá-la como uma faceta da mesma força. Daí em diante a maior consequência foi decidir por outra nomeação, e como sabemos, o problema da nomeação é que, com ela, vem o problema do conceito.

Para solucionar o impasse, assim como outros teóricos, optei pela forma de pulsão de apoderamento, admitindo que talvez, não seja a mais exata, se é que existe uma palavra que possa dar o real sentido desta força. Assim, passei então a usar a pulsão de apoderamento por compreender que é a posição tradutória que mais se aproxima daquela dada originalmente por Freud.

Já na segunda parte, no eixo clínico, ilustrei por meio do autismo o cenário da psicopatologia, o que permitiu observar na prática todo o arcabouço teórico. Por meio do exame dos casos de Leo e de Naoki, foi possível precisar o mecanismo patogênico do apoderamento, instrumentalizado no terceiro tempo da pulsão, de modo que pudesse fornecer a evidência necessária à sustentação teórica.

No rol demonstrativo, no caso de Leo, podemos visualizar, de modo mais direto e arcaico, os dois tempos do apoderamento, o fazer pegar, e o fazer pegado, como consequência da ausência do terceiro, o se fazer pegar. Ao passo que no caso de Naoki, além de observar a mesma lógica, com as devidas ressalvas quanto à proporção da idade da criança, indiquei a criação feita por ela para suplementar o terceiro tempo.

Os apontamentos foram realizados enfatizando as nuances da ausência do terceiro tempo do apoderamento, se fazer pegar, que, como efeito, produziu obstruções na relação da criança com o mundo. Além disso, organizei a vitrine para sustentar a fórmula da temporalidade pulsional do apoderamento, onde os dois primeiros tempos são afetados diretamente num tipo de excesso de força pulsional que oscila apenas entre o tempo 1 e o 2.

A estereotipia de Leo foi relida como uma manifestação do aparelho de apoderamento, que, a rigor, demonstra a indicação freudiana do aparelho muscular, servindo a um propósito que não se trata *a priori* do sexual, mas, sim, da condição para encontrar um lugar para se constituir, ou podemos dizer, para existir.

Já na análise do caso de Naoki destaquei outras faces da pulsão de apoderamento, principalmente, a preciosidade de sua afirmação “nós olhamos a voz”, revelando a dinâmica do apoderamento no corpo, e do objeto voz. A generosidade das falas do jovem garoto foi a “cereja do bolo”, assentando a amostra clínica do apoderamento, que, por sua

vez, reitera a patogenia da questão, pois, assim como Leo, Naoki confessa publicamente “algo não funciona bem”.

Seja de modo direto ou não, Naoki admite que não pode se colocar para ser tomado pelo outro como a maioria das pessoas, que, nesta tese, é essencialmente uma marca de nascença pulsional referente ao se fazer pegar, isto é, o substrato mais direto da psicopatologia do apoderamento. Para a criança, os dois tempos da pulsão funcionam, porém, diferentemente das circunstâncias de Leo, Naoki apresenta seu jeito de construir um ponto neste lugar desertificado, aquele da apassivação, condição fundamental para o se fazer pegar.

A invenção de Naoki demonstrou os pressupostos desenvolvidos no que puderam ser revelados sobre os mecanismos adoecidos. A releitura que compreendeu o olhar como uma maneira de pegar a voz do outro revela, essencialmente, uma face não explorada da questão pulsional. Além disso, Naoki, genialmente, faz uma inversão com seus livros, o jogo vira, e agora, o outro, ao ler seus manuscritos, olha para sua voz. Nisto encontra-se a criação de uma maneira de se fazer pegar pelo outro.

Agora, às margens do fim desta jornada de doutoramento, incluo como desejo do pesquisador que as bases postas aqui possam servir, não para respostas apressadas, mas para iluminar e sustentar a discussão sobre um tema crucial para o avanço da psicanálise. Assim, o fim desta conclusão é um convite a outros começos, agora numa empreitada para aplicar a posição sobre o campo da psicopatologia.

Referências Bibliográficas

- Abraham, K. (1924). *Teoria psicanalítica da libido: Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Imago.
- Adler, A. (1907). *Studie über Minderwertigkeit von Organen* [Estudos sobre a inferioridade dos órgãos]. Urban & Schwarzenberg.
- Adler, A. (1908). La pulsion d'agression dans l'anvie et dans la névrose. [A pulsão de agressão e participação na neurose] *Revue Française de Psychanalyse*, 38(2-3), 417-426.
- Assoun, P-L. (1991). *Freud e Nietzsche: Semelhanças e dessemelhanças*. Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1989)
- Assoun, P. L. (2002). *La metapsicología*. Siglo veintiuno editores.
- Assoun, J-P. (2009). *Dictionnaire des œuvres psychanalytiques* [Dicionário de obras psicanalíticas]. PUF.
- Anzieu, D. (1981). *El Cuerpo de la obra: ensayos psicoanalíticos sobre el Trabajo creador*. [O corpo da obra: ensaios psicanalíticos sobre o trabalho da criação]. Siglo veintiuno editores.
- Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: Do pictograma ao enunciado*. Imago.

- Ainsworth, M. D., & Wittig, B. A. (1969). Attachment and exploratory behavior of one-year-olds in a strange situation. In B. M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior* (Vol. 4, pp. 113-136). Methuen
- Ainsworth, M. D., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 333-341.
- Badinter, E (1980). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Artes Médicas.
- Barbier, A. (1992). Emprise, action, origine [dominação, ação, origem]. *Revue Française de Psychoanalytic*, 56, 1499-1505.
- Barthes, R. (1974). *Au séminaire. L'Arc*, Paris, n. 56, p. 48-56.
- Bergeret, J. (2005). *La violence fondamentale*. Dunod. [A violência fundamental] (Trabalho original publicado em 1984)
- Bergeret, J. (1981). *Psychologie e pathologique: Théorique e clinique*. Elsevier
- Brühlhart-Donoso, M. D. (2011). *Estudo psicanalítico sobre a gramática da maldade gratuita* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <http://doi.org/10.11606/D.47.2011.tde-19072011-160217>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the Child's tie to his mother. *Inter. Review of Psycho-Analysis*. 39, 350–37
- Bowlby J (1968). *Attachement et perte*. Vol. I: L'attachement. Puf.
- Bowlby J (1973). *Attachement et perte*. Vol. II: La separation angoisse et colère. Puf.
- Bowlby J (1980). *Attachement et perte*. Vol. III: La perte tristesse et dépression. Puf.

- Bowlby, J (1988) *A secure base. Clinical implications of attachment theory*. Routledge
- Cardoso, M. R. (2002). Violência, domínio e transgressão. *Revista Psychê*, 6(10), 161-171. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701010>
- Caropreso, F. (2010) *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Annablume.
- Caropreso, F. (2013). Pulsão de morte, trauma e limites da terapia para Freud. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 2(2), 59-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972013000100004&lng=pt&tlng=pt
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise Larousse*. Artmed.
- Delrieu, A. (2002) *Sigmund Freud: Index temático*. Anthtopos.
- Didier-Weill, A. (1995). *Os três tempos da lei*. Jorge Zahar.
- Didier-Weill, A. (2003). *O inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1994)
- Didier-Weill, A. (2012). *Lacan e a clínica psicanalítica*. Contra Capa.
- Didier-Weill, A. (2010). *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. [O mistério mais longínquo que o inconsciente] Aubier.
- Denis, P. (1997). *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion* [Domínio e satisfação: Duas formas da pulsão]. Presses Universitaires de France.
- Dorey, R. (1981). La relation d'emprise [A relação de domínio]. *Nouvelle revue de psychanalyse*, (24), 117-139.

- Dorey, R. (1986). L'amour au travers de la haine. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 33, 75-93.
- Dunker, C.I. L. (2022) O fio vermelho da psicanálise na psicopatologia fundamental. Editorial • *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* 25 (4) • Dez 2022 • <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n4p513.1>
- Dylan, E. (2007). *Dicionários introdutório de psicoanálise lacaniano*. [Dicionário introdutório a psicanálise lacaniana Paidó]. (Trabalho original publicado em 1998)
- Efken, P. H. O. (2017). A dimensão de domínio na constituição do Ego. *Revista Subjetividades*, 17(1), 22-34. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5192>
- Federn, P. (1952) *La psychologie du moi et les psychoses*. PUF.
- Feys, J.-L. (2009). *L'anthropopsychiatrie de Jacques Schotte: Une introduction*. [Antropopsiquiátrica de Jacques Schotte: Uma introdução]. Paris, France: Editions Hermann.
- Ferreira, N. P. (2016). *A teoria do amor*. Jorge Zahar.
- Ferrant, A. (1991), *Les destins psychiques de l'emprise* [Os destinos psíquicos do domínio] [Tese de Doutorado, Université Lumière Lyon 2].
- Ferrant, A. (2001). *Pulsion et liens d'emprise*. Dunod
- Freud, E. L., & Meng, H. (Orgs). (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Ultinato.

- Freud, S. (2016). *Estudos sobre a histeria*. In Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria (1893-1895) 1ª ed. Companhia das letras (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1996). *Carta 85*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Imago (1897).
- Freud, S. (2015). *O escritor e a fantasia*. In Obras completas. Vol 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909) (pp. 325-338) Companhia das letras (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) (pp. 13-172). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2010). *A predisposição à neurose obsessiva*. In Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913) (pp. 324-338). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2012). *Totem e tabu*. In Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) (pp. 13-244) Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. In Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916) (pp. 13-50) Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1914)

- Freud, S. (2011) *Psicologia das massas e análise do Eu*. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* Companhia das letras. (trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2011). *O ego e o id*. In *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 13-74) Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). *O problema econômico do masoquismo*. In *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 184-202) Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011). *A negação*. In *Obras completas, volume 16: O eu e id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 275-282)Companhia das letras (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S., & Freud, A. (2020). *Bate-se numa criança* (1 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obras originais publicadas em 1919 e 1922)
- Freud, S. (2020) *O mal estar na civilização* In: *In Cultura, sociedade, religião: Mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 305-411) Autêntica. (trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996) *Além do princípio do prazer*. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 58-205). Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (2023). *Sobre a sexualidade feminina* In *Obras incompletas de Sigmund Freud* (285-312), Autêntica (Trabalho original publicado em 1931)

- Freud, S. (2020) *Por que a guerra?* In *Cultura, sociedade, religião: Mal-estar na cultura e outros escritos*. 1.ed. Autêntica. (trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010). *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (pp. 124-354)Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2022). *A análise finita e a infinita*. In *Fundamentos da clínica psicanalítica/Sigmund Freud* (pp. 315-364); Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2010). A dissecção da personalidade psíquica. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud – Obras completas* (Vol. 18, pp. 192-223). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud – Obras completas* (Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). A predisposição à neurose obsessiva. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud – Obras completas* (Vol. 10, pp. 324-338). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud – Obras completas* (Vol. 12, pp. 51-81). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2021) Além do princípio de prazer. Editora L&PM. (Originalmente publicado em 1920)

- Freud, S. (2020) Além do princípio de prazer. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]* (1. ed., pp. 225-302). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2021). As pulsões e seus destinos. In P. H. Tavares (Trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos* (1. ed., pp. 13-72). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
- Fonagy, P. (2001). *Attachment theory and psychoanalysis*. Other
- Fonagy, P.(2008). *Théorie de l'attachement et psychanalyse*, Toulouse, érès,
- Garcia-Roza, L. A. (2014). *Acaso e repetição em psicanálise: Uma introdução à teoria das pulsões*. Jorge Zahar.
- Gantheret, F. (1981). De l'emprise à pulsion d'emprise. In. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 24, 103 -116.
- Gay, P. (1995). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1988)
- Geyskens, T. (2008). Imre Hermann's Freudian theory of attachment. *The International Journal of Psychoanalysis*, 84(6), 1517-1529. <https://doi.org/10.1516/08L3-RNVP-K0D8-VGC4>
- Green. A. (2022). *Porque as pulsões de destruição ou de morte*. Bucher.
- Grimm, I. (2012) *Contos da Infância e do Lar* (Vol.1). (Trabalho original publicado em 1812)

- Grunberger, B. (1959). Estudio sobre la relación anal-objetal. In B. Grunberger, *El narcisismo* (pp. 39-58). Editorial Trieb.
- Grunberger, B. (1960). L'antagonisme narcissisme-pulsionl. In B. *Eel narcissisme: l'amour de si* (pp. 229-248). Editorial Trieb.
- Gillibert, J. (1981). *De l'objet pulsionnel de la pulsion d'emprise*. [O objeto pulsional da pulsão de apoderamento]. *Revue Française de Psychanalyse*. v. 46, n. 6, p. 1211-1243.
- Gillibert, J. (1984). Généalogie de la destruction. *Revue Française de Psychanalyse*. 4 987-1020.
- Gillibert, J. (1990) *Folie et creation*. Champ Vallon
- Handlbauer, B. (2005). *A controvérsia Freud-Adler*. Madras.
- Hanns, A. L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago.
- Hendrick, I. (1943). The discussion of the instinct to master [A discussão do instinto de dominação]. *The Psychoanalytic Quarterly*, 12, 561-565.
- Higashida, N. (2014). *O que me faz pular*. Ed. Intrinseca.
- Hermann, I. (1972) *L'instinct filial*, Paris.
- Jofré, L.. (2023). El lugar vacante del concepto de sujeto en la clínica psicoanalítica del autismo. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 26, e221159. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e221159>
- Jorge, M. A. C. (2023) *O Laboratório do analista*. Ed. Zahar

- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud à Lacan*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). Posição do inconsciente. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 807-842). Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 383-401). Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2005). Os nomes do pai. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro, 1968-1969* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar .
- Lacan, J. (2022). Conferências de Caracas. In . *Nos confins do seminário*. (pp. 90-102). Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Lacan, J. (2023) *A terceira*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lagache, D. (1960). Situation de l’agressivité. [A situação da agressividade] *Bull Psychology*, 14(1), 99-112.

- Laplanche, J., & Pontalis J. -B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise* (P. Tamen, Trad.)
Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Laznik, M. C. (2004). *A voz da sereia*. Ágalma
- Laznik, M-C. (2005). *Pour une théorie lacanienne des pulsions*. Discours. [Por uma teoria lacaniana das pulsões] (Trabalho original publicado em 1993)
- Laurent, E. (2014). *A batalha do autismo – Da clínica à política*. Zahar.
- Lefort R, & Lefort, (1980). Naissance de l'Autre. Deux psychanalyses : Nadia, 13 mois, Marie-Françoise, 30 mois. Paris: Seuil.
- Le Guen (2005). *Dicionário freudiano de psicanálise*. PUF
- Maleval, J.-C. (2009). Qual tratamento para o sujeito autista?. *Revista Inter-Ação*, 34(2), 405–452. <https://doi.org/10.5216/ia.v34i2.8504>
- Maleval, J.-C. (2017). *O autista e sua voz*. Blücher
- Mannoni, O. (1990). *Freud: Uma biografia ilustrada*. Zahar.
- McGuire, W. (1993). *The Freud/Jung Letter: The correspondence between Sigmund Freud and C. G. Jung*. [A correspondência entre Freud e Jung] Princeton University Press.
- Mijola, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Imago.

- Penot, B. (2001). *La passion du sujet freudien: Entre pulsionnalité et signifiance*. Érès.
[A paixão do sujeito freudiano: entre pulsionalidade e significancia]. <https://doi.org/10.3917/eres.penot.2001.01>
- Priberam. (2010). *Dicionário Priberam da língua portuguesa*. Recuperado em 18 de novembro de 2022 de <https://dicionario.priberam.org/>
- Rexand, F. (2001). Stekel ou a questão da forma da cura (1906-1908). *Topique*, 76(3), 59-72.
- Roazen, P. (1979). *Freud e seus discípulos*. Cultrix.
- Roazen, P. (1982). *Como trabalhava Freud: Relatos inéditos de pacientes*. Cultrix.
(Trabalho original publicado em 1965)
- Robin, D. (2020). Partir de la pulsion d'agrippement pour penser l'attachement. L'œuvre d'Imre Hermann. [Partindo da pulsão de agarrar para pensar o apego na obra de Imre Hermann] Dans Didier Robin éd., *Dialogue entre psychanalyse et théorie de l'attachement* (pp. 51-69). Toulouse: Érès. <https://doi.org/10.3917/eres.robin.2020.01.0051>
- Roudinesco, E, & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar.
- Rudge, A. M. (1998). *Pulsão e linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Jorge Zahar.
- Salomé, A., L. (1970). *Correspondance avec Sigmund Freud (1912-1936), suivie de Journal d'une année (1912-1913)*. Gallimard

- Sèdat, J. (2009). Pulsion d'emprise: Introduction à la perversion freudienne [Pulsão de dominação: Introdução à perversão freudiana]. *Che vuoi – Revue du Cercle Freudien*, 2(32), 11-25. <https://www.cairn.info/revue-che-vuoi-1-2009-2-page-11.htm>
- Sèdat, J. (2012). *Les grandes étapes de la pensée freudienne*. [As grandes etapas dopensamento freudiano] Armand Colin.
- Simmel, E. (2022). *A autoconservação e a pulsão de morte*. Artes & ecos. (Trabalho original publicado em 1943)
- Schotte, J. « Introduction à la lecture de “Freud écrivain” », *La Psychanalyse*, 5, 1959, 51- 68.
- Schotte, J. (1982/1990). Comme dans la vie, en psychiatrie... Les perturbations de l'humeur comme troubles de base de l'existence. In: Szondi avec Freud (pp. 173-213). Bruxelles: Éditions Universitaires
- Schotte, J. (1986). Le dialogue Freud-Binswanger et la constitution actuelle d'une psychiatrie scientifique. Em *Phénoménologie, Psychiatrie, Psychanalyse* (pp. 55-78). Paris: Echo-Centurion
- Spielrein, S. (2021). *A destruição como origem do devir*. Artes e Ecos. (Trabalho original publicado em 1912)
- Stekel, W. (1910). *Die Sprache des Traumes*. Wiesbaden: Bergmann.
- Trevisan, A. (2022). A retomada da pulsão d'emprise. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 19(2), 121–142. <https://orcid.org/0000-0001-8251-0183>

Trevisan, A., & Antloga, C. (2022). Do dever ao devir: A pulsão de apoderamento e o supereu no trabalho. In C. Antloga, M. L. G. Santos & R. G. Rossafa (Orgs.), *Psicanálise e trabalho: Ser e sofrer no trabalho contemporâneo* (pp. 15-40). CRV.

Trevisan, A., Vivès, J-M, & Maesso, M. C. (2022a). Sobre a justificativa em separar a crueldade da dimensão epistemofílica da pulsão de apoderamento. *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 24(1), 167-180. <http://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/533>

Trevisan, A., Vivès, J-M., & Maesso, M. C. (2022b). Porque precisamos diferenciar a pulsão de apoderamento da pulsão de morte. *Revista Latino de Psicop. Fund.*, 25(4), 504-523. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rlpf/i/2022.v25n4>.

Trevisan, A., Vivès, J. M., & Maesso, M. (2023). Do (in) passe da tradução ao problema da nomeação: A insistência de Bemächtigungstrieb. *Revista Subjetividades*, 23(3), 1–11. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i3.e13538>

Trevisan; A, & Bertoche; L, S. D (2023) A Metapsicologia da pulsão de apoderamento: Considerações sobre a constituição psíquica. *Rev Humanidades & Inovação..* (pp. 18-28). Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8683>

Trevisan, A., Vivès, J-M, & Maesso, M. (no prelo). Considerações sobre a criação e a destruição a partir da pulsão de apoderamento. *Rev. Psicologia. Teoria e Pesquisa*

Trevisan, A., & Maesso, M. (no prelo). Crossfit: Um destino estético para a pulsão de apoderamento. *Rev. Psicologia em Estudo*

- Trevisan, A., & Vivès, J-M. (no prelo). Considerações sobre as Origens do psiquismo: Uma Releitura Contemporânea da Pulsão de Apoderamento. *Revista Latino de Psicop. Fund.*
- Vivès, J.-M. (2018). A Pulsão Invocante e os Destinos da Voz. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 7(1). <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2009.v7i1.%p>
- Vivès, J.-M., & Orrado, I. (2021). *Autismo e mediação: Bricolar uma solução para cada um*. Aller.
- Vives, J.-M., & Orrado, I. (2023). Riscado à assinatura. Um exemplo de solução sintomática numa pessoa autista. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental* , 26 , e220952. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e220952>
- White, K. (2010). Notes on “Bemächtigungstrieb” and Strachey’s translation as “instinct for mastery” [Notas sobre “Bemächtigungstrieb” e a tradução de Strachey como “pulsão de dominação”]. *The International Journal of Psychoanalysis*, 91(4), 811-820. <http://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2010.00354.x>
- Weiss, E. (1970). Sigmund Freud as a consultant: recollections of a pioneer in psychoanalysis. Intercontinental Medical Book Corp.
- Weiss, E. (1953) "Federn's Ego Psychology and its Application to Agoraphobia", in *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v.1, Nova York, p.614-628.
- Zimerman, D. E. (2008). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Artmed.

